



70 anos **em primeira pessoa** *histórias de vida e universidade*

 EDITORA
A UNIÃO

 Editora
UFPB

70 anos
em primeira pessoa
histórias de vida e universidade



GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA

João Azevêdo Lins Filho
Governador

Lucas Ribeiro
Vice-governador

Nonato Bandeira
Secretário da Comunicação Institucional



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Amanda Lacerda
Diretora Administrativa, Financeira e de Pessoas



EDITORA
A UNIÃO

Alexandre Macedo
Gerente Executivo

Clara de Freitas
Gerente Executivo



Gráfica
A UNIÃO

Nilton Tavares
Gerente Executivo de Produção Gráfica

Marcio Oza
Gerente Operacional de Artes Gráficas

Impressão
Gráfica A União



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Terezinha Domiciano Dantas Martins
Reitora

Mônica Nóbrega
Vice-Reitora



Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento
Diretora Geral da Editora UFPA

Aline dos Santos Deiró
Vice-Diretora da Editora UFPA

Rildo Coelho
Coordenador de Editoração

Ana Gabriella de Carvalho e Mônica Câmara
Projeto gráfico, Diagramação e Capa

Alex de Souza
Edição de textos

Gregório Pereira de Vasconcelos
Revisão

CONSELHO EDITORIAL – EDITORA UFPA

Geysa Flávia C. de Lima Nascimento – Presidente | Editora UFPA
Alexandre Coelho Serquiz | Ciências da Saúde
Daniel Araújo de Macedo | Engenharias
Eduardo Rodrigues Viana de Lima | Ciências Exatas e da Natureza
Franklin Kaic Dutra-Pereira | Ciências Biológicas
José Ferrari Neto | Linguística, Letras e Artes
Maurício Rombaldi | Ciências Humanas
Milton César Costa Campos | Ciências Agrárias
Tiago Bernardon de Oliveira | Ciências Humanas
Márcia Félix da Silva | Interdisciplinar
Viviane da Costa Freitas | Ciências Sociais Aplicadas

70 anos
em primeira pessoa
histórias de vida e universidade



EDITORA
A UNIÃO



Editora
UFPA

João Pessoa
2025

1ª Edição – 2025

Aprovado através do Edital 002/2025 – Editora UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Publicação de livros – Editora UFPB

Direitos autorais © EPC/Editora A União, Editora UFPB e autor(es) – 2025.

Direitos de publicação cedidos de forma exclusiva às Editoras coeditoras pelo prazo previsto em contrato.

É vedada a reprodução, distribuição ou comercialização desta obra, total ou parcial, sem autorização prévia e expressa das Editoras.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

Catálogo na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

- S495 70 anos em primeira pessoa : histórias de vida e universidade /
[Editora A União, Editora UFPB] (organização). - João Pessoa :
Editora UFPB, 2025.
278 p. : il.
- E-book.
Modo de acesso : <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>
ISBN: 978-65-5942-318-7
1. Memórias. 2. Autobiografias. 3. Universidade. I. Editora UFPB. II.
Empresa Paraibana de Comunicação. III. Título.

UFPB/BC

CDU 82-94

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS ÀS:



Av. Chesf - Distrito Industrial, 451.
João Pessoa - PB CEP 58082-010
Site: www.auniao.pb.gov.br/institucional/editora-a-uniao
Instagram: @editoraahuniao
E-mail: comercialauniao@pb@yahoo.com.br
Telefone: (83) 3218.6544



Cidade Universitária, Campus I
Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa - PB CEP 58.051-970
Site: www.editora.ufpb.br
Instagram: @editoraufpb
E-mail: atendimento@editora.ufpb.br
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à

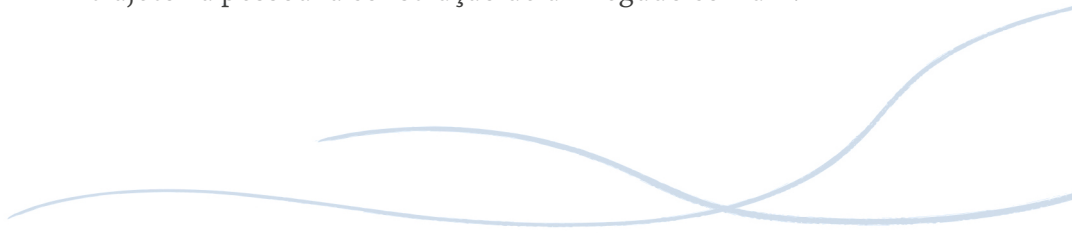




Apresentação

Há livros que surgem de uma urgência e outros, que se formam com a calma dos que entendem que o tempo é também um autor. Este se inscreve nessa segunda ordem, porque foi sendo tecido de maneira contínua, em diálogos, lembranças e nas vozes que se dispuseram a revisitar o passado para compreendê-lo como parte viva do presente. É um livro que emerge da memória e da coragem de transformá-la em palavra, movida pelo desejo de converter experiência em partilha, de fazer do vivido não apenas registro, mas afeto compartilhado, cuidado com a história e reconhecimento do caminho percorrido.

A Universidade Federal da Paraíba chega aos 70 anos com uma história que se confunde com a própria história da educação pública no estado. São décadas de trabalho silencioso e visível, de formação e transformação, de acolhimento e descoberta, de portas que se abriram para tantos e tantas que viram, na universidade, a possibilidade de um novo começo. As páginas que se seguem revelam fragmentos desse percurso coletivo, onde a vida acadêmica e a vida cotidiana se misturam em narrativas que unem o conhecimento à experiência, a pesquisa à emoção, a trajetória pessoal à construção de um legado comum.



A publicação deste livro é fruto da parceria entre a Editora Universitária da UFPB e a Empresa Paraibana de Comunicação/Editora A União, duas instituições públicas que reconhecem a importância de dar forma à memória e de assegurar que ela permaneça acessível, compartilhada e viva. Ambas se encontram no propósito de preservar e difundir o que é público, fortalecendo os vínculos entre a universidade e a sociedade que a sustenta. Essa colaboração vai além do ato editorial; representa a soma de esforços em torno de um ideal comum, o de valorizar o saber produzido nas trajetórias humanas, o de escutar as histórias que construíram a universidade e o de reconhecer, no plural das vozes, a força que sustenta o ensino, a cultura e a vida intelectual da Paraíba.

Cada texto deste volume é um testemunho do quanto a universidade pública é feita de pessoas, de presenças que atravessam o tempo e que, de alguma forma, continuam habitando os espaços por onde passaram. São professores que encontraram na docência um modo de servir ao conhecimento; estudantes que descobriram em si mesmos a capacidade de sonhar mais alto; servidores que mantiveram o cotidiano funcionando com dedicação e sensibilidade. Cada narrativa revela a universidade não como uma instituição abstrata, mas como um organismo vivo, feito de gestos, encontros e permanências.

Ao longo desta leitura, o leitor perceberá que as histórias reunidas aqui se cruzam como fios de um mesmo tecido, compondo uma trama que respira pertencimento e gratidão. Elas se entrelaçam em gestos, lembranças e sentidos que revelam como o tempo vivido dentro da UFPB se converte em aprendizado, memória e movimento. Em cada relato há a confiança de que aqueles que hoje caminham e os que ainda chegarão a esses espaços possam encontrar, nos mesmos corredores, novas formas de existir, conviver e aprender com o outro, renovando continuamente o sentido público e humano da universidade.

Que esta leitura desperte lembranças, provoque encontros e inspire novos caminhos. Que seja, também, um convite para olhar a universidade como espaço de vida e de afeto, de descobertas e resistências, de humanidade e de futuro. Porque lembrar é uma forma de permanecer e publicar é uma maneira de agradecer ao tempo e às pessoas que o tornaram possível.

João Pessoa, Dezembro de 2025.

Geysa Flávia Câmara de Lima

Diretora da Editora UFPB

Naná Garcez

Diretora da Empresa Paraibana de Comunicação





Sumário

<i>Uma vida de fé, docência e compromisso com os direitos humanos</i>	12
<i>De menino sonhador a guardião de memórias</i>	20
<i>70 anos em 5: escrever (n)a UFPB</i>	32
<i>A trajetória de José Ciriaco Sobrinho, o Capitão Potiguar</i>	40
<i>Entre laços</i>	48
<i>Reprogramando a rota... A UFPB mudou minha trajetória!</i>	54
<i>Percursos e desafios na criação de um mestrado</i>	62
<i>Do Cine Aruanda ao altar</i>	72
<i>A amizade que nasceu no jornalismo</i>	78
<i>Ritos de Passagem</i>	88
<i>SAE Familiar: cuidado, inclusão, ciência e transformação</i>	96
<i>O começo de uma jornada nas Letras Clássicas</i>	104
<i>Entre o saber e o sentir: minha caminhada pela UFPB</i>	112
<i>Desafios e legados na Educação em Saúde</i>	120
<i>Entre a permanência e a esperança</i>	134
<i>Entre placas e histórias</i>	140
<i>Entre a travessia pessoal e o mito da meritocracia</i>	148
<i>70 anos de UFPB, 10 anos de mim</i>	156
<i>Pontos luminosos de uma trajetória bufonesca</i>	160
<i>Minha história na UFPB</i>	168
<i>Entre experiências andragógicas e saberes produzidos</i>	174
<i>Metamorfoses, vivências e descobertas</i>	182
<i>Do sonho à celebração</i>	190
<i>Ancoragens</i>	198

Da estudante à servidora: a universidade que me atravessou 206

Minhas vivências na graduação em biblioteconomia 214

Psoríase e UFPB: uma história de cuidado, inclusão e afeto 222

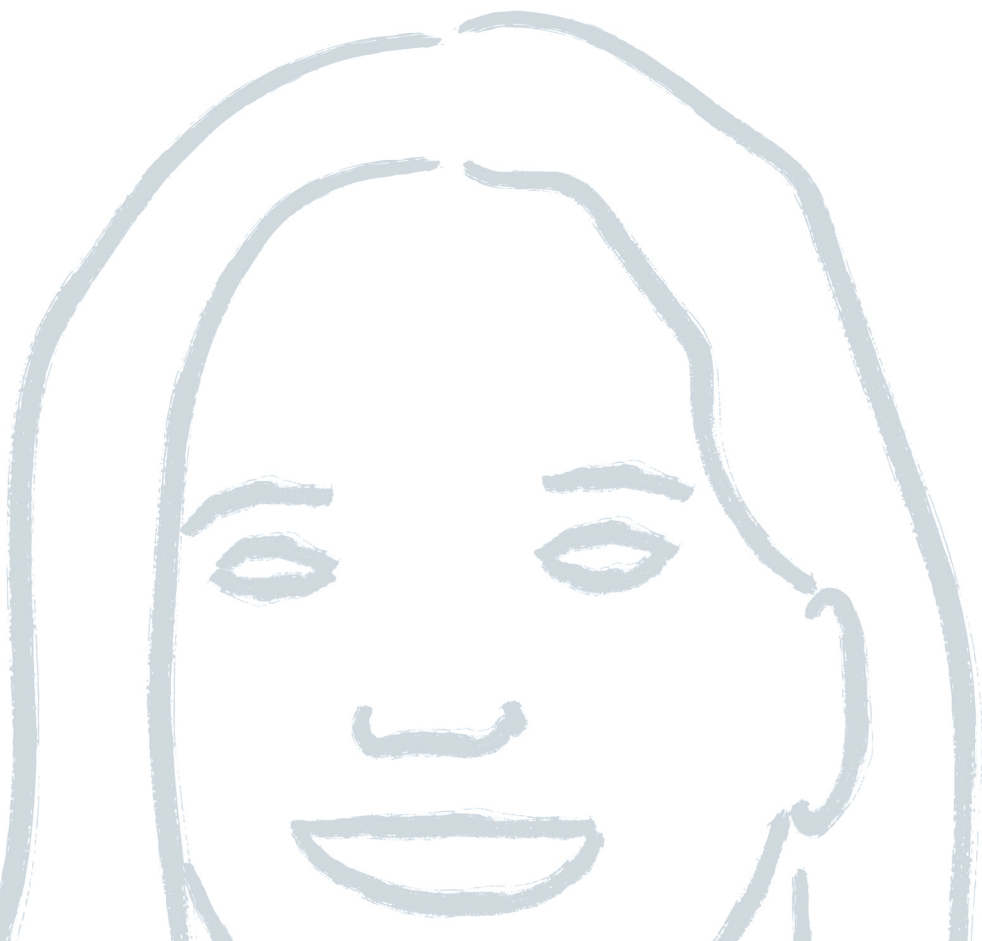
*Impressões de uma vida: paixão, trajetória e o sentido
de um ofício* 230

*Um sonho ao alcance de todos: o projeto Intensivo
Pré-Vestibular* 242

Na trama da vida: tecendo os fios da memória 250

*Podcast 'em pauta': uma nova era com práticas pedagógicas
digitais* 262

Memória viva 270



Uma vida de fé, docência e compromisso com os direitos humanos

Luiz Couto

Nasci em Soledade, no Cariri paraibano, em uma família simples, profundamente marcada pela fé e pelo senso de justiça. Desde cedo aprendi que a vida se constrói de escolhas e que, muitas vezes, é preciso coragem para se colocar ao lado dos mais vulneráveis, mesmo quando o caminho é estreito e exige firmeza de espírito. Essas lições permaneceram comigo e moldaram minha trajetória acadêmica, pastoral e política, tornando-se decisivas quando cheguei à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), espaço onde pude transformar a fé em ação e o conhecimento em compromisso com a vida.

Quando cheguei à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o país respirava com dificuldade sob o peso da ditadura militar, em tempos em que o medo e a vigilância se infiltravam nas salas de aula, e o silêncio parecia mais seguro que a palavra. Eu havia escolhido cursar Filosofia, movido pelo desejo de compreender a condição humana e de encontrar, na reflexão, uma forma de resistência que me

permitisse manter viva a esperança em tempos de censura e repressão, e trouxe esse espírito para minha sala de aula. A universidade, para mim, era muito mais do que um espaço de formação intelectual; era refúgio e trincheira, território onde o pensamento crítico florescia em meio às incertezas e onde cada ideia, mesmo sussurrada, representava um gesto de democracia.

Após concluir a graduação, permaneci na Universidade Federal da Paraíba, agora do outro lado da sala de aula, iniciando minha trajetória como professor em um tempo marcado pela censura e pelo desejo de mudança.

Nos primeiros anos da década de 1970, como professor de Metodologia da Ciência em diversos cursos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), percebi que a universidade podia ser mais que um espaço de ensino e pesquisa: era também um território de resistência pacífica, de diálogo e de construção de consciência. Muitos colegas e estudantes viviam sob o olhar constante da Assessoria de Segurança e Informação (ASI), o braço repressivo da ditadura militar instalado dentro da própria instituição, e sabíamos que qualquer palavra poderia ser interpretada como ameaça. Ainda assim, mantive a convicção de que pensar e ensinar eram atos de coragem, e decidi não abrir mão da autonomia intelectual nem da responsabilidade ética que a docência exige. A vida acadêmica, nesse contexto, aprofundou em mim o sentido de cidadania e justiça e reforçou a certeza

de que a educação, quando vivida com compromisso e fé, é uma das mais poderosas formas de transformação social.

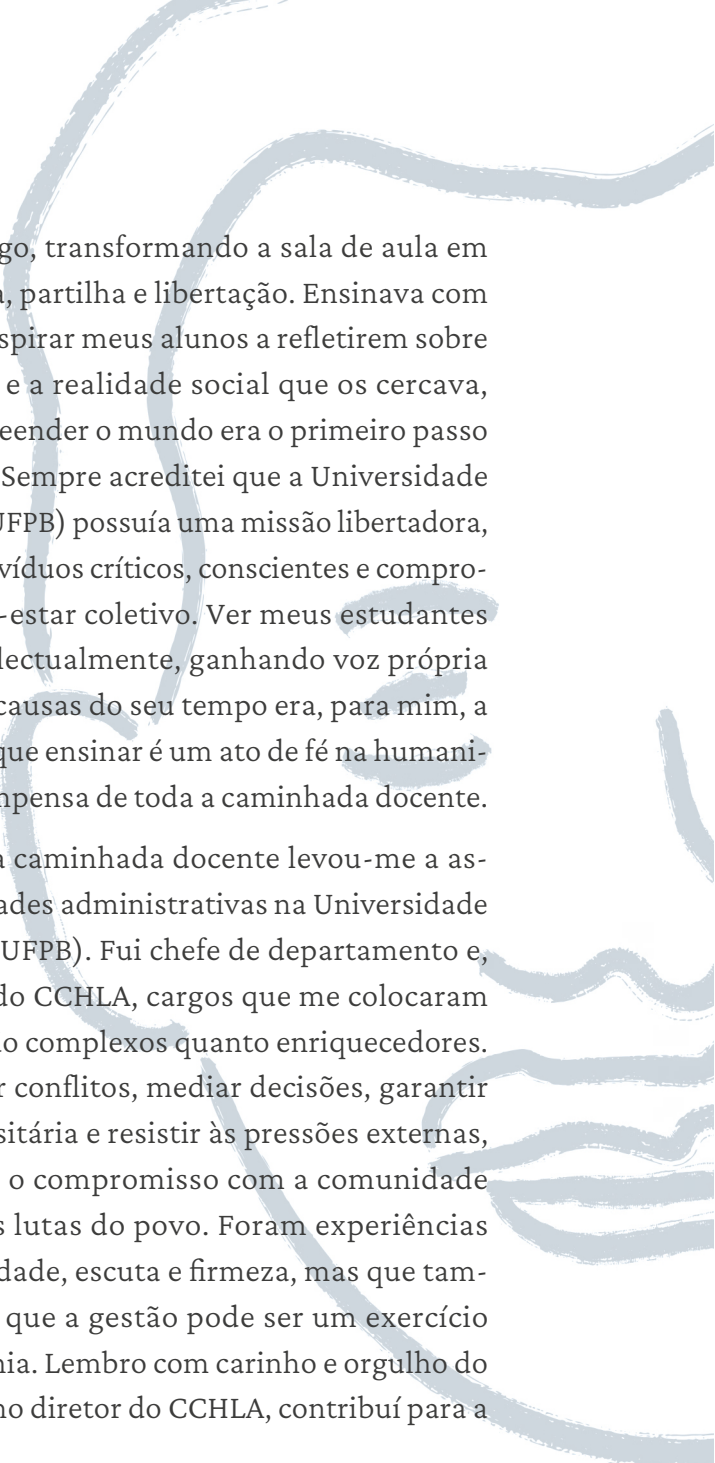
Esta fé, que crescia junto com a experiência docente, foi fortalecida pela minha formação religiosa. Como padre progressista, influenciado pelas Comunidades Eclesiais de Base e orientado por Dom José Maria Pires e Dom Hélder Câmara, aprendi a perceber que fé e política não são caminhos opostos, mas trilhas que se encontram na defesa da dignidade humana. Descobri que não se pode separar a vida espiritual do compromisso com os pobres e marginalizados, porque a justiça social é também uma forma de oração. Esta consciência acompanhou-me quando ingressei na UFPB como professor, e foi ela que transformou o ato de ensinar em um gesto de partilha e de fé: partilha de experiências, de sonhos e de esperanças, fé no poder do conhecimento e na capacidade do ser humano de reinventar o mundo pelo pensamento crítico e pela solidariedade.

Assumi a docência no Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA), ministrando disciplinas como Metodologia, Ética, Sociologia e Filosofia Política, e logo compreendi que a sala de aula podia ser também um espaço de partilha e transformação. Procurava fazer das minhas aulas um lugar de diálogo, onde a teoria se encontrava com a vida e a reflexão nascia do cotidiano dos alunos, unindo o saber acadêmico à experiência humana. Lembro-me das

longas discussões sobre a ditadura, os direitos humanos, a desigualdade social e a cidadania, momentos em que muitos estudantes, pela primeira vez, percebiam a força de questionar o mundo à sua volta e de reconhecer-se como sujeito da própria história. Esta convivência intensa entre pensamento e realidade, entre professor e aluno, reforçou em mim a certeza de que a educação é, acima de tudo, um instrumento de liberdade e um ato contínuo de fé na capacidade humana de mudar o destino coletivo.

Ser professor naquele período não era tarefa simples, pois o ambiente universitário ainda respirava sob a tensão da ditadura e o peso da vigilância constante. Como padre progressista e homem de esquerda, sentia de perto o olhar vigilante da Assessoria de Segurança e Informação (ASI). Vi colegas perseguidos e afastados, estudantes monitorados e, em alguns casos, presos por ousarem pensar diferente. Embora não tenha sido formalmente punido, sabia que cada aula era observada e que minha voz poderia ser interpretada como “subversão”. Aprendi, então, a conjugar coragem e prudência sem jamais renunciar aos princípios que me formaram. Permanecer fiel à consciência era, naquele contexto, um ato de resistência, e nunca aceitei o silêncio diante da injustiça, porque silenciar seria negar a própria razão de ensinar.

A docência, para mim, sempre foi uma extensão natural do sacerdócio, um modo de exercer o ministério pela



palavra e pelo diálogo, transformando a sala de aula em um espaço de escuta, partilha e libertação. Ensinau com paixão, buscando inspirar meus alunos a refletirem sobre a ética, a cidadania e a realidade social que os cercava, certos de que compreender o mundo era o primeiro passo para transformá-lo. Sempre acreditei que a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) possuía uma missão libertadora, capaz de formar indivíduos críticos, conscientes e comprometidos com o bem-estar coletivo. Ver meus estudantes amadurecendo intelectualmente, ganhando voz própria e engajando-se nas causas do seu tempo era, para mim, a prova mais clara de que ensinar é um ato de fé na humanidade e a maior recompensa de toda a caminhada docente.

Com o tempo, a caminhada docente levou-me a assumir responsabilidades administrativas na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Fui chefe de departamento e, mais tarde, diretor do CCHLA, cargos que me colocaram diante de desafios tão complexos quanto enriquecedores. Era preciso negociar conflitos, mediar decisões, garantir a autonomia universitária e resistir às pressões externas, sem perder de vista o compromisso com a comunidade acadêmica e com as lutas do povo. Foram experiências que exigiram serenidade, escuta e firmeza, mas que também me ensinaram que a gestão pode ser um exercício profundo de cidadania. Lembro com carinho e orgulho do período em que, como diretor do CCHLA, contribuí para a

criação do SEAMPO, o Setor de Assessoria aos Movimentos Populares, que mais tarde se transformou no NUSEAMPO, espaço de diálogo entre a universidade e os movimentos sociais. Guardo ainda viva a lembrança de uma eleição para diretor do CCHLA do início da década de 1980, quando o resultado legítimo escolhido pela comunidade acadêmica foi desconsiderado pelo governo ditatorial e um interventor nomeado, o Arael Menezes. Foi um tempo de indignação, mas também de aprendizado, em que compreendi que a defesa da democracia e da autonomia universitária não se faz em discursos, e sim na persistência cotidiana, na coragem de resistir e na convicção de que a liberdade é uma construção coletiva.

Posteriormente, exerci a função de chefe de gabinete do reitor Neroaldo Pontes de Azevedo, experiência que ampliou minha compreensão sobre a complexidade da gestão universitária e me permitiu observar de perto os desafios administrativos, financeiros e políticos que envolvem uma instituição pública. Neste período, busquei contribuir para o fortalecimento da integração entre ensino, pesquisa e extensão, promovendo também projetos culturais e sociais que aproximassem a universidade de seu papel transformador na sociedade. Cada decisão, cada diálogo e cada iniciativa eram guiados pela convicção de que a UFPB deveria permanecer fiel à sua missão de inclusão e de compromisso com o conhecimento, tor-

nando-se, cada vez mais, um espaço de aprendizado, cidadania e esperança.

Em 1994, atendendo ao convite de amigos da universidade e da Igreja, decidi candidatar-me a deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores, movido pela convicção de que a política, assim como a docência, pode ser um instrumento de transformação social. Desde então, vivi dois mandatos como deputado estadual (1995-1998 e 1999-2002) e cinco como deputado federal (2003-2007, 2008-2011, 2012-2015, 2016-2019 e 2023-2026), sempre orientado pelos mesmos princípios que aprendi nos corredores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB): ética, solidariedade e compromisso com o bem comum. Mesmo após deixar a sala de aula, mantive vínculos profundos com a universidade, destinando anualmente emendas parlamentares voltadas ao seu fortalecimento institucional e ao desenvolvimento de projetos que reafirmassem sua função social. Tenho especial orgulho de ter apoiado a criação e consolidação do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos (NCDH), vinculado ao CCHLA, cuja trajetória o transformou em referência no Nordeste na promoção da cidadania, dos direitos humanos e da cultura de paz. Acompanhar este crescimento foi, para mim, uma maneira de continuar a missão que a UFPB me ensinou desde o início: transformar vidas por meio do conhecimento, da justiça social e da esperança.

A UFPB, para mim, sempre foi muito mais do que um local de trabalho; foi território de fé, aprendizado, resistência e militância, onde pude compreender, a cada gesto e a cada encontro, o verdadeiro sentido da educação como prática de liberdade. Em cada estudante vi nascer uma esperança e, em cada aula, a possibilidade de semear mudanças que ultrapassavam os limites da sala e se expandiam pela vida. Hoje, ao revisitar essa trajetória, reconheço que a universidade foi o berço das minhas convicções mais profundas, o espaço onde aprendi a unir fé e razão, teoria e prática, amor e política, compreendendo que a transformação do mundo começa no ato simples, porém revolucionário, de educar com ética, solidariedade e compromisso humano.

Minha história na UFPB continua pulsando em minha memória, nas ações que realizo e nas palavras que compartilho sempre que falo sobre educação, cidadania e direitos humanos. Cada lembrança, cada rosto e cada gesto que fizeram parte dessa caminhada permanecem como sementes que ainda germinam no presente. Considero um privilégio ter vivido anos de aprendizado, luta e esperança dentro de uma universidade pública, democrática e comprometida com a formação de cidadãos conscientes, críticos e engajados, onde aprendi que ensinar é, acima de tudo, um modo de acreditar no futuro e de reafirmar, todos os dias, a força transformadora da educação.

De menino sonhador a guardião de memórias

Gersonilson Ribeiro Honorato

A história de uma instituição é feita de muitas vozes. Cada servidor, cada estudante, cada docente deixa nas paredes e nos corredores da Universidade marcas que, somadas, formam a memória viva de uma trajetória coletiva. Ao longo de seus 70 anos, a Universidade Federal da Paraíba se construiu assim: pela soma de vidas que se entrelaçaram à sua missão de ensinar, pesquisar e servir à sociedade.

É nesse espírito de preservação da memória que compartilho a minha caminhada. Minha trajetória profissional nasceu e amadureceu dentro da UFPB, e contar essa história é, ao mesmo tempo, reviver lembranças pessoais e contribuir para a narrativa maior da instituição.

Mais do que uma recordação individual, este relato é um registro da presença silenciosa e constante de tantos servidores que, como eu, encontraram na UFPB não apenas um local de trabalho, mas um espaço de pertencimento, aprendizado e transformação.

Nasci em 1962, na cidade de Campina Grande/PB, e desde muito cedo aprendi que o trabalho fazia parte da vida. Filho de uma professora dedicada e de um pai que vivia em constantes viagens a trabalho, cresci acompanhando minha mãe em suas rotinas escolares, pois não havia com quem me deixar. Foi ao seu lado, entre salas de aula e cadernos corrigidos, que passei a reconhecer o valor da disciplina, da paciência e da entrega.

Essa convivência me marcou profundamente. Ao ver meus pais sempre envolvidos em suas responsabilidades, passei a carregar comigo o desejo de trabalhar, de colaborar em casa e de conquistar autonomia. Ainda menino, com apenas nove anos, passei a vender picolés, bombons e biscoitos nas ruas, além de ajudar vizinhos em pequenos serviços, como a limpeza dos jardins, em troca de algum dinheiro. E, aos 14 anos, eu insistia com minha mãe que queria um emprego fixo. Esse era o meu sonho, pois já compreendia que o trabalho poderia abrir portas para o futuro.

Ela, sempre atenciosa e preocupada comigo, buscava me ajudar recorrendo a conhecidos e procurando uma oportunidade que pudessem me oferecer um começo digno. Foi assim que, tendo sido ela aluna exemplar do Colégio Alfredo Dantas e reconhecida por seu empenho, conseguiu me apresentar ao professor Severino Lopez Loureiro, diretor da instituição e amigo do então professor Sebastião

Guimarães Vieira, diretor do Centro de Ciência e Tecnologia (CCT) da UFPB, Campus II, à época na cidade de Campina Grande. Sensibilizado com o pedido da minha mãe, o professor Loureiro me encaminhou ao amigo, acreditando que ele poderia abrir as primeiras portas da minha trajetória profissional. Contudo, minha mãe ainda retornou três vezes à UFPB, mas, infelizmente, não obteve êxito.

Certo dia, tomei coragem e decidi ir sozinho. Peguei uma carona e segui rumo à universidade. Fiquei aguardando a passagem do professor Sebastião e, quando ele apareceu, juntei toda a coragem que um adolescente de 14 anos poderia ter. Aproximei-me e disse, com a firmeza de quem sonhava alto, mesmo sendo tão jovem:

– Quero uma oportunidade para trabalhar.

Ele me olhou surpreso e um pouco intrigado com minha atitude, e perguntou:

– Mas você sabe fazer o quê, rapaz?

A única resposta que me veio foi a mais sincera:

– Eu quero trabalhar. Sei fazer de tudo.

E antes que ele pudesse me dar um não, adiantei-me e disse logo:

– Professor, professor, ia me esquecendo: foi o professor Loureiro, do Colégio Alfredo Dantas, quem pediu para o senhor me dar um emprego.

Ele então me encaminhou para conversar com a secretária do CCT, à época a professora Lindaura Pereira. Ela também me perguntou o que eu sabia fazer. Respondi que ainda só estudava, mas que estava disposto a aprender, a me dedicar e a ser útil. Foi quando ela me ofereceu a primeira oportunidade: eu poderia começar como office boy, entregando documentos pela Universidade. Sem hesitar, aceitei, e ela pediu que eu voltasse no dia seguinte, pontualmente, às oito horas da manhã.

E assim, em 14 de junho de 1976, no reitorado do professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, iniciei minha trajetória na Universidade Federal da Paraíba. Eu ainda era adolescente, cheio de incertezas, mas com a convicção de que aquele seria o primeiro passo de uma caminhada que já dura quase cinco décadas.

No começo, minhas funções eram simples: entregar documentos, realizar pequenos serviços, sempre disposto a ajudar. Com o tempo, outras tarefas foram surgindo. Recordo-me de quando, certa vez, pediram que eu servisse café, e o fiz com dedicação. Pouco depois, chegou à Universidade uma novidade tecnológica que despertava curiosidade em todos: a máquina de xerox, responsável por tirar cópias.

Ninguém sabia manusear aquele equipamento e eu, curioso e persistente, me dispus a aprender. Assim, passei

a assumir novas responsabilidades, deixando de ser apenas o menino que entregava papéis para me tornar aquele que dominava uma máquina moderna e indispensável ao dia a dia da instituição.

O tempo passou e, com pouco mais de um ano de trabalho, em 1º de outubro de 1977, minha carteira profissional foi assinada oficialmente, com o cargo de recepcionista. Agora, além de aprender, eu também acolhia as pessoas, orientava visitantes e, em muitos momentos, era a porta de entrada da Universidade.

Com os anos, fui amadurecendo e me profissionalizando. Aprendi a operar máquinas de datilografia, adaptei-me a cada mudança e aproveitei todas as oportunidades de crescimento. Naquela época, ainda não existia concurso público como conhecemos hoje; os ingressos aconteciam, em grande parte, por meio de indicações. No meu caso, foi a confiança que minha mãe conquistou entre seus conhecidos que abriu aquela primeira porta.

Assim começou a minha jornada dentro da UFPB: uma história nascida da coragem de um menino de 14 anos, disposto a trabalhar, e que hoje soma quase 50 anos de dedicação ao serviço público federal.

Com o tempo, minha caminhada na Universidade começou a ganhar novos contornos. O Centro de Ciências e Tecnologia do Campus II da UFPB estava em plena expan-

são e, entre 1976 e 1978, o professor Sebastião Guimarães Vieira assumiu a direção, sendo o sexto a ocupar aquele cargo recém-criado. Pouco depois, em 1979, ele se tornaria o primeiro Pró-Reitor para Assuntos do Interior (PRAI), responsável pela administração dos campi espalhados pelo interior do estado.

Foi nesse cenário de mudanças que também a minha vida profissional tomou um novo rumo. Deixei para trás a função de recepcionista e passei a exercer o cargo de Agente Administrativo. Já não era apenas o jovem que entregava papéis ou que aprendia a lidar com novas tecnologias; minhas responsabilidades aumentaram, e eu mergulhava no universo da gestão acadêmica.

O trabalho envolvia o controle de documentos, a organização de agendas, o apoio a diversos setores e departamentos, além do contato direto com relatórios e correspondências. Aos poucos, comecei a compreender a engrenagem administrativa que sustenta uma instituição tão grande como a Universidade Federal da Paraíba.

Os anos seguintes trouxeram desafios e oportunidades que marcaram profundamente a minha trajetória. A convite do professor Hamilton Medeiros de Azevedo, assumi o cargo de Secretário do Departamento de Engenharia Agrícola da UFPB. Nesse período, alcancei uma conquista significativa: a conclusão do curso de graduação em Administração, em

1991 que se tornou base sólida para todas as funções que ainda estavam por vir.

Mais adiante, recebi um novo convite, desta vez do professor Mário Eduardo Rangel Moreira Cavalcanti Mata, para atuar como Secretário do Núcleo de Tecnologia em Armazenagem. Foi nesse contexto que obtive uma vitória decisiva: a aprovação em concurso público para nível superior em Administração, um reconhecimento que consolidava oficialmente a dedicação de tantos anos ao serviço público.

Com minha atuação cada vez mais reconhecida, nos anos 2000, fui convidado pelo professor José de Arimatéa Menezes Lucena para integrar a equipe da Universidade Federal da Paraíba, no Campus I, localizado na cidade de João Pessoa. Prontamente, aceitei o convite e passei a exercer a função de Assessor da Superintendência de Recursos Humanos, atual Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), experiência que ampliou minha visão institucional e me aproximou de processos administrativos de grande relevância.

Ao longo dos anos, participei de diversas comissões estratégicas da Universidade, entre elas:

- Comissão Permanente de Processo Administrativo Disciplinar (CPPAD/CPRAD), órgão auxiliar da Reitoria;

- Comissão Eleitoral responsável pela escolha dos cargos de Reitor e Vice-Reitor da UFPB;
- Comissão Permanente de Concursos da UFPB (COPERVE);
- Comissão do Sistema de Seleção Unificada (SISU);
- Comissão de Segurança da UFPB.

No âmbito acadêmico, também estive próximo à formação de novos profissionais, atuando como:

- Secretário da Coordenação do Curso de Biblioteconomia;
- Chefe do Laboratório de Informática desse curso;
- Membro do Colegiado de Biblioteconomia.

Cada uma dessas funções me permitiu contribuir de forma prática para o fortalecimento da instituição e, ao mesmo tempo, aprender com colegas, professores e estudantes que sempre enriqueceram a minha caminhada.

A busca pelo conhecimento sempre me acompanhou. Na UFPB, concluí a Especialização em Gestão de Recursos Humanos, apresentando o trabalho “Mapeamento de Competências na Coordenação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba”, sob a orientação da professora dra. Emeide Nóbrega Duarte (HONORATO, 2009).

Mais tarde, dei um passo ainda maior ao ingressar no Mestrado Profissional em Gestão nas Organizações Aprendentes, onde defendi a dissertação “A Informação como Fundamento para Otimização dos Serviços Administrativos da Coordenação do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFPB”, orientada pelo professor Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire e coorientada pela professora Dra. Isa Maria Freire (HONORATO, 2012).

Essas conquistas acadêmicas simbolizaram mais que títulos: confirmaram que aquele jovem de 14 anos, que um dia buscou apenas uma oportunidade, havia encontrado na Universidade não apenas trabalho, mas um propósito de vida.

Hoje, ao completar quase cinquenta anos de dedicação, não carrego apenas a satisfação de uma longa carreira, mas o orgulho de ter honrado as raízes daquele menino simples, filho de professora, que ousou sonhar. Minha vida profissional se confunde com a própria trajetória da UFPB, e isso, para mim, é motivo de honra e gratidão.

Se um dia iniciei essa caminhada pedindo apenas uma oportunidade, concluo agora com a certeza de que sou parte da construção de uma instituição que transformou e continuará transformando vidas. E essa, sem dúvida, é a maior recompensa que um servidor público pode alcançar.

Foram décadas de desafios, conquistas e responsabilidades assumidas com seriedade, sempre com o propósito de fortalecer a UFPB e apoiar a formação de milhares de estudantes que passaram por seus corredores. Servir a esta Universidade foi, acima de tudo, um ato de pertencimento: cada documento organizado, cada processo acompanhado, cada comissão da qual participei, cada setor por onde passei, tudo fez parte de um compromisso maior com a educação pública, gratuita e de qualidade.

Contudo, mais do que um legado profissional, esta trajetória é também um testemunho humano. Cada passo que dei foi carregado de fé, esperança e amor por uma instituição que me acolheu ainda menino. A UFPB não apenas moldou minha carreira: moldou minha vida, deu sentido à minha existência e fez de mim alguém capaz de acreditar na força transformadora da educação.

Deixo aqui não apenas memórias, mas também um apelo à sensibilidade: que cada pessoa que adentre os portões desta universidade reconheça que ela não é feita apenas de paredes, papéis ou cargos, mas de histórias de vida, de sonhos que encontram solo fértil para florescer. E entre esses sonhos está o meu, que, iniciado em um pedido tímido de oportunidade, hoje se eterniza como parte da própria memória da UFPB.

Minha trajetória se encerra em palavras, mas continua pulsando nos corredores da UFPB, onde sempre ecoará a voz daquele menino que ousou sonhar.

REFERÊNCIAS

HONORATO, Gersonilson Ribeiro. **Mapeamento de competências na Coordenação do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFPB**. 2009. Monografia (Especialização em Gestão de Recursos Humanos) – Faculdade de Tecnologia Internacional, João Pessoa, 2009.

HONORATO, Gersonilson Ribeiro. **A informação como fundamento para otimização dos serviços administrativos da Coordenação do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFPB**. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão nas Organizações Aprendentes) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.



70 anos em 5: escrever (n)a UFPB

Diego dos Santos Reis

O ano era 2020. No país, a pandemia de covid-19 e a gestão política inepta da crise epidemiológica desaguavam no cenário funesto que nos assombrava. As mortes, contadas às centenas todos os dias, faziam contrastar as cifras abstratas aos nomes e rostos de pessoas bem conhecidas por nós; vidas inumeráveis reduzidas a números enunciados hora após hora nas atualizações de jornalistas de plantão – *inenarráveis*.

Assim na morte como na vida, com escolas e universidades fechadas, o ensino remoto emergencial explicitava disparidades e desapareições. Em meio à asfixia que tornava impossível o respiro, a experiência da distância alongava esperas e estreitava esperanças, mascarada e soterrada por sobre corpos insepultos e risos impunes. Entre sons de ambulâncias que cortavam a cidade e motocicletas apressadas com entregas frenéticas, a barreira entre quem podia ficar em casa, em distanciamento social, e quem se expunha aos perigos da morte evidenciava a linha de corte que marca histórias, trajetórias e travessias. *Linha de cor*

que, como nomeia W. E. B. Du Bois (2023), ainda no limiar do século XIX, desenha as desigualdades do capitalismo global, a partir de barreiras raciais que retraçam limites a oportunidades e direitos. Direito de viver.

Em contexto de emergência, a experiência educativa foi mediada por telas, salas virtuais, câmeras fechadas e solidão acentuada. Os olhares, as intervenções espontâneas, gargalhadas, questionamentos e diálogos, não raro, miniaturizados em tentativas – muitas vezes infrutíferas – de promover uma formação com *sentido*, embora os sentidos também tivessem ficado em segundo plano, em nome de uma escuta fantasmal. Eventualmente, por conta de um acidente, uma câmera ou um microfone ativados ao acaso revelavam o eco do interior das casas: painéis apitando, crianças correndo, música alta ao fundo, o fluxo das águas de torneiras que revelavam, inadvertidamente, uma presença em movimento. A nós, no esforço dos retornos desejados, a interação abrupta expunha que, por cada fresta e janela virtual, a vida ainda escapava. Pulsava. E, vivas, nos quartos ou nas salas de estar, famílias inteiras acompanhavam os cursos, construía pontes e percursos que, de Norte a Sul, do Nordeste ao Sudeste, diminuía as lonjuras e os lamentos.

Tempo de contrações e de contrastes, foi nesse cenário de dor e luto que a nomeação como professor da UFPB alterou completamente o rumo de minha vida. A alegria

quase criminosa naquele momento abafou a alvissareira notícia que, do cerco caseiro, esgarçou as paredes do pequeno apartamento e distendeu meus horizontes a João Pessoa, lotado no Departamento que nutriu tantos sonhos meus. *“Sonho meu, sonho meu... vai buscar quem mora longe, sonho meu...”*.

No chão da educação, os fundamentos. No chão da vida, a história e a trajetória do menino periférico se inscreviam em uma das maiores e mais importantes instituições do Nordeste. Comigo vieram familiares, vizinhos, pessoas amigas, professoras/es inestimáveis cujos nomes igualmente se inscrevem em meus caminhos e inspiram os passos mais firmes nesta terra. Esses sujeitos coletivos nos sonharam nos espaços de produção de conhecimento. Sonharam com aqueles/as que, em seu nome, germinariam, firmes como mandacarus, nesse chão. Como afirma em negra voz a escritora Conceição Evaristo (2021), “o importante não é ser o primeiro, mas abrir caminho”.

Em 2020, a distância, tomei posse e ingressei na instituição que celebrava os seus joviais 65 anos. O tempo e o vigor são as marcas do encontro entre a experiência e juventude. Reinventar o chão das possibilidades é também projeto nosso, com respeito e reconhecimento às pessoas que vieram antes de nós e aquelas que, nas travessias, virão depois, sem perder a esperança e a indignação. Aqui, em um mesmo espaço, histórias, caminhos e pessoas de várias

gerações têm suas histórias atravessadas pelo comum. Pela comunidade acadêmica e pelo compromisso inegociável de defesa da educação pública, laica, plural, e pela pesquisa e extensão socialmente referenciadas. É dessa comum unidade, que se afirma na diferença, que emerge a força da transformação que nos faz esperar, de modo muito ativo, dias melhores. Naquele contexto, a esperança tinha o nome de vacina e, apesar de todo negacionismo, anticientificismo e tantos *ismos* e *cídios* que custaram a vida de mais de 700 mil pessoas, foi pelo fruto do trabalho dos laboratórios de pesquisa de universidades do mundo todo que a imunização nos permitiu retornar. Um retorno impossível, é bem verdade, porque nunca houve um “novo normal” diante do luto insuperável e do fantasma que segue nos assombrando e exigindo justiça. Mas, vacinados, pudemos nos fazer presentes, novamente, em espaços efervescentes, onde o pensamento, a reflexão crítica e as práticas tornaram-se antídotos fundamentais contra o tédio, a dor, a injustiça e os mitos que se nutrem do ódio para semear a morte.

E lá se vão cinco anos... Uma fração pequena de tempo comparada aos 70 anos desta jovem instituição, mas que, para mim, significaram revolução. Ensinar-e-aprender se concretizaram em verbos pavimentados com afeto, cuidado, engajamento e amizade. E se foi necessária resistência, em muitos momentos, para não arrefecerem os ânimos

e a vivacidade das lutas, também não faltaram sorrisos, palavras firmes e coletivos que, pós-pandemia, abriram os braços para nos receber e fortalecer os passos de quem sabe que é “impossível ser feliz sozinho”. São eles que, todos os dias, me ensinam a força e a boniteza de ser-com, de pensar conjuntamente, na diferença, e reafirmar os laços de amorosidade e pertença de quem se sabe passagem, caminho e travessia rumo aos lugares mais distantes de nós – ainda que discursos de ódio e intervenções teimem em nos assombrar.

Com o retorno presencial em 2022, a chegada ganhou outros contornos. Corredores cheios, burburinho de gente, olhos flamejantes e salas habitadas. Gente como a gente, sem mediação de telas, ocupadas em inscrever sua presença em um mundo comum, em reconstrução, acimentado por nossa teimosa esperança. Como não se emocionar ao pisar nesse chão? Quantas/os de nós não estávamos mais presentes? Em memória de cada uma dessas pessoas, seguimos com seus nomes costurados nos nossos, nas tessituras que não conhecem pontos finais, porque transbordam no que resta depois de nós – e permanece.

É de Conceição Evaristo (2020) o ensinamento das artes das escrevivências, das escritas de nós. É trazendo seu nome e lição, também, que ensaio escrever no rastro dos últimos 5 anos, como o espaço-tempo tem me marcado de modo tão radical. Das raízes desse chão, me vejo,

vivo e escrevo como quem passa, atravessado por muitas histórias de vida. De um centro a outro; de um corredor à sala; de uma passagem a outra, vejo a universidade repleta de pessoas como nós. Em cada canto, em cada ponto e parada, o movimento da juventude que se sabe realizadora dos próximos 70 anos. E que teima em sonhar a universidade como destino e espaço de utopias, lutas, sabenças e encontros que mudam o curso da história. E de tantas histórias, como a minha, retraçadas, em primeira pessoa, nesta cidade universitária.

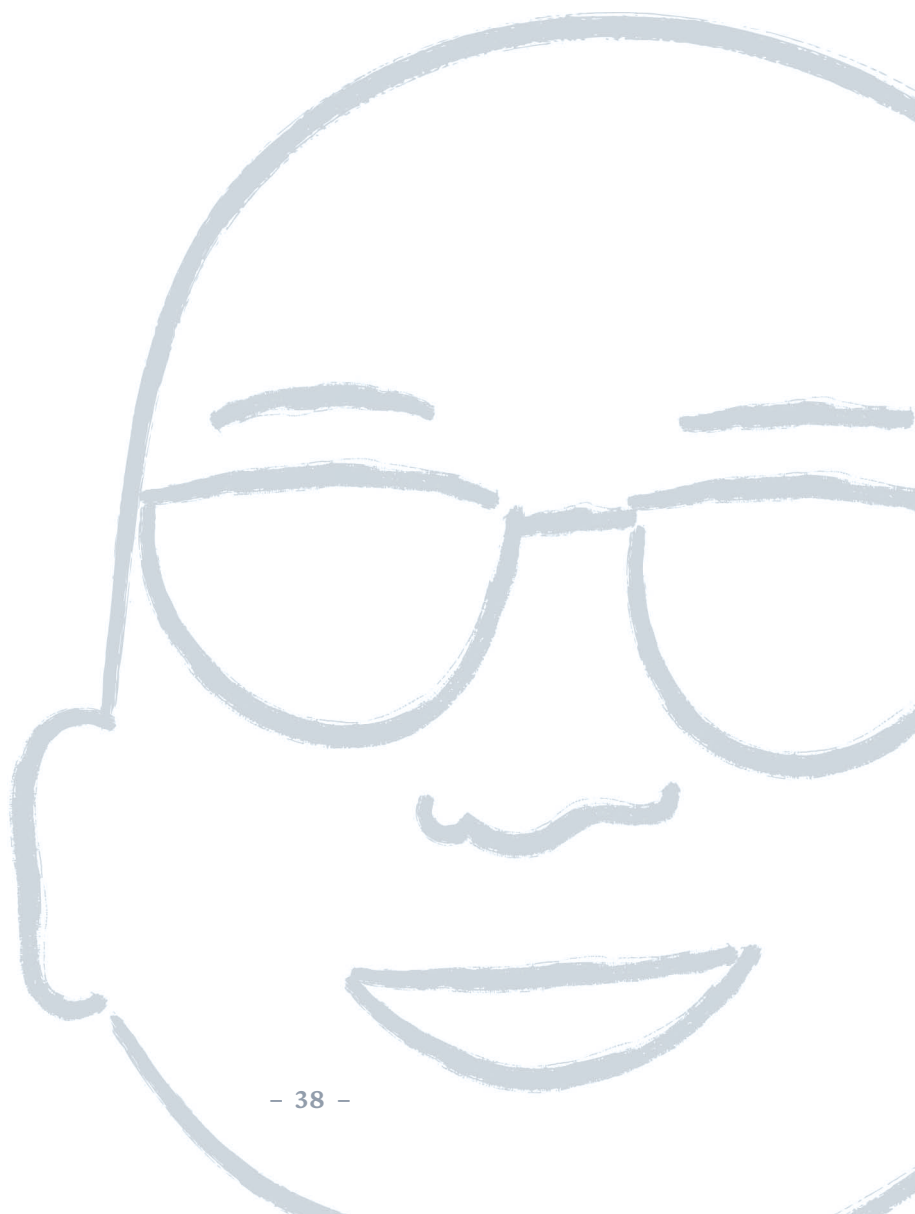
Na memória encarnada, radica o horizonte festivo que me move. Em festa, celebro os 70 como quem sabe que a longevidade se nutre de lutas, políticas públicas e enfrentamentos cotidianos em nome do compromisso institucional que nos une. E do projeto de vida que materializa, no tempo presente, a universidade com a qual sonhamos.

REFERÊNCIAS

DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia**. Um Estudo Social. Organização, tradução e notas: Cristina Patriota de Moura. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.

EVARISTO, Conceição. “A escrevivência e os seus subtextos”. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Roda Viva. **YouTube**, 06 de setembro de 2021. 97min 02s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk> >. Acesso em: 15 de setembro de 2025.





A trajetória de José Ciríaco Sobrinho, o Capitão Potiguara

Kelly Emanuely de Oliveira

Estêvão Martins Palitot

Jaqueline Ciríaco da Costa

Fred Karakará Potiguara

Laiza Monteiro da Silva

Luigi Carlos Andrade do Nascimento

José Ciríaco Sobrinho, Capitão Potiguara, nasceu em 21 de maio de 1957, na aldeia São Francisco, terra indígena Potiguara, município de Baía da Traição (PB). Filho de Manoel Ciríaco e Maria José Ciríaco, e neto de Pedro Ciríaco, este último reconhecido como uma das mais importantes lideranças na mobilização do povo Potiguara no século XX. O avô, pai e tio foram suas primeiras referências para compreender a importância da luta pelo território. Sua paixão pelo futebol lhe outorgou o apelido da aldeia: Capitão. Tendo de sair da aldeia para estudar em Rio Tinto, onde terminou a 8ª série em 1978, foi morar em João Pessoa no ano seguinte, com a família. A fim de conseguir melhores condições de vida, sem um “patrão”, começou a trabalhar na Universidade Federal da Paraíba. Em setembro de 1979, influenciado por familiares que já haviam migrado para

João Pessoa com apoio do antropólogo Frans Moonen, ingressou como trabalhador terceirizado em serviços gerais no Campus I da UFPB, atuando na limpeza e, logo depois, no Restaurante Universitário. Em pouco tempo ficou conhecido como Índio.

A primeira fase de sua permanência na UFPB (1979-1985) foi dedicada a atividades operacionais. Em 1985, conseguiu transferência para a Biblioteca Central, onde permaneceu até 1996. Neste período, mais especificamente em 1987, com os concursos internos que efetivaram servidores públicos no país, foi aprovado como servidor federal. Durante estes primeiros anos, Capitão ganhou grande reconhecimento entre os funcionários da UFPB. Sua dedicação em dialogar sobre a importância de valorização dos povos indígenas agregou diversos colegas docentes, técnicos e estudantes, e pontualmente foi ganhando espaço em esferas que possibilitaram a valorização do seu povo.

Ampliando seus conhecimentos administrativos e fortalecendo a compreensão sobre como a Universidade poderia ser um espaço de diálogo e cooperação com os povos indígenas, Capitão passou a dialogar em diversas instâncias. No Hospital Universitário auxiliava indígenas que vinham das aldeias em tratamento de saúde. No SINTESPB - Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior do Estado da Paraíba, conseguiu 10 vagas para indígenas em um cursinho pré-vestibular ainda na década

de 1990, antes dos processos de cotas no país. Sua dedicação à valorização dos povos indígenas cresceu dentro e fora da UFPB, mobilizando a atenção sobre questões indígenas na universidade.

Em 1996, após a realização do I Seminário de Estudos Indígenas da UFPB, Capitão foi convidado a fazer parte do Seampo - Setor de Estudos e Assessoria a Movimentos Populares, ligado ao CCHLA –Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Neste setor, Capitão fundou o Grupo de Trabalho Indígena (GT Indígena), junto com a professora Annelina Trigueiro de Lima Gomes, conhecida como Neta, do Departamento de Comunicação, então no CCHLA.

O grupo iniciou em 1997 o Projeto de Extensão Potiguara, atuando na promoção e valorização das identidades étnicas e visibilização dos povos indígenas no Nordeste. Depois deste, que focou na etnodocumentação do povo Potiguara, vieram projetos de registro do povo Xukuru, em Pernambuco. O GT também possibilitou ampliar a formação de estudantes da graduação e pós-graduação nesses processos, levando alguns destes a darem continuidade à atuação junto aos povos indígenas, como os autores deste ensaio.

Com a mobilização pelo acesso dos indígenas ao ensino superior, o GT Indígena passou a agregar cada vez mais indígenas nos projetos, sendo também espaço catalisador de lideranças jovens Potiguara, que utilizavam o espaço do Seampo para estudos sobre etnologia, mobilização social

e política, além de multiplicarem as ações de projetos educacionais e de desenvolvimento sustentável. Ao longo dos anos, os professores e técnicos foram se alternando na coordenação conjunta do GT Indígena, mas Capitão sempre esteve à frente desta, passando a ter uma atuação cada vez mais orgânica na Universidade.

No período de diálogos sobre cotas nas universidades públicas, teve atuação fundamental na mobilização dentro da UFPB. Em 2004, quando a instituição iniciou de fato os diálogos sobre a adesão ao processo de expansão de universidades públicas federais, Capitão promoveu os diálogos com a Reitoria e mobilizou lideranças indígenas, docentes e políticos do Litoral Norte para fortalecer a proposta da criação de um Campus que pudesse atender ao seu povo. O resultado foi o Campus IV da UFPB, iniciado em 2005, e o direcionamento de um curso voltado aos indígenas. Assim nasceu o curso de graduação em “Antropologia e Culturas Indígenas”, posteriormente reorganizado como Bacharelado em Antropologia, sediado em Rio Tinto, o qual, na sequência, originou o Programa de Pós-Graduação em Antropologia na UFPB, atualmente com Mestrado e Doutorado. Durante dois anos, Capitão frequentou o curso de graduação em Antropologia como aluno regularmente matriculado. Porém a rotina de trabalho, estudos e constantes viagens a Brasília pelo movimento indígena deixaram pouco tempo para seguir na graduação.

Neste período, também já era reconhecida a sua atuação como liderança indígena em nível nacional, tendo participado de diálogos em diversos espaços institucionais. Na UFPB, o Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão (CONSEPE) aprovou, em 2011, a política afirmativa, por meio da Resolução nº 09/2010. A partir daí, tornou-se crescente o número de indígenas nas salas de aula da Universidade, em sua maioria Potiguara. Sua vivência comunitária e seu conhecimento institucional tornaram Capitão um articulador respeitado dentro e fora da UFPB. Com a ampliação do acesso à Universidade, o nome Índio passou a ser cada vez menos usado, pois ele já não era mais uma rara exceção no espaço universitário da Paraíba.

O contato com o movimento indígena nacional potencializou sua visão de que a universidade não deveria ser um espaço apartado das aldeias, mas sim um canal de fortalecimento cultural e político. Ele assumiu a defesa de que as informações, recursos e oportunidades acessados na UFPB deveriam retornar para as bases nas aldeias, nutrindo processos de formação, memória e autonomia.

Participando de projetos de extensão, ações de apoio a estudantes indígenas e articulações políticas para garantir educação diferenciada e oportunidades de formação, incentivou a participação de jovens Potiguara em eventos acadêmicos, culturais e políticos, compreendendo que a

juventude era central para a continuidade da luta territorial e identitária.

Sua atuação reflete uma perspectiva estratégica: fortalecer a universidade como ponte para o fortalecimento das comunidades, aproveitando suas estruturas, conhecimentos e redes para dar visibilidade às demandas e projetos indígenas. Esse posicionamento contribuiu para aproximar a UFPB das realidades e necessidades dos Potiguara, além de ampliar o reconhecimento institucional da importância de políticas voltadas aos povos indígenas.

Capitão defende até os dias atuais que a educação, para ser de fato um instrumento de emancipação, deve estar enraizada no território e dialogar com os saberes tradicionais, evitando reproduzir o apagamento cultural. Essa postura ajudou a influenciar práticas pedagógicas e iniciativas de valorização cultural na UFPB e nas escolas indígenas.

Ele se aposentou em 2016, mas continua com presença ativa na UFPB, seja no Campus I, ou no Campus IV. Sua presença é constante em eventos envolvendo os povos indígenas, inclusive em reuniões junto à Reitoria, na busca de benefícios aos estudantes indígenas – segundo dados da PRAPE, cerca de 700 pessoas em 2025!

Sua presença é permanente em projetos de extensão como o Anama, curso direcionado à formação de lide-

ranças jovens no povo Potiguara, que a cada ano atende cerca de 60 indígenas. No Anama, Capitão tem presença inspiradora, servindo de referência de respeito por toda a sua história de luta pela presença indígena na educação superior.

Sua trajetória é exemplo de como a presença indígena nas universidades pode ir além da ocupação de cargos e funções, tornando-se uma ferramenta de articulação política, fortalecimento cultural e mediação institucional. Entre aldeia e universidade, Capitão construiu pontes que não apenas beneficiaram o povo Potiguara, mas cuja influência contribuiu significativamente para a própria UFPB, favorecendo a coconstrução de conhecimentos, a troca de saberes e a propulsão de iniciativas voltadas ao fortalecimento da formação de novas lideranças indígenas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA JÚNIOR, Fernando de Souza. **De Cacique a Prefeito:** organização social e política dos índios Potiguara de Baía da Traição. Dissertação PPGS/UFPB. João Pessoa: 2008.

LUCENA, Jamerson Bezerra. **“Índio é índio onde quer que ele more” Uma etnografia sobre índios Potiguara que vivem na região metropolitana de João Pessoa.** Dissertação PPGA/UFPB. João Pessoa: 2016.

LUCENA, Jamerson Bezerra. **“Yo soy Capitão Potiguara”:** la trayectoria de vida de un líder indígena desde la aldea hasta la

Universidade Federal da Paraíba. Revista Desacatos; Tlalpan Ed. 70, (Sep-Dec 2022): 162-171.

PALITOT, Estêvão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór**: história, etnicidade e cultura. Dissertação PPGS/ UFPB. João Pessoa: 2005.

Filmes e Documentários

Capitão Potiguara – Guarini Atã. Produzido por Jaqueline Potiguara e Lauro Padilha. Publicado pelo canal Lauro Padilha. Baía da Traição. Disponível em: <https://youtu.be/uQPuHGDMc-jM?si=-1mdOe2zhGhHk9iN> Acesso em: 12 agosto 2025.

Memórias Potiguara: Entrevista com Capitão Potiguara. Produzido e Publicado pelo canal Memórias Potiguara. Baía da Traição. Disponível em: <https://youtu.be/RskeykF4VPo?si=H4zFNyMziXOBdzru> Acesso em: 12 agosto 2025.

Potiguara Cast #3 – Capitão Potiguara. Produzido e publicado pelo Canal Potiguara Cast. Baía da Traição. Disponível em: https://www.youtube.com/live/oM6JwBm_SQk?si=8mdVcx9K1C2ECu5. Acesso em: 12 agosto 2025.

Entre laços

*Karllene Rachel Cacho Belchior
Raíssa Onofre de Carvalho Guerra*

Caminhar pelos corredores do CCHLA é uma experiência sensorial. Há o som de conversas entre os discentes, o murmúrio das aulas que escapa pelas portas, o cheiro de café saindo da copa. Percebemos que havia ali muitas histórias e emoções que ficavam guardadas apenas na memória de quem as vivenciava. Histórias de décadas de dedicação, de amizades construídas entre uma reunião e outra, de desafios superados, de vidas inteiras que se entrelaçavam com a própria história do Centro.

O trabalho em uma instituição como a UFPB transcende a dimensão puramente funcional. Há aqui uma troca simbólica, uma construção de relações para a vida que ultrapassa os muros da universidade. Foi a partir desse olhar, imersas no planejamento das comemorações dos 50 anos do CCHLA, que nasceu o projeto de trabalho “Entrelaços, minha história com o CCHLA”.

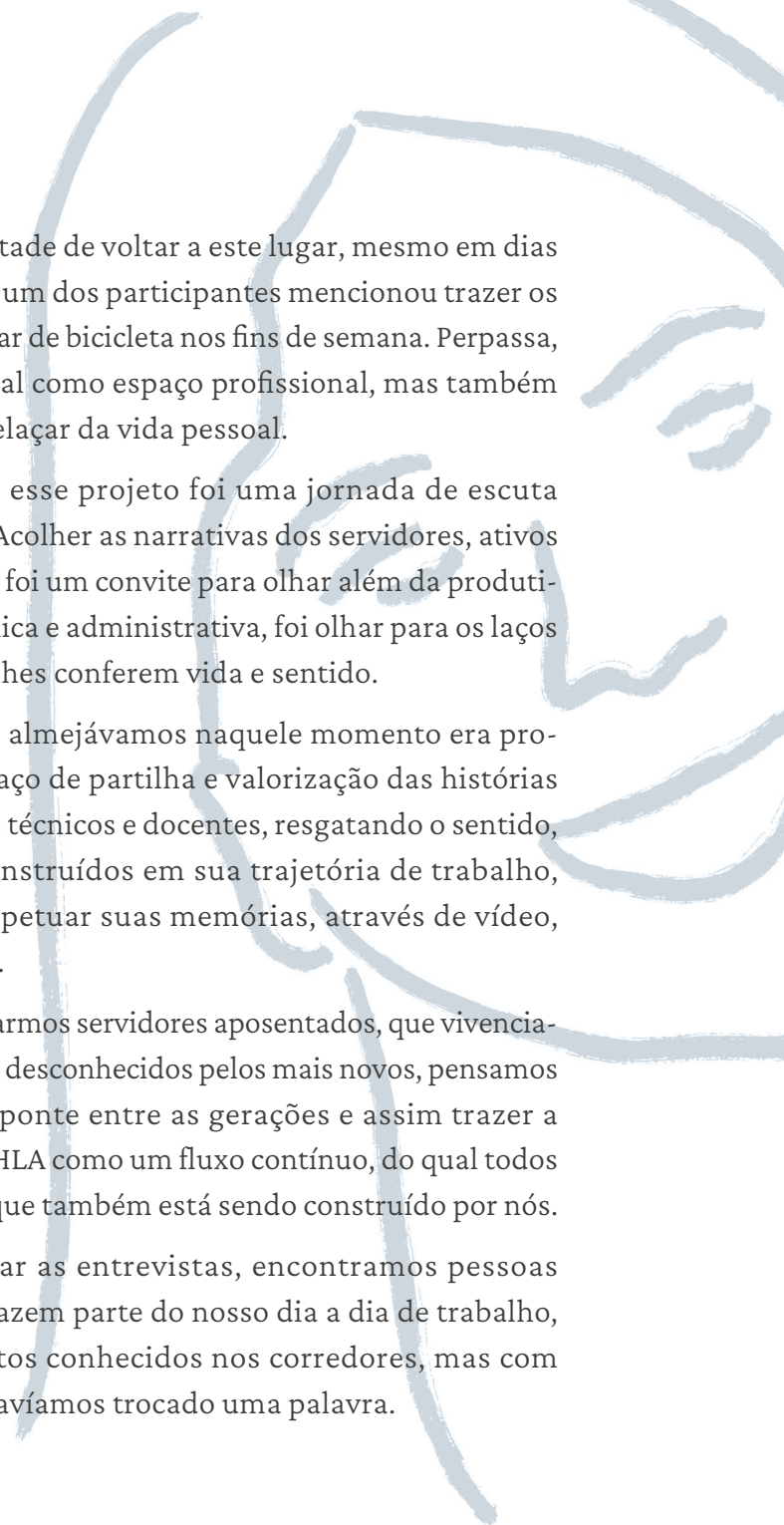
Toda semana foram lançados dois vídeos com os depoimentos de servidores e servidoras no Instagram e Youtube do CCHLA, de setembro a dezembro de 2024.

A elaboração das perguntas para o Entrelaços deixava em aberto a espontaneidade das respostas, tendo em vista que todas foram feitas aos entrevistados apenas no horário de fato das entrevistas. A intenção era buscar o mais íntimo dos sentimentos entrelaçados entre Centro universitário e servidor(a), captando assim, além das falas, as expressões faciais e gestos no vídeo.

Uma das perguntas foi “qual a melhor lembrança do seu tempo de trabalho aqui, um momento que te marcou na sua história no Centro?”. Fomos surpreendidas, pois dentre as respostas, em sua maioria, não se priorizou destacar as experiências profissionais curriculares, como a conquista de títulos ou publicações, algo muitas vezes esperado em um ambiente acadêmico. O foco foi, na verdade, as experiências sensoriais que acontecem entre os corredores do Centro e, em grande destaque nas falas, nos jardins do CCHLA.

Os jardins do CCHLA se destacam não só pelo amplo verde vivo que propicia encontros estudantis, apresentações culturais, ambiente lúdico para as crianças. Ele é cenário de ocasiões profissionais e pessoais, que se entrelaçam e marcam a história de tantas pessoas, propiciando criar vínculos de amizade, romance ou simplesmente aproveitar um momento a sós.

Há, claro, diversos outros cenários, mas o jardim, em especial, carrega uma experiência em comum aos participantes do Projeto Entrelaços: a memória de momentos



alegres e a vontade de voltar a este lugar, mesmo em dias de folga, como um dos participantes mencionou trazer os filhos para andar de bicicleta nos fins de semana. Perpassa, portanto, o local como espaço profissional, mas também como um entrelaçar da vida pessoal.

Construir esse projeto foi uma jornada de escuta emocionante. Acolher as narrativas dos servidores, ativos e aposentados, foi um convite para olhar além da produtividade acadêmica e administrativa, foi olhar para os laços humanos que lhes conferem vida e sentido.

O que nós almejávamos naquele momento era promover um espaço de partilha e valorização das histórias dos servidores, técnicos e docentes, resgatando o sentido, os vínculos construídos em sua trajetória de trabalho, registrar e perpetuar suas memórias, através de vídeo, som e imagem.

Ao convidarmos servidores aposentados, que vivenciaram momentos desconhecidos pelos mais novos, pensamos em criar uma ponte entre as gerações e assim trazer a história do CCHLA como um fluxo contínuo, do qual todos fazem parte e que também está sendo construído por nós.

Ao agendar as entrevistas, encontramos pessoas queridas que fazem parte do nosso dia a dia de trabalho, e também rostos conhecidos nos corredores, mas com quem nunca havíamos trocado uma palavra.

Ao conduzir as entrevistas, víamos as respostas brotando como flores em um jardim. Não eram histórias de produção acadêmica ou de processos abertos e arquivados, mas amizades, casamentos, abraços, vidas transformadas, afetos.

Ouvimos histórias de amor que nasceram nos corredores, amizades que se tornaram quase uma família, frutos desse entrelaçar entre vida pessoal e trabalho. Vimos ali homens e mulheres que fazem do seu cotidiano no CCHLA um pedaço indissociável da sua história de vida.

Os relatos também demonstraram que aquilo que tanto ouvimos falar na gestão de pessoas, a satisfação com o trabalho e o engajamento, não residem apenas na tarefa executada, mas principalmente nos vínculos estabelecidos. Conceitos como pertencimento foram materializados em cada história compartilhada.

Uma fonte de satisfação pessoal foi percebermos o projeto como uma forma de reconhecimento dos pares e da Instituição pela contribuição de cada uma daquelas pessoas pelos anos de dedicação e compromisso.

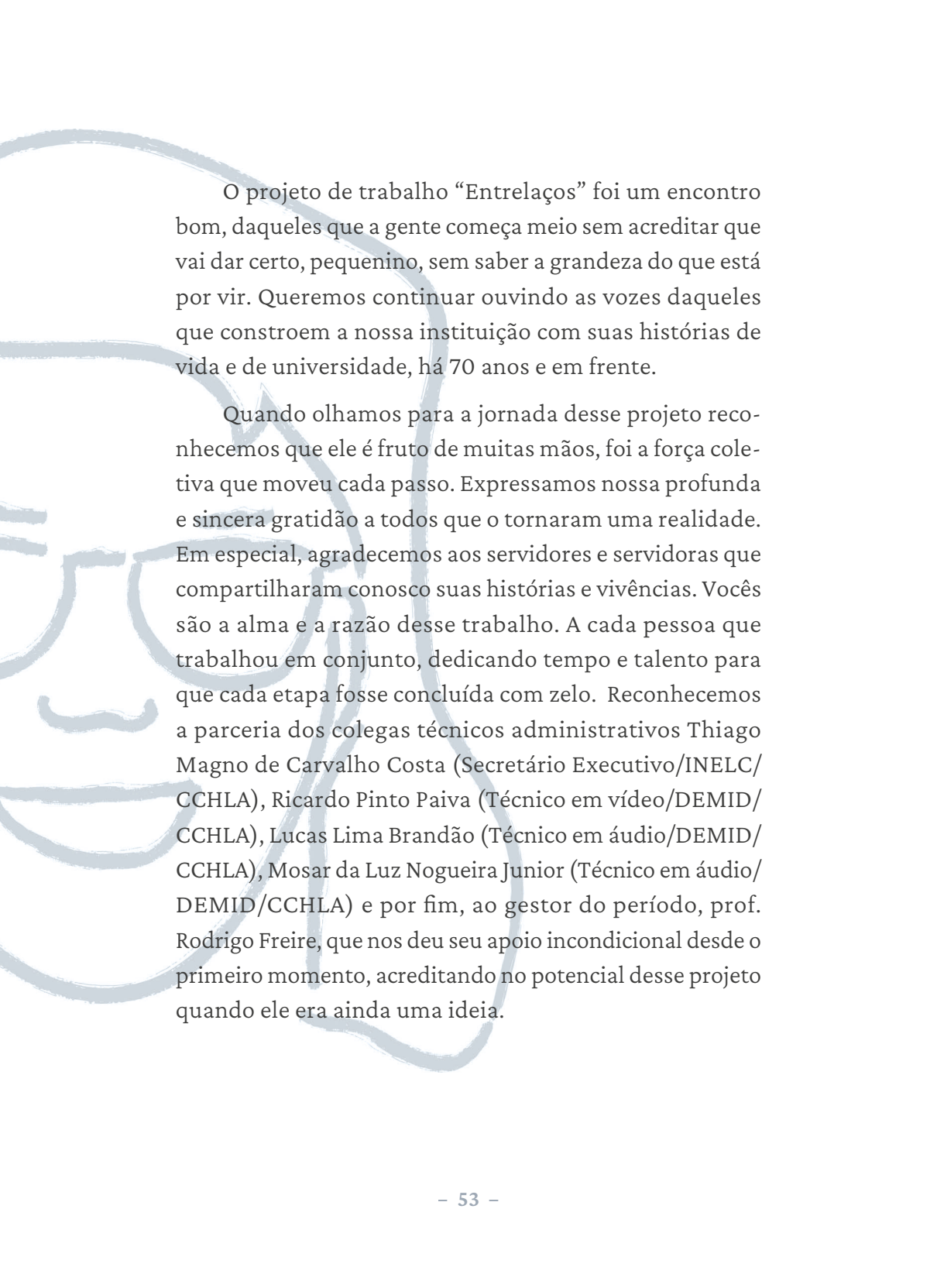
Foi comum ouvir dos entrevistados o quanto se alegravam com a formação dos alunos e com a participação em projetos de extensão que transformavam a vida de comunidades locais. Não imaginávamos o quão fortes são os vínculos, o quanto há de conexão entre a biografia de

cada um e a missão coletiva da instituição. Percebemos que a força de uma universidade pública está em seu capital humano e no compromisso com sua comunidade.

Para nós, foi possível criar um acervo de memória afetiva, mesmo que pequeno comparado ao tamanho do nosso Centro e ao volume de pessoas que por lá transitam. Essa memória não está nas atas e ofícios, nos processos, portarias ou relatórios, é a memória que “dá liga” à cultura de uma organização. Mais do que um conjunto de prédios, departamentos e funções, há uma teia de relações entre pessoas comprometidas com o que fazem e que acreditam valer a pena dedicar-se ao serviço público.

Somos imensamente gratas aos que dedicaram tempo para contar um pedacinho de suas vidas. Vimos pessoas se emocionarem ao revisitar suas trajetórias e isso também nos transformou, renovando nossa esperança. Passamos a ver os rostos nos corredores com muito mais atenção e consciência de que cada um deles carrega consigo um universo de experiências e vínculos com o CCHLA, cada um contribuindo com esse laço invisível que nos une enquanto Centro e enquanto UFPB.

Hoje, vemos nossos filhos caminhando e correndo pelos corredores e pensamos que, quem sabe um dia, eles também estarão aqui, entrelaçando suas histórias com a da UFPB.



O projeto de trabalho “Entrelaços” foi um encontro bom, daqueles que a gente começa meio sem acreditar que vai dar certo, pequenino, sem saber a grandeza do que está por vir. Queremos continuar ouvindo as vozes daqueles que constroem a nossa instituição com suas histórias de vida e de universidade, há 70 anos e em frente.

Quando olhamos para a jornada desse projeto reconhecemos que ele é fruto de muitas mãos, foi a força coletiva que moveu cada passo. Expressamos nossa profunda e sincera gratidão a todos que o tornaram uma realidade. Em especial, agradecemos aos servidores e servidoras que compartilharam conosco suas histórias e vivências. Vocês são a alma e a razão desse trabalho. A cada pessoa que trabalhou em conjunto, dedicando tempo e talento para que cada etapa fosse concluída com zelo. Reconhecemos a parceria dos colegas técnicos administrativos Thiago Magno de Carvalho Costa (Secretário Executivo/INELC/CCHLA), Ricardo Pinto Paiva (Técnico em vídeo/DEMID/CCHLA), Lucas Lima Brandão (Técnico em áudio/DEMID/CCHLA), Mosar da Luz Nogueira Junior (Técnico em áudio/DEMID/CCHLA) e por fim, ao gestor do período, prof. Rodrigo Freire, que nos deu seu apoio incondicional desde o primeiro momento, acreditando no potencial desse projeto quando ele era ainda uma ideia.

Reprogramando a rota... A UFPB mudou minha trajetória!

Fernanda Mirelle de Almeida Silva

Narro minha história contextualizando como a Universidade Federal da Paraíba implantou sonhos e reprogramou minha rota de vida: uma pessoa que nunca sequer havia saído da sua região e foi morar sozinha numa capital de outro estado.

Nascida numa pequena cidade do interior, segunda de seis filhos de uma professora do estado com 2º grau completo e de um servidor público federal que cursou até o 4º ano (antiga 4ª série), tive parte da minha formação na rede pública e somente no ensino médio que estudei em escola particular. Em 1991, mudamos de cidade na esperança de recebermos educação mais qualificada.

Após terminar o ensino médio, em 1993, fiz cursinho e tentei vestibular algumas vezes (sem muita convicção) na Universidade Federal do meu estado mas, quando não obtive sucesso, voltei para casa.

Em 2001, passei em 4º lugar no concurso público da prefeitura da minha cidade natal, para o cargo de professora de Ensino Fundamental. No entanto, fiquei inquieta pelas expectativas de possuir um curso superior, conhecer outros lugares e, principalmente, distanciar-me do destino de meninas da minha idade (seguido por muitas amigas): casar e ter filhos bem jovem.

Por influência do meu pai, conheci os livros e, através da leitura, descobri outros lugares, outras vidas, outras histórias, numa ânsia por conhecimento que me permitiu ter um atrevido sonho: ver ou, quem sabe, ser algo mais.

A partir deste atrevimento, viajei para Paraíba e, na cidade de Cajazeiras, alto sertão paraibano, me submeti ao Processo Seletivo Seriado (PSS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) almejando um curso superior.

Em 2002, abandonei o serviço público, mudei de estado e ingressei no curso de graduação, indo morar em João Pessoa/PB.

Quando obtive êxito no PSS/UFPB, as primeiras inseguranças surgiram. Como poderia deixar minha família, morar em outro estado e fazer um curso (depois percebi) com pouco (re)conhecimento social? Neste ponto, três pessoas se apresentaram como tranquilizantes ao meu espírito recém aventureiro, inexperiente e inquieto:

1) Minha mãe, ao falar: “Se não der certo, volte para casa”;

2) Meu mentor e amigo, Padre Almir (também psicólogo), que disse: “Eu acho esse curso a sua cara. Tenta! Aliás, dê esse curso para mim e depois faz a graduação que você quiser!”

3) Meu amigo e conterrâneo Milton César, graduando em Agronomia/UFPB na cidade de Areia/PB, que afirmou: “Vem! Vou te ajudando! Estarei por perto!”

Assim, em 5 de agosto de 2002, cheguei em João Pessoa/PB, morando na Residência Feminina, Rua Diogo Velho, nº 79. Com moradia, alimentação e transporte, o apoio da UFPB permitiu uma graduação com grande dedicação, movida por minha ânsia sempre em aprender.

No primeiro mês, conhecendo a cidade, as disciplinas, ainda incerta e tímida com minha escolha, recebi a notícia do falecimento de Padre Almir Lima Silva, em 16 de setembro de 2002. Estudioso, diretor pedagógico, pároco da cidade e grande incentivador de jovens, relembrei suas palavras para mim e segui na crença de que o curso era minha cara!

Desta forma, amparada pela Coordenação de Assistência e Promoção ao Estudante (COAPE/UFPB), os estudos se tornaram minha principal ocupação e preocupação, dedicando-me integralmente ao curso.

No primeiro período, durante a disciplina de Introdução, a professora, com pertencimento e paixão, desvendou a profissão, ao dissertar sobre as temáticas, habilidades esperadas e expectativas de atuação, mercado de trabalho, entre outros, projetando, assim, um futuro que buscava.

Em meio às disciplinas específicas do curso, passava minhas tardes transcrevendo material impresso para professores na sala de leitura do Centro de Educação, quando fui convidada a participar como voluntária de um projeto de pesquisa. E, logo depois, em 2003, tornei-me bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFPB), permanecendo até 2005. Docente da área de Educação, minha orientadora foi responsável pelo arcabouço científico-metodológico que beneficiou todo meu caminhar na pesquisa e na atuação laboral.

Em 2005, atuei como monitora de disciplina, interagindo em sala de aula e auxiliando a professora nas suas atividades, aplicando estudos e conhecimentos adquiridos na iniciação científica, e transformando em experiências enriquecedoras.

Iniciei o curso na UFPB no turno vespertino, no entanto muitas disciplinas foram cursadas no período noturno, oportunizando maior dedicação aos plantões da monitoria e, muitas vezes, potencializando o aproveitamento como discente. Nessa perspectiva, algumas disciplinas (e professores)

se destacaram, despertando um sonhar com pós-graduação e ampliando minhas perspectivas profissionais.

Assim, em junho de 2007, desenvolvi e defendi meu Trabalho de Conclusão de Curso. No mesmo período, fiz uma prova de concurso público de uma instituição de ensino superior paraibana, obtendo aprovação na profissão que me formei, tomando posse, em março de 2008.

Também, em março de 2008, após nove meses do término da minha graduação, iniciei minhas aulas como mestranda da UFPB em João Pessoa/PB.

Um sonho realizado, mas com grandes desafios, iniciando com a necessidade de conciliar a vida acadêmica com as responsabilidades profissionais, pois estava no período probatório, sem direito a dispensa e/ou afastamentos, somente com flexibilidade de horário. Outra questão era a distância entre João Pessoa/PB e a cidade em que estabeleci moradia, necessitando realizar o percurso três vezes na semana para assistir aulas e realizar as atividades do Mestrado.

A oportunidade de cursar um mestrado acadêmico na mesma área profissional beneficiou todo o meu olhar e atuação, sempre envolvida pelas experiências como bolsista e monitora: as ações no trabalho envoltas na teoria e os estudos teóricos contextualizados na prática: comecei a estudar meu fazer profissional!

Recebi o título de Mestra, em junho de 2010.

Dedicada ao exercício profissional, vivenciei a maternidade e, em outubro de 2013, nasceu minha filha, minha paraibana! Em meio aos desafios de ser mãe e profissional, tornei-me professora substituta na UFPB, em 2016.

Em 2018, ingressei no Doutorado na UFPB!

A entrada no doutorado foi um sonho, despertado por professoras e professores que tive e admirei. E almejar tal título estava muito além da minha realidade e da minha família, mas os últimos anos me ensinaram a acreditar... confiar no inédito!

Uma vez mais, sintonizando e aplicando a teoria estudada com a prática profissional exercida, defendi assim minha tese em março de 2023.

Importante declarar que, na jornada da minha vida, componho, com grande honra e orgulho, o corpo docente da Universidade Federal da Paraíba, tornando-me colega dos meus professores, grandes mestres e incentivadores de meus sonhos que tive e tenho, sejam acadêmicos e/ou profissionais.

As disciplinas que ministrei foram ligadas à vivência profissional, visando, segundo minha chefe de Departamento, “mostrar em sala de aula como se faz no mercado de trabalho”, almejando, com isso, contextualizações da prática laboral.

Nesse período, as orientações de Trabalho de Conclusão de Curso envolveram temáticas que tinham as práticas profissionais como base. E assim, contribuí na formação de 11 profissionais.

Até o momento, no âmbito da UFPB, colaborei como membra examinadora de 34 bancas, durante e após minha experiência como docente.

A Universidade Federal da Paraíba me permitiu sentimentos de pertencimento social, acadêmico, científico, profissional, me formou como pessoa, bibliotecária, mestra e doutora, me ofertou um orgulho da minha trajetória que levarei comigo para sempre, como parte da minha história. *Eu vivi, sonhei e realizei sonhos nunca antes vividos por alguém da minha família!*

Evidencio, com grande satisfação, que esta oportunidade recebida pela UFPB me permitiu que outros também redefinissem suas trajetórias:

- a) meu irmão (o 5º filho), aos 22 anos, se formou médico veterinário pela Universidade Federal de Campina Grande;
- b) minha sobrinha mora em João Pessoa desde os 19 anos, e é graduanda em Artes Visuais na UFPB.

O caminho se desenha no próprio ato de andar e ganha força na perseverança de quem ousa seguir seus sonhos, descobrindo nossa verdadeira direção!

Parabéns, UFPB! Que os próximos 70 anos sejam
marcados pela contínua transformação de trajetórias e
ressignificação de vidas!





Percursos e desafios na criação de um mestrado

*Carmen Gaudêncio
Sandra Souza*

Narrar a criação do Mestrado Profissional em Psicologia Clínica (MPPSICLI) da Universidade Federal da Paraíba significa, também, revisitar a história viva da universidade, dos contextos sociais e institucionais, bem como das trajetórias docentes que deram forma à ideia e à materialidade do programa. Neste ensaio, escrito em coautoria — refletindo a dupla responsabilidade de coordenação e vice-coordenação —, buscamos compartilhar um percurso coletivo que se constrói a muitas mãos e mentes atentas às necessidades de uma sociedade complexa, plural e em permanente mutação.

Nosso objetivo é registrar o significado desta proposta inovadora, tecendo uma reflexão acerca dos caminhos percorridos, das escolhas feitas e dos desafios enfrentados na construção de um espaço acadêmico-profissional comprometido com a excelência e com o impacto social transformador.

A área clínica na UFPB se consolidou ao longo de cinco décadas, movida pela missão de articular ensino, pesquisa e extensão no campo da saúde mental. O Curso de Psicologia, criado em 1974, representou uma resposta institucional à crescente demanda social por profissionais qualificados para os desafios presentes nos contextos paraibano e nordestino. Desde então, a ênfase em Psicologia Clínica tornou-se marca contínua do percurso formativo, sendo a escolha preferencial de cerca de 60% dos(as) graduados(as), conforme dados do próprio curso.

A criação da Clínica-Escola de Psicologia, em 1979, foi decisiva nesse processo. Como núcleo de ensino, pesquisa e extensão, a Clínica-Escola não apenas abrigou estágios curriculares obrigatórios e atividades complementares, como também se constituiu em espaço de atendimento à comunidade, produção científica e formação de parcerias com órgãos públicos nas áreas de saúde, educação e assistência social. Nas palavras das docentes que vivenciaram essa construção, a Clínica foi o germe da cultura da clínica ampliada na UFPB, expandindo os horizontes da atuação profissional e o escopo das pesquisas desenvolvidas no seio do Departamento de Psicologia.

Ao longo das décadas seguintes, observou-se o surgimento de programas de pós-graduação *stricto sensu* em áreas correlatas – Psicologia Social, Neurociência Cognitiva e Comportamento –, que além de fortalecer a pesquisa,

ampliaram as interfaces entre clínica, políticas públicas de saúde e novas tecnologias de avaliação e intervenção. No entanto, permaneceu latente o desejo de criar um espaço de formação profissional fortemente alinhado à tradição clínica, às demandas regionais e à visão contemporânea da saúde mental.

No contexto das transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, acentuaram-se processos de vulnerabilização e sofrimento psíquico, demandando respostas renovadas do campo da Psicologia. Vivências de desigualdades econômicas e sociais, emergência da violência estruturada, desafios relativos à saúde mental de jovens, idosos, minorias sexuais e étnicas, além das mudanças rápidas provocadas por pandemias, crises humanitárias e processos migratórios, instauraram uma nova agenda para a Psicologia Clínica (Universidade Federal da Paraíba, 2023; Conselho Federal de Psicologia, 2020).

A Paraíba insere-se, de modo particular, nessa dinâmica. O Estado, com mais de 6.900 psicólogos(as) registrados(as) e quatro grandes universidades públicas, é palco de demandas crescentes e complexas: atuação em políticas públicas de saúde (SUS), assistência social (SUAS), sistema de justiça e educação básica, além das práticas clínicas tradicionais e inovadoras (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, 2020).

Diagnósticos institucionais, conduzidos anos a fio pela gestão do curso, evidenciaram que a graduação, mesmo sólida, não era mais suficiente para dar conta da necessidade de uma reflexão clínica ampliada – comprometida não apenas com a escuta do sofrimento individual, mas também com as condições coletivas de vulnerabilidade, exclusão e violência. Era preciso formar profissionais-mestres aptos a atuar em cenários de crise e inovação, conectando ciência, técnica e responsabilidade social.

A reformulação da pós-graduação nacional – e a própria regulamentação da modalidade “mestrado profissional” – ofereceu o cenário propício para dar corpo e voz a essa necessidade, dando início ao processo de elaboração do projeto do MPPSICLI, mobilizando docentes, gestores e parceiros externos.

A clínica atual move-se em direção a uma compreensão ampliada do sofrimento humano, transcendendo modelos medicalizantes ou reducionistas, e adotando o paradigma biopsicossocial. A pluralidade dos sujeitos, suas experiências com raça, gênero, sexualidade, classe, território e cultura, impõe à Psicologia Clínica a tarefa de pensar e atuar para além das fronteiras do consultório tradicional (Minayo; Deslandes; Filho, 2019).

Acompanhamos, em nossa trajetória docente, a emergência de contextos clínicos inovadores: escolas, hospitais, centros comunitários, contexto judicial, medidas socioedu-

cativas, abrigos, comunidades terapêuticas, entre outros. O profissional clínico contemporâneo deve ser capaz de reconhecer os múltiplos determinantes da saúde mental, dialogando com as políticas públicas e comprometendo-se com a defesa de direitos, a promoção da autonomia e a inclusão social (Brasil, 2004; Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas; Conselho Federal de Psicologia, 2009, p. 23).

O MPPSICLI, ao estruturar suas linhas de pesquisa em Processos Avaliativos na Prática Profissional e Intervenções Psicológicas na Clínica Ampliada, assume como central a formação para a complexidade, evitando reducionismos e estimulando a criatividade, a escuta ética e o diálogo interdisciplinar. Formar para a clínica implica, portanto, formar para a diversidade, para a reflexão crítica e para a ação situada.

A tradição do Departamento de Psicologia da UFPB é marcada pela diversidade e pela força de suas “expertises” docentes. Fomos, ao longo dos anos, consolidando núcleos e laboratórios de excelência – LAICF, LAPECC, GPEPFE, NERCCE, LAND entre outros – que desenvolveram pesquisas de ponta, parcerias institucionais e atuação direta junto à comunidade.

Observamos, contudo, que a dispersão de esforços, a ausência de um programa próprio para a clínica no âmbito da pós-graduação profissional, e as transformações no

perfil dos egressos e das políticas acadêmicas, sinalizavam para a urgência de um espaço institucional integrador. Espaço este que pudesse acolher pesquisas aplicadas; fomentar o diálogo entre teoria e prática; produzir materiais técnicos, procedimentos e psicotecnologias; e, ao mesmo tempo, fortalecer a formação docente pela orientação de mestres-em-prática.

Foi a partir de rodas de conversa, oficinas, participação em grupos de trabalho e pesquisas colaborativas que nasceu o sentimento coletivo de que o MPPSICLI seria o *locus* natural de integração dessas “expertises”, propiciando aos docentes um ambiente vivo de inovação, ensino-aprendizagem e articulação social.

É marcante, em nosso percurso de implantação, a experiência com tentativas anteriores de constituição da pós-graduação em Psicologia Clínica. Projetos anteriores, embora ricos em conteúdo e perspectiva, esbarraram em limitações de ordem institucional, técnica e, sobretudo, na dificuldade de atender aos requisitos rigorosos estabelecidos pelos órgãos reguladores para cursos *stricto sensu* na modalidade profissional.

Esses insucessos, contudo, foram fonte de aprendizados. Amadurecemos nossos planejamentos, aprofundamos diagnósticos internos e externos, fortalecemos a interlocução com o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPB, com as diretrizes da CAPES e do Conselho Federal

de Psicologia, além de incorporar recomendações das avaliações externas.

O projeto aprovado em 2022 apresentou diferenciais incontestáveis: corpo docente altamente qualificado – todos com dedicação exclusiva, larga experiência de orientação e produção –; infraestrutura física e tecnológica de excelência; aderência a demandas regionais e nacionais; adequado alinhamento entre objetivos, perfil do egresso, linhas de pesquisa e estrutura curricular; e política de autoavaliação institucionalizada. A aprovação unânime, tanto pela comissão de área da CAPES quanto pelo Comitê Técnico-Científico (CTC) da CAPES/MEC, não foi apenas reconhecimento de mérito técnico, mas da força do trabalho coletivo e da maturidade institucional atingida.

O percurso de manutenção e fortalecimento do MPPSICLI exige vigilância permanente e práticas inovadoras de gestão. Entre os principais desafios, destaca-se a necessidade de atualização curricular constante, acompanhando as rápidas transformações do conhecimento em clínica e as demandas do contexto social.

A sustentabilidade do corpo docente – em número, qualidade e integração – representa outra frente sensível, sobretudo diante de restrições orçamentárias e da crescente competição por recursos e espaços de formação avançada. A ampliação e consolidação de parcerias interinstitucionais, seja para pesquisa, extensão ou campo de prática, são

estratégias indispensáveis para a oferta de experiências formativas robustas, garantindo perenidade e relevância ao programa.

Além disso, permanece o desafio de equilibrar a demanda crescente de candidatos(as), vindos/as de diferentes regiões do país, com a manutenção de padrões elevados de excelência acadêmica e ética, bem como de impacto social responsável – desenvolvendo produtos, intervenções e metodologias que reverberem para além dos muros da universidade.

Finalmente, é preciso destacar que a dinâmica institucional requer a constante qualificação dos processos de autoavaliação, fundamental para ajustes finos na estrutura curricular, atualização das práticas pedagógicas e fortalecimento dos indicadores de produção, impacto e internacionalização.

O Mestrado Profissional em Psicologia Clínica da UFPB nasce da convergência entre memória, presença e projeto de futuro. É resultado de trajetórias docentes singulares e coletivas, da escuta atenta às transformações sociais e institucionais, e da capacidade de reunir expertises em torno de uma proposta inovadora, robusta e comprometida com a saúde mental pública e social.

Ao celebrar o septuagenário da UFPB, este ensaio reitera nosso reconhecimento ao papel da universidade

pública como agente de transformação e produção de conhecimento, aberta à pluralidade e preparada para responder – de modo ético e competente – aos desafios contemporâneos.

A aposta em um Mestrado Profissional em Psicologia Clínica, comprometido com a inovação, com a escuta ampliada e com a formação orientada ao impacto social, é um convite a toda a comunidade acadêmica para renovarmos, a cada ciclo, o nosso pacto com a ciência, com a justiça e com a vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_mental_atencao_psicossocial.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação do/a psicólogo/a no SUAS**. Brasília: CFP, 2009. Disponível em: https://crepop.pol.org.br/arquivos/suas_referenciastecnicas.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **XVI Plenário: Políticas Públicas e Psicologia**. Brasília: CFP, 2020. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/11/CFP-Políticas-Publicas-2020.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS
EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Censo da
Educação Superior 2020: Notas Estatísticas.** Brasília:
Inep, 2021. Disponível em: [https://download.inep.gov.
br/educacao_superior/censo_superior/notas_estatis-
ticas/2021/notas_estatisticas_censo_educacao_supe-
rior_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/notas_estatisticas/2021/notas_estatisticas_censo_educacao_superior_2020.pdf). Acesso em: 20 set. 2025. *estatisticas/2021/
notasestatisticascensoeducacaosuperior2020*

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira;
FILHO, Nilton Alves (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e
criatividade.** 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Proposta de
Programa/Curso Novo – Mestrado Profissional em
Psicologia Clínica.** João Pessoa: UFPB, 2023. Documento
interno. Disponível em: [https://www.cchla.ufpb.br/mppsicli/
fale-conosco/](https://www.cchla.ufpb.br/mppsicli/fale-conosco/). Acesso em: 20 set. 2025.

Do Cine Aruanda ao altar

Amanda Lopes Galvão

Quando penso nos meus anos de graduação, costumo dizer sem hesitar: vivi os melhores quatro anos da minha vida. E não é exagero. A Universidade Federal da Paraíba foi uma mãe pra mim: ela me acolheu, me formou, me protegeu e me apresentou à vida de uma forma que nem minha própria família pôde fazer naquele momento.

Nasci em Porto Velho, Rondônia, e de lá vim, já atriz profissional, carregando o sonho de cursar Teatro como graduação, um desejo que não era compreendido e apoiado pela minha família. Eu já tinha visitado João Pessoa na adolescência e me encantei pela cidade, pela brisa, pela infraestrutura da capital com um quê de interior, pela praia, pela cultura, pelas pessoas.

Aos 18 anos, decidi migrar sozinha para tentar a vida acadêmica na capital paraibana, movida apenas por essa intuição e pelo desejo de continuar minha caminhada artística em paz e com qualidade. Ao chegar em João Pessoa, não havia estrutura, nem incentivo, nem mesmo conhecidos na cidade que pudessem me orientar. Mas havia um sonho. Aluguei uma cama em um apartamento minúsculo com

mais quatro meninas por meio de um grupo chamado “Sem Tetos UFPB” em uma rede social famosa na época.

O ano era 2015 e o curso de Bacharelado em Teatro exigia provas práticas para ingresso, como uma cena preparada, uma prova de improviso, além da nota do ENEM. Vim ensaiando desde a minha cidade natal, montando figurino e maquiagem. Fiquei tão atônita com a experiência que, na sala de embarque para João Pessoa, simplesmente perdi o voo. Não ouvia os comissários me chamando, não sei o que aconteceu, o que me paralisou. Na mesma madrugada, comprei outra passagem com o pouquíssimo dinheiro que levava e se tornou questão de honra: agora vou passar nesse vestibular!

As avaliações aconteceram em uma manhã ensolarada no Cine Aruanda e, para minha grata surpresa, fui aprovada em primeiro lugar na média geral das provas práticas com o ENEM. A alegria foi imensa. Mesmo que sem uma palavra sequer de parabenização da minha família, ali começava (ou continuava) a minha grande aventura. A UFPB se tornaria não apenas o lugar onde eu estudaria, mas o espaço onde eu criaria laços profundos, construiria minha identidade e formaria um novo núcleo familiar, em todos os sentidos possíveis.

Durante a graduação fiquei encantada com o acolhimento geral, fiz amigos que carrego até hoje... Colegas de curso se tornaram padrinhos de casamento, alguns

professores atravessaram a barreira da sala de aula e passaram a frequentar a sala de estar. Um desses professores, inclusive, se tornou o padrinho da minha única filha. Elthon Fernandes esteve na minha prova prática para ingresso no curso e acompanhou toda minha trajetória na universidade até a finalização da graduação, tanto como professor quanto como coordenador de curso. Conheci minha melhor amiga, a figurinista Luna Alexandre, que ingressou comigo na mesma turma. Moramos juntas durante dois anos da graduação, compartilhando os aprendizados e experimentos cênicos até mesmo em casa e, atualmente, mantemos contato diário, mesmo que ela tenha migrado para São Luís, Maranhão. Foi também nesse meio tempo, que conheci o amor da minha vida, Ivan Marinho, que cursava Física na UFPB. Nós nos conhecemos ainda no meu primeiro período de graduação. Hoje, dez anos depois do primeiro encontro, estamos casados há cinco e com uma filha de um ano e sete meses.

O nome da minha filha, Inaê, é mais um presente simbólico da universidade. Foi inspirado no nome de uma colega que pagou uma disciplina optativa conosco, no curso de Teatro, que admirei muito, e cujo nome nos encantou tanto pela sonoridade quanto pelo significado. Quando olho para minha filha, vejo ali não só uma nova vida, mas o reflexo da universidade que me ajudou a construir a minha.

Minha trajetória na UFPB foi permeada por experiências que transformaram minha existência profissional. Pude participar de projetos de pesquisa como o PIBIC, fui beneficiária de bolsas de permanência, aproveitei as aulas de idiomas, fiz o TOEFL gratuitamente, almocei muito no RU, e, acima de tudo, pude estudar aquilo que amo profundamente: Teatro.

O acesso ao ensino gratuito e às políticas públicas de permanência estudantil foram imprescindíveis para mim. Com todo esse aparato de assistência estudantil, pude me dedicar e ser a aluna que ansiava ser, obtendo um coeficiente de rendimento acadêmico altíssimo. Posso dizer que tive acesso a uma formação que uniu teoria, prática e, principalmente, humanidade.

Uma das experiências mais marcantes foi o estágio supervisionado obrigatório, no qual eu e minha turma montamos a peça gaúcha *Bailei na Curva* (Conte, 1994). Na época, em 2018, estávamos no 6º período do Bacharelado em Teatro.

Apresentamos o espetáculo diversas vezes em teatros pessoenses, como o Santa Roza e o Lima Penante, assim como levamos para fora da Paraíba, até Belém do Pará, no XXII Encontro Nacional de Estudantes de Artes (ENEARTE 2018). Evento este que só participamos porque tivemos o apoio da UFPB, que disponibilizou transporte coletivo

para cerca de 40 estudantes do Departamento de Artes Cênicas. Essa viagem foi uma verdadeira tempestade de sensações, descobertas culturais, culinária incrível, encontros artísticos e aprendizados intensos, dentro e fora da UFPA, que nos acolheu na ocasião.

Finalmente, em 2019, o grande sonho que a tanto cultivava e com sacrifício pude realizar —concluí a graduação! Receber meu diploma de Bacharela em Teatro foi uma conquista pessoal imensa, mas, mais do que isso, foi o fechamento de um ciclo de profundas transformações.

Além disso, tive finalmente o apoio e compreensão da minha mãe em relação a minha escolha profissional, fato muito celebrado por mim e selado com um presente dela: um anel de conclusão de curso com as máscaras de tragédia e comédia em ouro, amuleto que carrego orgulhosamente até os dias de hoje. A cerimônia de colação de grau se deu no prédio de comunicação do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da UFPB.

No entanto, a história não terminou ali. Em 2025, seis anos depois, com mais uma graduação (Artes Visuais) e trabalhando como produtora cultural e arte-educadora, retornei à UFPB, ao CCTA e ao DAC como mestranda no Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES), para mais uma etapa da minha formação, trazendo comigo a artista, a mulher, a mãe, a professora e a pesquisadora que me tornei.

Ao olhar para trás, percebo o quanto minha vida foi tecida com os fios das conexões que fiz na universidade. A UFPB não foi apenas o lugar onde estudei: foi onde cresci, amei, criei raízes, formei família e vivi momentos que moldaram quem eu sou. E agora, ao retornar como egressa, sinto que continuo sendo acolhida por essa mãe generosa, que me ensinou a andar com os próprios pés, mas que nunca deixou de abrir os braços para me receber de volta.

REFERÊNCIAS

CONTE, Júlio. **Bailei na curva**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. 168 p. (série Vamos Fazer Teatro; 4).



A amizade que nasceu no jornalismo

Lucas Andrade da Silva

A universidade, como espaço de confluência de ideias e saberes, é também um terreno fértil para a formação de laços interpessoais profundos. Para os estudantes de jornalismo, a jornada acadêmica transcende as salas de aula e os laboratórios de edição; ela se constrói nas experiências compartilhadas, nos desafios superados em conjunto e, sobretudo, na teia de cumplicidade que se forma entre os pares. Este ensaio acadêmico debruça-se sobre a dinâmica de um grupo de amigos do curso de Jornalismo, analisando como a amizade floresceu em meio à rotina universitária, transformando-se em um pilar de apoio e parceria.

A partir das vivências e interações registradas em um grupo de mensagens, exploraremos como a formação desses laços não se deu de maneira fortuita, mas sim como um processo complexo, alicerçado em pilares de confiança mútua, humor e apoio. A análise se fundamenta em perspectivas teóricas que compreendem a amizade não apenas como um fenômeno social, mas como uma

forma de “ser-com-o-outro”, essencial para a construção da identidade individual e coletiva.

A história desse grupo, em particular, ilustra como a tecnologia, através das plataformas de comunicação digital, serve como uma extensão desse espaço de interação, permitindo que a amizade prospere para além dos muros da universidade, em tempo real.

O início da jornada acadêmica é, para muitos, um misto de empolgação e apreensão. A busca por afinidades e a necessidade de criar uma rede de apoio se tornam imediatas. É nesse contexto que o grupo de mensagens “Protestantes” surge, não como uma formalidade acadêmica, mas como um espaço orgânico de interação. A criação do grupo, em 22 de agosto de 2022, marca o ponto de partida de uma amizade que viria a transcender as fronteiras da tela. Inicialmente, o grupo servia como um canal para informações acadêmicas, mas rapidamente se tornou um palco para a troca de piadas, desabafos e manifestações de cumplicidade.

Quando entrei no curso de Jornalismo da UFPB, não imaginei que os corredores da universidade seriam, na verdade, passagens para uma história de amizade que marcaria meu caminho. O início foi desajeitado, cheio de apresentações rápidas e tímidas, até que, de repente, eu já estava em um grupo de WhatsApp rindo de piadas internas, como se fôssemos velhos conhecidos.

Éramos sete: Angélica, Gaby, Letícia, Valber, Lucas, Clara e Alice. Sete nomes que, no começo, significavam apenas colegas de curso, mas que, com o tempo, se transformaram em um conjunto de vozes que me acompanham até hoje. O grupo nasceu do acaso, mas cresceu com a cumplicidade. No primeiro dia de aula, já havia piadas sobre aniversários, memes trocados em tempo recorde e a sensação de que não éramos apenas “feras” chegando à universidade: éramos parceiros de uma jornada que mal começava.

Os diálogos no grupo eram uma mistura de leveza e responsabilidade. Ríamos com áudios dramáticos de Clara, nos divertimos até hoje com as figurinhas intermináveis de Valber e com os esquecimentos de Alice, que sempre se perdia nos prazos. Letícia, ainda mais discreta, se tornava essencial com seus lembretes certos e seus fichamentos que salvavam todos do grupo nos momentos das provas e atividades acadêmicas. Angélica, com seu jeito crítico, sempre trazia reflexões mais profundas, seja sobre um filme, seja sobre os debates de sala. E Gaby, a reoptante que entrou atrasada numa aula e logo virou parte indispensável, era quem nos lembrava que começar de novo também pode ser um recomeço coletivo.

Eu, Lucas, vindo do curso de Radialismo, trazia comigo não só piadas e comentários irônicos, mas também a generosidade de compartilhar materiais que já tinha

estudado. Foi assim que eu e Gaby, atrasados no mesmo dia, nos encontramos na mesma sala de aula, atrás da lista de chamada, daquele professor – e nunca mais deixamos de caminhar juntos. Esse acaso selou uma cumplicidade que fez diferença em todos os trabalhos, apresentações e até nas longas fofocas e conversas sobre a vida.

Nossas tardes eram cheias de improvisos: combinávamos de assistir filmes para trabalhos e acabávamos discutindo Star Wars, feminismo ou cultura pop. A cada meme enviado, a cada figurinha roubada dos celulares uns dos outros, construíamos uma memória coletiva. No meio da correria universitária, esses momentos viraram pequenas âncoras, lembrando-nos de que não estávamos sozinhos na travessia.

A parceria ficou evidente nos trabalhos acadêmicos. Enquanto uns madrugavam para terminar fichamentos, outros compartilhavam links, textos, artigos e até PDFs organizados com capricho. Houve dias em que a pressão parecia demais, mas bastava uma mensagem no grupo – um “vai dar certo” ou um “já fiz minha parte, confere aí” – para aliviar a carga. Aprendi que amizade também é isso: dividir não apenas os risos, mas também o peso do percurso.

Hoje, quando penso nesses sete nomes, percebo que a maior nota que tirei na UFPB não foi em nenhuma disciplina específica. Foi a nota da vida, marcada pela cumplicidade

e pela parceria que encontrei neste grupo. Uma amizade que nasceu no Jornalismo, mas que certamente vai muito além dele.

Quando penso na minha trajetória na UFPB, não consigo separar o que aprendi em sala do que vivi com meus amigos. O curso de Jornalismo me trouxe muito mais que teoria e técnica: me trouxe seis companheiros que transformaram cada aula, cada trabalho e cada conversa em algo maior.

Houve um dia específico que se tornou parte da nossa história: o intervalo de uma aula qualquer, que começou como tantos outros, com conversas dispersas e olhares cansados. O professor havia acabado de propor uma atividade daquelas que pareciam mais uma prova de resistência do que um exercício. Entre resmungos, olhares trocados e comentários atravessados, a revolta coletiva foi crescendo. Não era apenas o peso da tarefa, era a sensação de que estávamos sempre correndo contra o tempo, sempre sobrecarregados.

Foi nesse momento que alguém, não lembro exatamente quem, lançou a frase que mudaria tudo: “A gente devia se chamar Protestantes, porque só vive protestando.” Os outros membros caíram na risada e a ideia, aparentemente banal, ganhou força. Ali, a mistura de indignação e humor virou identidade – e o apelido colou.

No mesmo dia, o nome do nosso grupo de WhatsApp foi alterado. Ali, deixávamos de ser apenas “os colegas da turma de Jornalismo” para nos assumir como algo maior — um coletivo que protestava, sim, mas que também se apoiava, ria, inventava modos de resistir juntos.

A rápida transição de um ambiente meramente informativo para um espaço de convivência reflete a necessidade humana de conexão em um novo ambiente. O riso, representado pelos “KKKKKKKK” recorrentes, é o idioma universal que quebra o gelo e estabelece a familiaridade. A observação de Gabriel Marcel sobre a amizade como um “estar junto” ou “ser-com” encontra eco na forma como a gente se conecta, seja a distância ou presencial.

A cumplicidade é um dos pilares mais importantes na formação e manutenção de uma amizade. Ela se manifesta na capacidade de entender o outro sem a necessidade de palavras, de compartilhar segredos e de apoiar incondicionalmente. No contexto do grupo “protestantes”, essa cumplicidade é visível em cada interação. O humor, em particular, emerge como um mecanismo fundamental para o fortalecimento desse laço. As piadas internas, as referências a colegas e as brincadeiras com situações cotidianas transformam as tensões da vida acadêmica em momentos de leveza e descontração. A troca de “KKKKKKKKKK” por si só já é um indicativo de um

entendimento compartilhado, uma resposta instantânea que transcende a necessidade de explicações.

A leveza com que se tratam, mesmo em momentos de discordância ou desabafo, demonstra um nível de conforto e aceitação que só a amizade verdadeira pode oferecer.

A cumplicidade se manifesta na forma de um apoio mútuo, que se estende das questões acadêmicas às pessoais. Seja para desabafar sobre a faculdade ou para comemorar pequenas vitórias, o grupo está sempre presente, com uma palavra de conforto ou uma piada para quebrar a tensão. O humor, nesse sentido, não é um mero passatempo, mas uma ferramenta de resiliência, uma forma de enfrentar os desafios com otimismo e união.

A amizade construída no mundo digital do grupo “protestantes” rapidamente se materializou na vida real, transformando a dinâmica de sala de aula e os encontros da universidade.

O ambiente acadêmico, especialmente em cursos tão competitivos como o Jornalismo, pode ser, por vezes, um local de rivalidades veladas. A busca pela melhor pauta, pela maior visibilidade, pode criar barreiras interpessoais. No entanto, a história desse grupo de amigos contesta essa lógica, mostrando que a parceria é um ativo mais valioso do que a rivalidade. Eles não se veem como

concorrentes, mas como companheiros de jornada, unidos por um objetivo comum e por laços de afeto.

A jornada acadêmica no Jornalismo é uma preparação para uma profissão que exige colaboração, empatia e a capacidade de contar histórias com sensibilidade. A amizade desse grupo de estudantes, nesse sentido, é uma forma de aprendizado prático que complementa a teoria. Ao construírem uma rede de apoio e cumplicidade, eles estão, inconscientemente, aprimorando as habilidades que serão cruciais para a carreira que escolheram. Um bom jornalista precisa ouvir, confiar e trabalhar em equipe, e esses são exatamente os valores que a amizade deles reflete.

A cumplicidade que se manifesta nas brincadeiras e no apoio mútuo é a mesma que, futuramente, os permitirá trabalhar juntos em uma pauta difícil, cobrindo um evento complexo ou enfrentando os desafios do mercado de trabalho. A experiência de vida compartilhada, as piadas internas, os desabafos e as comemorações se tornam uma bagagem de confiança, um reservatório de boas memórias para o futuro. O ato de “tratar a gente como pessoas existentes”, destacado por Angel, é uma lição de humanidade que serve como base para o jornalismo que eles pretendem praticar – um jornalismo que reconhece a dignidade do outro.

Ao longo deste ensaio, explorei a formação de uma amizade genuína no contexto universitário, evidenciada

pelas interações de um grupo de estudantes de Jornalismo. O que começou como uma necessidade prática de comunicação se transformou em um espaço de cumplicidade e apoio mútuo, onde o humor e a parceria se tornaram os pilares de uma relação duradoura. A análise das mensagens e a contextualização de eventos da vida real revelam que a amizade é um fenômeno complexo e multifacetado, que se manifesta tanto no ambiente digital quanto no físico.

A jornada desses amigos demonstra que a universidade é mais do que um lugar de aprendizado formal; é um terreno para a construção de laços humanos que moldam a identidade e a trajetória de cada indivíduo. A história do grupo “protestantes” é um testemunho de que a amizade é uma força poderosa, capaz de subverter a lógica da competitividade e criar um ambiente de acolhimento e confiança. A cumplicidade, em particular, surge como um elemento essencial para a coesão do grupo, permitindo que eles enfrentem os desafios acadêmicos e pessoais com leveza e união.

Ao final, a história desses jovens ilustra uma verdade fundamental: a experiência universitária é enriquecida não apenas pelo conhecimento adquirido, mas, principalmente, pelas conexões humanas estabelecidas. A amizade se torna um farol, um guia que ilumina o caminho e oferece o suporte necessário para que cada um atinja seu pleno potencial. Este ensaio, ao celebrar essa história, busca

reforçar a importância da amizade como um pilar central da vida acadêmica e como uma base sólida para a construção de um futuro profissional e pessoal.

Referências

MARCEL, Gabriel. (1951). **The Mystery of Being**. Harvill Press.

SIMMEL, Georg. (1950). **The Sociology of Georg Simmel**. The Free Press.

CASTELLS, Manuel. (1996). **The Rise of the Network Society**. Blackwell Publishers.

SELMAN, Robert L. (1980). **The Growth of Interpersonal Understanding: Developmental and Clinical Analyses**. Academic Press.

PIRES, Helena. (2020). **Sociologia da Amizade: Vínculos Afetivos na Sociedade Contemporânea**. Editora da Universidade.



Ritos de Passagem

Surama Marjouri

Toda história tem seu início bem antes de quando começa a ser contada. Este é o caso da relação que tenho com a UFPB. Desde de criança já me identificava com a escrita ao ler boas histórias e me surpreender como o autor carregava a narrativa de um lado para o outro, com tamanha sutileza, ao ponto de capturar minha atenção (isso, para uma menina hiperativa, era algo raro). A adolescência chegou com a certeza da escolha profissional: Jornalismo era a trilha que gostaria de seguir, afirmava com convicção. Contar histórias alheias, narrar fatos recém-descobertos ao público e eternizar memórias em matérias.

O vestibular se aproximou e foi então que a ânsia em querer conhecer as instalações deste universo de possibilidades ficou mais vívida em mim. Talvez porque meus pais estudaram Administração na Federal, fato este que carregava como missão a ser cumprida. Enfim chegou o dia. Pude afirmar, com meus olhares encantados, que ali era o meu lugar, tanto espaço, externamente e interno em minha mente. A missão era encontrar as placas de cada um, descobrir onde estavam postas. Achamos, a da minha mãe, na parede bem no meio de uma das praças; a do meu pai

na lateral das salas. A emoção foi em conjunto, eles com as lembranças, eu com a responsabilidade.

Meus pais se conheceram nas alamedas do curso, entre amigos em comuns, cadeiras e tamboretos (sim, naquela época existiam matérias com créditos menores que as cadeiras, chamadas popularmente assim). Toda vez que escutava este termo relacionado a estudos presumia que eram lugares para sentar, ledão engano.

Entre gostos e hobbies comuns, meu pai voltou a atenção para minha mãe, por uma veste um tanto chamativa: ela usava uma jaqueta da Fórmula 1, em cores vermelho vibrante, branco opaco e amarelo manteiga, com brasão da escuderia e logos dos patrocinadores, em um material sintético que parecia mais plástico. Tamanha noção descritiva se deve por ela ter a peça em seu guarda-roupa até hoje.

Essa narração é para ajudar na visualização da cena: década de 80, Ayrton Senna começando sua trajetória na modalidade, um brasileiro promissor, claro que renderia muito assunto e um “chaveco” criativo, ainda por cima que ele também era um torcedor de automobilismo.

Continuando. Toda história que se preze tem algum nível de romance, dificuldade e coincidências. Esta tem todos os elementos suscitados de pai e mãe para filhos. Dentre eles, está o feito duplo, meio que sem querer, de

despertar nos filhos, anos depois, o gosto em assistir corridas de F1.

Na época em que cursei vestibular, o Orkut era a rede social do momento e a diversão se estendia pela busca de comunidades que nos representavam, assim como álbuns de figurinhas. Uma das minhas mais desejadas era “Ih, foi mal, a minha é Federal”, sonho de todo aspirante a calouro. Mas o destino tem desses desatinos que nosso tino não consegue compreender.

Pois é, já devem estar matutando e vos digo: a resposta é sim, não passei para o sonho que queria cursar, mas como sou comunicativa, capricorniana e gosto de ter outras cartas à mão, fiz também prova para a faculdade particular, no curso de Publicidade e Propaganda, e passei.

Fui gostando, me aprimorando, até pagar a cadeira de Marketing e simplesmente me apaixonei, pensando sempre em manter o CRA (Coeficiente de Rendimento Acadêmico) alto, e assim foi durante quatro anos. Formei-me e não parei, fiz pós-graduação, especialização, tudo voltado para área de Marketing. Trabalhei, fui freelancer, social media, redatora, mas, com a pandemia, muitas ideias se modificaram.

Quando tudo começou a se normalizar, não estava mais empregada. Pensei em como me reinventar, no meio

disso tudo fiquei noiva! E agora?! Pensei: “Preciso dar um rumo para minha nova vida transformar”.

Combinei com meu noivo em um dia da semana: “Vamos passar na Igreja de Nossa Senhora de Fátima para saber sobre os trâmites de um casamento, depois vamos ao shopping tomar a 4º dose da vacina contra o Covid”.

Tudo certo e acertado, ele veio e fomos primeiro na Igreja. Conversamos com a moça responsável, ela nos explicou o passo a passo, mas, antes de ir embora, pedi para ele esperar, queria ter com a Santa uma conversinha particular. Assim aconteceu. Falei para ela sobre minha situação, pedindo um caminho, um rumo a seguir. Só não esperava que esse pedido tão prontamente ela fosse atender...

Sáímos, tomamos a vacina e passeamos. Na volta, contornamos os muros da Universidade e, olhando pela janela do carro, murmurei em voz baixa: “Queria ter estudado aqui!” Mas ele ouviu e, na mesma hora, em voz vivaz e animada, disse: “E por que não estuda?”

Sorri desconfiada para ele e respondi: “Não tenho mais fôlego em estudar para o ENEM!”

E ele retrucou: “Você não precisa, já é formada! Pode ingressar com seu CRA!”.

Hummm, pensei. “Você tem razão, e meu CRA é alto!”

Depois desta conversa, minha mente começou a pensar e imaginar mil coisas, quem disse que conseguia dormir direito aquela noite? Duas da manhã e eu acordada. Então, para alimentar a curiosidade, só tinha uma solução: pesquisar na internet os caminhos e como entrar já sendo graduada.

Acessei o site e, para minha sorte, as vagas estavam abertas em diversos cursos. Fui ver a lista e torcer para ter oportunidade em Jornalismo! Ufa! Tinha, eram três vagas disponíveis. E assim começou minha saga, ir atrás de diploma, de xerox disso e daquilo, e do tal CRA que pensava que estava comigo. Não estava! Fui até a faculdade, cruzando os dedos para conseguir, pois o tempo estava prestes a expirar. Deu certo! Com todos documentos em mãos, fiz minha inscrição.

No sistema dizia que o resultado sairia em 10 de janeiro de 2023. Em 31 de dezembro, de tarde, de bobeira na cama, resolvi por curiosidade investigar e, para minha surpresa e presente de aniversário, meu nome estava na lista, como estudante de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba!

Um presente da Santa para uma nova vida começar!

E você acha que termina por aqui? Que nada, a maçaneta girou muito mais, ao ponto de precisar não apenas mudar de chave como de fechadura. Ingressei um mês

depois, sem mentalmente ter aterrissado, confesso que o choque geracional foi enérgico, tive que me reinventar para me adequar, um verdadeiro intensivo comunicacional.

Mas, meus colegas de sala vieram com um senso de maturidade e consciência do sistema que fugiam da minha compreensão, até aquele instante. Todo dia aprendo algo, já me virei ao avesso, revirei o verso e devo estar no anverso do meu ser, ao ponto de, no primeiro período, meu irmão me enviar o edital nacional de incentivo à escrita feminina, o Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura e eu me desafiei a escrever um livro no gênero poesia, relatando todas as minhas experiências, conversas, observações e aprendizados ao longo deste curto prazo de vivência na Universidade.

Participei do projeto de extensão Paraíba Criativa, em que pude vislumbrar a cultura regional em suas mais profundas e profusas camadas, participei do meu primeiro INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), que foi para mim um marco estudantil e a concretização de outro sonho antigo – na minha primeira formação, já existia esse congresso, mas por ser muito nova e em outra região, minha mãe vetou minha viagem – resultado, a utopia adormecida deu vasão à apresentação de um artigo pulsante, quando as mãos tremiam por si e o coração descompassado podiam não ser perceptíveis aos ouvintes, mas o sorriso com o

qual falava dos resultados da pesquisa entregava tamanha felicidade incubada.

Certo dia, conversando com um professor, falei: “Porque aqui na faculdade...”, na mesma hora ele me interrompeu: “Epa, porque aqui na Universidade! Você estuda em um ambiente completamente interdisciplinar, com diversos centros, é um verdadeiro mundo de conhecimentos”. Nunca mais esqueci essas palavras.

Ainda pude participar, como estagiária, da ACI (Agência UFPB de Cooperação Internacional). Entender como funcionam os intercâmbios estudantis me abriu novas portas mentais.

Lembra que falei sobre fechaduras? Sim, elas foram acrescentadas, assim como novas chaves, pois me casei durante as férias de janeiro. Até nisso voltar a estudar me deu coragem e gás para dar ousados passos. É a vida de discente se misturando com a pessoal, com base e vontade de correr em busca do que me aguarda.

Falar da UFPB é falar de sonhos! Todos os dias vivo o sonho acadêmico de participar e partilhar do mesmo ecossistema entre natureza e estudos, entre verbalizar e reivindicar, entre criar e apresentar.

Outro episódio memorável que vivi pelos centros da UFPB foi quando decidi pagar uma cadeira de outra grade curricular, Marketing Estratégico. Em que bloco? No

CCHLA, onde fica o curso de Administração. No primeiro dia, me atrasei procurando entre uma via e outra a sala, mas, no término da aula, com calma andando e pensando, me deparo com as placas dos formandos e acho a da minha mãe. Foi tamanha emoção que me debilhei em lágrimas. Lógico que fui atrás da do meu pai, também a encontrei. Fiquei lá tempo razoável para relembrar tantos fatos, lembranças vieram à tona, não me cobravam estar ali, mas no meu íntimo era um sentimento irrequieto.

Assim como a UFPB brinda com uma taça de vinho, ano que vem me formo, com beca, canudo na mão e diploma de jornalista. Mas o que esperarei ansiosa é pela placa colocada no meu bloco, consagrando mais um rito de passagem, chamando agora meus pais e, quem sabe, faço antes uma visitinha no guarda-roupa de Mainha?



SAE Familiar: cuidado, inclusão, ciência e transformação

Otávio Soares de Pinho Neto

Ao celebrar os 70 anos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sinto-me profundamente honrado em registrar e compartilhar minha trajetória, que se entrelaça com os valores mais nobres desta instituição: o compromisso com a saúde pública, a inclusão, a dignidade humana e a construção de saberes transformadores. Minha vivência como médico, pesquisador e gestor encontrou no Serviço de Assistência Especializada Familiar Materno-Infantil (SAE Familiar), do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), uma expressão concreta desses ideais.

Minha formação acadêmica teve início na própria UFPB, onde obtive o título de médico. Posteriormente, especializei-me em Infecções Sexualmente Transmissíveis, realizei mestrado em Desenvolvimento Humano pela UFPB e doutorado em Tocoginecologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com foco na prevenção da transmissão vertical do HIV.

A gênese do SAE remonta ao final da década de 1990, quando, diante da ausência de protocolos específicos e da invisibilidade das gestantes vivendo com HIV/AIDS, percebi a urgência de um serviço que integrasse assistência clínica, acolhimento psicossocial e formação profissional.

Foi uma gestante soropositiva que mudou o rumo da minha carreira – e, mais ainda, da assistência mater-no-infantil no HULW/UFPB. Em 1996, ao atendê-la no Ambulatório de Pré-Natal, fui confrontado com uma realidade que exigia mais do que conhecimento técnico: exigia coragem, empatia e ação.

Esse encontro foi o ponto de partida de uma jornada que me levou a buscar capacitação, apoio e parcerias.

Em 1997, nasceu o PROGEST – Programa de Atendimento à Gestante Soropositiva e à Criança Exposta ao HIV. Era um projeto pioneiro, que reunia profissionais de diferentes áreas com um único propósito: garantir que nenhuma criança nascesse com HIV.

O PROGEST foi mais do que um programa. Foi um laboratório de ideias, práticas e vínculos. Ali, desenvolvemos protocolos, acolhemos famílias e formamos uma equipe que acreditava no impossível. A pediatra, dra. Maria da Guia Dantas Diniz, foi peça-chave nesse processo, trazendo sensibilidade e rigor técnico ao cuidado infantil.

A transição do PROGEST para o Serviço de Assistência Especializada Familiar Materno-Infantil (SAE Familiar) foi um divisor de águas na história da assistência à saúde da gestante HIV+ no HULW/UFPB. Mais do que uma mudança de escopo, foi a consolidação de um modelo de cuidado que unia ciência, sensibilidade e compromisso social.

Com os resultados alcançados pelo PROGEST e a aprovação do projeto de criação do SAE Familiar pelo PN-DST/AIDS-MS em 2002, surgiu a possibilidade de oficializar o serviço dentro da estrutura física do HULW. No entanto, não havia espaço disponível — e foi aí que a articulação política e institucional se mostrou decisiva.

O então diretor do HULW compreendeu a relevância do serviço e acolheu a proposta com visão estratégica. A solução encontrada foi uma permuta: o espaço físico de 480 m² no sexto andar foi cedido ao SAE Familiar, com a contrapartida da inclusão no projeto CFA026/02 a construção de um auditório para o hospital.

Essa negociação foi um marco. Ela não apenas viabilizou a sede definitiva do serviço, como também garantiu ao HULW uma nova estrutura voltada para ensino, eventos e capacitações. O espaço, posteriormente inaugurado, recebeu o nome de Auditório Dr. Lindbergh Farias.

Com a sede própria, o SAE Familiar passou a contar com: consultórios médicos e enfermagem; serviço social

e nutricional; sala de acolhimento e orientação; recepção e setor administrativo; espaço para atendimento psicológico e social; brinquedoteca; hospitais-dia materno e pediátrico.

A formalização do serviço permitiu a ampliação da equipe multidisciplinar e a consolidação de um modelo de cuidado centrado na dignidade, no vínculo e na eficácia clínica. Deixamos de ser um programa para nos tornarmos um serviço de referência nacional, com impacto direto na formação de profissionais, na produção científica e, sobretudo, na vida das famílias atendidas.

Realizado em 2004, no emblemático Hotel Tambaú, em João Pessoa, o I Congresso Brasileiro de Transmissão Vertical do HIV e Outras ISTs foi um divisor de águas na história da saúde pública brasileira. Organizado pelo SAE Familiar com o apoio do Programa Nacional de DST e Aids-MS, da Gerência de DST/Aids do estado e do município, o evento reuniu os principais nomes da área, consolidando o HULW/UFPB como referência nacional.

O congresso contou com mais de 600 participantes de todas as regiões do país, incluindo profissionais da saúde, gestores, estudantes e representantes de ONGs. Foram apresentados mais de 80 trabalhos científicos, além de oficinas práticas e mesas-redondas que fomentaram a troca de experiências entre serviços de referência.

Esse evento projetou o SAE Familiar nacionalmente e abriu portas para capacitações em populações indígenas, ações em áreas de fronteira e consultorias em diversos estados.

Preciso citar o papel desempenhado por Joana D’Arc Moraes da Silveira Frade. Ela foi mais do que uma infectologista. Foi uma mentora, uma parceira e uma inspiração. Com sua escuta atenta e conhecimento profundo, ela ajudou a construir os alicerces técnicos e éticos do SAE Familiar. Sua atuação foi decisiva na formulação dos protocolos, na capacitação da equipe e na articulação com redes de apoio. Joana não via pacientes – ela via pessoas. E isso fez toda a diferença.

Desde sua concepção, o SAE Familiar nasceu com uma missão clara e ambiciosa: oferecer atendimento humanizado e diferenciado; formar uma equipe de excelência; reduzir a transmissão vertical para menos de 1% e servir como campo de estágio para estudantes da área da saúde.

Com muito esforço, dedicação e articulação institucional, conseguimos não apenas atingir esses objetivos, mas superá-los. O SAE Familiar tornou-se referência nacional e internacional, com taxa de transmissão vertical zerada entre os casos acompanhados.

No SAE Familiar, o cuidado com o par mãe-bebê não termina com o parto. Mesmo as crianças que se tornavam não reagentes continuavam sendo acompanhadas até os 13 anos de idade, devido à exposição aos antirretrovirais.

Esse acompanhamento envolvia consultas pediátricas semestrais, avaliações neuropsicomotoras, apoio psicológico e social e encaminhamentos para estimulação precoce

Esse vínculo prolongado fortalecia a relação com as mães e promovia qualidade de vida para toda a família. O SAE Familiar tornou-se, para muitos, uma extensão da casa — um espaço livre de julgamentos, repleto de afeto e respeito.

Minha história com o SAE Familiar e com a UFPB não se encerrou com minha aposentadoria, em 2022. Ao contrário, ela se transformou, ganhou novos contornos e seguiu pulsando com o mesmo compromisso que me guiou desde o primeiro atendimento àquela gestante soropositiva em 1996.

A UFPB foi o berço da minha formação, da minha prática e da minha paixão pela medicina humanizada. Foram décadas dedicadas à construção de um serviço que hoje é referência nacional e internacional – e que carrega em sua essência o cuidado, a ciência e a transformação social.

Mas a missão de cuidar não conhece aposentadoria. Por isso, sigo atuando na área, agora no SAE Municipal de Cabedelo, onde continuo colocando em prática tudo o que aprendi, construí e vivi ao longo desses anos. Lá, mantenho viva a mesma ética, o mesmo olhar atento e o mesmo compromisso com cada paciente que chega até nós.

O SAE de Cabedelo representa, para mim, a continuidade de um legado. É a prova de que o conhecimento gerado na universidade pública pode e deve irradiar-se para outras esferas, fortalecendo redes de cuidado e ampliando horizontes de inclusão e dignidade.

Ao olhar para trás, vejo uma trajetória marcada por desafios, conquistas e vínculos profundos. Ao olhar para frente, vejo que ainda há muito a fazer. E é com esse espírito – de gratidão, de esperança e de propósito – que encerro este capítulo, não como um ponto final, mas como uma vírgula em uma história que continua sendo escrita todos os dias, com cada vida que tocamos, com cada gesto de cuidado que oferecemos.

Aos 70 anos da UFPB, deixo minha homenagem e meu agradecimento. E reafirmo: enquanto houver alguém que precise ser cuidado com respeito e humanidade, estarei presente – como médico, como educador, como servidor da vida.



O começo de uma jornada nas Letras Clássicas

Jonathan Faustino de Jesus

Meu ingresso no curso de Letras Clássicas (grego e latim) da Universidade Federal da Paraíba não foi épico, não havia um fado ou uma descendência divina que me garantisse a glória, tal qual Eneias e Aquiles. Pelo contrário, foi dramático, uma verdadeira comédia, ao modo de Plauto, com enganos, peripécias e pessoas correndo de um lado a outro do palco, mas que, apesar dos revezes, terminou com um desfecho alegre e apaziguador.

Ao rememorar e contar as trapalhadas daquele fevereiro de 2019, me acabo de rir, mas meu padrinheiro, Abel Raimundo de Alencar, minha mãe, Esmerinda Raimunda Faustino, e meu pai, Juraci Matos de Jesus, sabem muito bem do desespero e da angústia que passamos naqueles dias, por causa de um documento esquecido, uma desatenção ao edital, o qual, na época, me pareceu ambíguo como um vaticínio do Oráculo de Delfos.

Embora tenhamos passado por provas, sobretudo, minha mãe, que em cinco dias veio à Paraíba duas vezes e voltou ao Ceará outras duas, tínhamos a Fortuna ao nos-

so lado. Graças a ela conseguimos ξενία (hospitalidade) durante o processo de matrícula, assim como no início das aulas. Quando entrei, não passava pela minha cabeça meus déficits em gramática, nem a timidez que me fazia tremer e suar frente a qualquer público, nem preocupações fúteis acerca da utilidade de línguas denominadas mortas ou quaisquer outras dificuldades.

Eu era ingênuo, ou como diria nossa querida tia Alcione, muito verdinho, mas não demoraria muito para o curso expor minhas ὕβριες (faltas) e eu ser atormentado pelas Erínias, que exigiriam de mim uma compensação pela minha inadimplência acadêmica. Pois, logo no primeiro semestre, comecei minha κατάβασις (descida), sendo reprovado na disciplina Introdução às línguas clássicas, ministrada pelo incansável professor Milton, um divertido e rigorosíssimo professor, que mesmo aposentado insiste em dar aula.

Certamente ele não deve lembrar disso, mas é como dizem: “Quem bate não se lembra, quem apanha nunca esquece.” Eu lembrei e fui atormentado por aquilo nos períodos seguintes. Como assim eu não sabia qual era o caso lexicogênico da língua portuguesa? Nem, sequer, sabia conjugar verbos irregulares na 2ª pessoa do plural? Era inadmissível, aquele professor, que era extremamente metódico, só podia estar brincando comigo e com a turma!

Reprovado estava, reprovado fiquei. Daquele momento em diante, eu entendi que deveria buscar a *τιμή* (virtude) acadêmica, ao passo que também entendia a *ουσία* (essência) do curso, o que acabou não sendo o que eu imaginava, mas continuou sendo cativante. Graças a um outro professor, cujo contato foi menor do que o com os demais, pude compreender, com mais calma, as sutilezas da língua portuguesa, de modo a ser aprovado na disciplina. De igual modo, esse mesmo professor, fascinado em Saramago, me apresentou a permanência dos clássicos, sobretudo, com Gota d'água, de Chico Buarque, e Medeia, de Eurípides. Maldito seja Willy por me mostrar gramáticas, tragédias e poéticas.

No fim, toda aquela conversa fiada sobre pessoas presas em uma caverna, sementes plantadas entre pedras, estradas e terras férteis, e um escudo divino me transformaram. Fui ludibriado pelo gentil e ardiloso mestre dos magos, professor Juvino, que, ao modo de Sócrates, nos ensinava a questionar, ler, interpretar e nos maravilhar com os mistérios. Pois, cada vez que uma desinência era identificada corretamente, cada vez que uma tradução saía, sintaticamente, correta, cada vez que aquele imaginário distante e alegórico era desvendado para mim, eu me encantava mais e mais. No entanto, o gentil senhor parecia falar por alegorias, sobretudo quando examinava uma frase em latim e recheava o quadro com diagramas, cuja

referência de método não existia. Pior ainda era quando o questionávamos sobre onde estudar, qual artigo ler sobre aquele gênero de análise, mas ele respondia com sua monoexpressividade característica: “Não tem.”

Lembro de algumas conversas de corredor na saída das aulas, em que eu, revoltado, falava sobre esse bendito método, afirmando preferir criar um novo a aprender aquele, e ele ria alto, para, logo em seguida, reconfortar a mim e aos demais, nos dizendo que aquilo não seria cobrado e todos tínhamos condições de aprender se quiséssemos. Porém, quando falávamos, ainda que em tom de brincadeira, sobre desistir do curso, ele nos motivava, muitas vezes, concluindo com o epimítio que ora transcrevo, *nulla dies sine linea* (nem um dia sem uma linha), o qual mais tarde deturparíamos: *una linea per diem* (uma linha por dia).

Infelizmente, as conversas após as aulas que eu tanto gostava, entre amigos e professores, não duraram muito. Surgiu uma pandemia que nos distanciou, tirando de nós os cafezinhos no corredor, as discussões ao fim de cada prova, as maledicências sobre as metodologias e as pérolas proferidas nas aulas. Esse érebo recaiu sobre nós logo quando me habituei a frequentar o Laboratório de Letras Clássicas – Sala Henrique Murachco, tendo, naquele momento, a função de catalogar os livros do ambiente e zelar por ele, tal qual um exegeta da Biblioteca de Alexandria.

De volta a Buritizinho, Mauriti, Ceará, não tive boas experiências iniciais na pandemia, tendo de trancar uma disciplina com Dio, o guerreiro de louras madeixas, devido a dificuldades técnicas para executar as tarefas semanais. Mas a universidade, solidária aos estudantes, mobilizou-se e cedeu um montante para os estudantes contemplados adquirirem material eletrônico, destinado ao acompanhamento das aulas remotas. Fui contemplado e, já com o novo aparelho, consegui aumentar meu rendimento a partir daí.

Durante esse período obscuro, na ilha dos lotófagos, tive contato com um número maior de professores e, engajado, procurei propor projetos a eles, na esperança de contribuir de alguma forma com o curso. Porém, não obtive sucesso, recebi inúmeros “nãos”, sobretudo, de Erick, um professor reservado, dedicado ao estudo do comparativismo das línguas indo-europeias, que falava pelos cotovelos e corrigia vírgula por vírgula nos trabalhos. Apesar dos “nãos” frequentes, ele nunca deixou de me encorajar a continuar lutando e defendendo meus ideais nas linhas de frente, ainda que com o pé manco. Sou grato a ele por todo o apoio que me deu durante o curso, tanto pelas correções de altíssimo nível e rigor em todos os trabalhos, quanto pelo tempo reservado a mim para indicação de leituras complementares e conversas várias. Sem dúvida, é, para mim, um grande exemplo de profissional, cujo altíssimo

nível pretendo alcançar um dia. Até lá, me satisfaço em tê-lo como modelo.

Já em meados de 2022, retornei a João Pessoa, agora agraciado pelo demiurgo (UFPB) com auxílios estudantis. Estava pronto para seguir a jornada. Porém, ainda havia um último obstáculo a ser enfrentado: uma esfinge impiedosa, chamada timidez, impedia-me de prosseguir. Mas, através de uma oportunidade, aberta pelo magnânimo Marco, pude experienciar o ensino de latim para ingressantes do curso, no projeto de Tutoria, que mais tarde seria renovado pelo multifacetado Félix, o mais novo membro do corpo docente de Letras Clássicas. Aliado aos projetos deles, houve também as extensões do polissilábico Hermes, cuja oportunidade de ministrar uma revisão de grego, bem como seu feedback posterior, me concederam confiança para enfrentar plateias. De igual modo, sou grato a Lucas que, mesmo com pouco contato em sala de aula, devido a seu afastamento para doutoramento, me apresentou ferramentas digitais que facilitaram e facilitam até hoje as demandas de trabalho.

Embora todos os professores citados tenham contribuído, de maneira benigna, para a minha formação pessoal e profissional, através de suas aulas, conselhos, conversas e atitudes, Felipe foi aquele que, para mim, fora o mestre, assim como Sócrates foi para Platão, Quíron para Aquiles, Homero para o mundo grego. Esse querido

professor mostrou-se, para mim e outros mais, um Atlas, segurando o curso sobre ele, ao fazer das tripas, coração para mantê-lo aberto. Não à toa é sempre lembrado pelos colegas professores como alguém diplomático, a quem eles sabem que podem recorrer, sobretudo, em assuntos técnicos e burocráticos que fazem parte do ofício.

Chamo atenção para as práticas docentes proporcionadas por ele em ações de extensão que visam levar os Estudos Clássicos para a Educação Básica. Não cabe entrar em tantos detalhes, devido à escassez de espaço, mas devo dizer, ao menos, que esses projetos me deram confiança para ensinar aquilo que me foi ensinado, além de mostrarem, não só para mim, que vale a pena ser professor, sobretudo, de Letras Clássicas.

Mesmo aos trancos e barrancos, me tornei um magister (professor), graças aos δώρα (presentes) concedidos pelos nove Musos (Diógenes, Erick, Felipe, Félix, Hermes, Juvino, Lucas, Marco e Willy), Zeus (Milton) e Mnemosine (Alcione). Por fim, gostaria de destacar que a principal característica desse curso não é apenas o rigor dos professores para com os alunos e a incrível literatura e línguas que o compõem, mas o lado humano presente na dinâmica de cada professor que só em Clássicas se tem.



Entre o saber e o sentir: minha caminhada pela UFPB

Ediene Souza de Lima

Em 1982, uma menina de seis anos atravessou, curiosa e silenciosa, as portas da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba. A luz filtrava-se pelas janelas altas, desenhando faixas douradas sobre o piso frio e brilhante. As estantes, alinhadas como colunas de uma catedral do saber, pareciam tocar o teto. O ar tinha um perfume singular, uma mistura envolvente de papel e das palavras impressas que pareciam ganhar vida nas expressões e mentes daqueles que buscavam respostas em cada página aberta. Era como se cada respiração despertasse o encanto silencioso dos livros e o mistério guardado em suas escritas. O silêncio, pontuado apenas pelo som das páginas virando, tinha algo de solene. Diante da vastidão dos livros, senti-me pequena, como quem contempla um universo de saberes e conhecimento. Ainda assim, havia um sentimento de acolhimento, como se aquele mundo silencioso de palavras me convidasse a mergulhar e fazer parte dele.

Naquele instante, percebi, sem compreender ainda, que ali morava um tipo de encantamento. Era como se cada

livro guardasse um segredo, um fragmento de verdade, uma promessa de que a vida poderia ser entendida palavra por palavra.

Aquela primeira visita ficou impressa na minha memória como se o tempo a tivesse guardado em um envelope. Cresci, segui caminhos, vivi outras histórias, mas a lembrança da Biblioteca Central nunca se desfez. Em 2007, vinte e cinco anos depois daquele encontro inaugural, voltei ao mesmo lugar, não mais como visitante, mas como aluna da UFPB, iniciando a Graduação em Biblioteconomia. A menina que um dia se encantou com o silêncio dos livros agora voltava para aprender a decifrar seus bastidores, seus sistemas e suas formas de circulação. Descobri que a Biblioteconomia não é apenas uma técnica de organização, mas uma ciência profundamente humana. Ela ensina que a informação é uma ponte entre mundos, um fio invisível que conecta mentes, tempos e culturas.

Na universidade, com meus mestres e livros, aprendi que ser bibliotecária vai além de organizar informações: é mediar o conhecimento e apoiar quem busca aprender. É perceber a curiosidade das pessoas, indicar caminhos adequados e enxergar nos acervos, em seus diversos suportes, infinitas possibilidades de transformação. Ser bibliotecária é estar atenta às ideias e propósitos de cada um, compreender necessidades e tornar o acesso ao conhecimento mais claro, fluido e significativo.

A cada aula, a cada prática de laboratório, eu via o conhecimento se corporificar nas planilhas de catalogação, nas fichas de indexação, nas horas imersas diante das estantes. A teoria me ofereceu a estrutura; a prática, a sensibilidade. Trabalhar com coleções, planejar acervos, pensar políticas de acesso e inclusão era perceber que a biblioteca é muito mais que um edifício: é um organismo vivo, pulsante, que respira e se transforma com as pessoas que o habitam. Entendi, então, que cada dado organizado é também um gesto de cuidado.

Mas o conhecimento é um rio que nunca se aquieta, e a curiosidade, uma força que empurra sempre adiante. Em 2015, guiada pelo desejo de compreender a informação em sua essência, iniciei o Mestrado em Ciência da Informação. A experiência foi como abrir uma nova janela para o mundo. A Ciência da Informação me revelou que o ato de informar é muito mais do que transmitir: é interpretar, selecionar, construir sentido. Mergulhei em teorias que tratavam da informação como poder, energia social, como bem público, como elemento essencial para a vida democrática. Percebi que cada instituição, cada comunidade, é um sistema informacional em constante movimento, e que a boa gestão da informação é o que dá forma, clareza e direção a esse movimento.

Durante o mestrado aprendi a olhar o invisível: fluxos, redes, memórias, interações. Descobri que a informação é o

sangue que corre nas veias das organizações e que seu mau uso adoece estruturas inteiras. Essa consciência despertou em mim um novo interesse, o da memória institucional, das narrativas que resistem ao tempo. E foi assim que, em 2019, dei início a uma nova etapa da caminhada, ingressando na Graduação em Arquivologia.

Se a Biblioteconomia me ensinou a importância do acesso, a Arquivologia me revelou o valor da permanência. Em cada documento, vi não apenas dados, mas vestígios de humanidade. As caligrafias antigas, os carimbos desbotados, as margens rabiscadas, tudo falava. Cada registro, por mais simples que fosse, guardava uma história e uma intenção. No mundo digital, esses vestígios se multiplicam e se transformam em novos desafios: organizar, interpretar e proteger informações em uma sociedade marcada pelo fluxo constante de dados, informação e pelo conhecimento em evolução.

Aprendi a enxergar o arquivo como um território vivo, onde o presente, passado e futuro sussurram em cada página e em cada registro preservado. Trabalhar com documentos é, em essência, dialogar com o tempo. É aprender que preservar é também uma forma de amar.

Com o passar dos anos percebi que todas as minhas formações se encontravam num mesmo ponto: o desejo de compreender a informação como semente de desenvolvimento humano e social. Essa síntese amadureceu em 2021,

quando iniciei o Doutorado em Ciência da Informação, defendido em março de 2025. A tese, intitulada “Sementes do Desenvolvimento Local: marcas infomemoriais do quinquentenário do Sebrae Paraíba”, nasceu do desejo de unir teoria, prática e sensibilidade. Ao investigar como as marcas documentais de uma instituição podem gerar identidade e inovação, descobri que a informação bem cuidada tem o poder de transformar o território, impulsionar a economia e fortalecer laços de pertencimento. Cada relatório, cada registro, cada fotografia ou vídeo institucional é, em última instância, um testemunho da ação humana e uma prova do que somos capazes de construir quando cuidamos da nossa memória.

Conciliar uma graduação, o doutorado, a família e o trabalho, e ainda encontrar tempo para cuidar da saúde física e mental, foi um grande desafio. Exigiu disciplina, resiliência e fé, mas foi nesse esforço que compreendi o verdadeiro sentido da informação: ela é poder, sim, mas um poder ético, solidário e generoso.

A informação nos guia e, ao mesmo tempo, nos torna mais humanos. Compreendi que o conhecimento não se acumula, mas se transmite. Cada conversa com os integrantes de uma instituição, cada projeto de preservação, cada arquivo estruturado e cada acervo restaurado representam maneiras de retribuir ao mundo os ensinamentos que ele me proporcionou.

Hoje, ao olhar para trás, vejo a UFPB como uma grande travessia. Não se trata apenas de seus prédios, árvores e corredores, mas de um território simbólico de encontros e descobertas. Foi ali que aprendi que o saber só floresce quando é vivido e sentido. A universidade se tornou o solo fértil onde minhas ideias crescem e o abrigo onde minhas memórias encontram repouso. Sempre que passo em frente à UFPB, sinto gratidão e a consciência de que carrego comigo o compromisso da Biblioteconomia: colocar o conhecimento a serviço da sociedade, promovendo ética, acesso e transformação. Obrigada, minha Universidade, por tudo o que sou enquanto profissional e cidadã.

A Biblioteconomia me ensinou a abrir caminhos, a Arquivologia me ensinou a preservá-los e a Ciência da Informação me ensinou a compreendê-los como parte de um todo maior.

O percurso que começou em 1982, ao atravessar pela primeira vez as portas da Biblioteca Central, alcança agora, em 2025, o marco do título de doutora. Mas essa trajetória não se encerra aqui.

Ela permanece viva em cada projeto, em cada colaborador, estagiário e colega do Sebrae Paraíba com quem convivo hoje, enquanto atuo como analista técnica – bibliotecária e arquivista – responsável pela gestão da informação, documentação e memória da instituição, com orgulho e dedicação.

Entre o saber e o sentir, sigo caminhando. Navego entre pessoas, e-books, livros e arquivos, entre passado, presente e futuro, equilibrando a curiosidade da menina que descobriu a Biblioteca Central e a maturidade da mulher que acredita na transformação e na inovação geradas pelas pessoas, suas ideias e escritos.

Caminho com o coração grato à UFPB, que me ensina que o conhecimento vai além do acúmulo: é gesto, é vida, é emoção transformada em permanência. Como disse Carl Sagan: “A imaginação frequentemente nos leva a mundos que nunca foram, mas sem ela não vamos a lugar algum.” É essa imaginação e esse saber vivenciado que tornam o aprendizado duradouro e transformador.





Desafios e legados na Educação em Saúde

Bruno Henrique Andrade Galvão

Sou Bruno Henrique Andrade Galvão, graduado em Biomedicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 2007, com mestrado (2010) e doutorado (2014) pelo Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical da mesma instituição. Minha formação também inclui uma especialização em Gestão em Saúde e Controle de Infecção Hospitalar pela FAMESP (2013), áreas que me permitem transitar entre os campos da ciência biomédica aplicada e a gestão da saúde coletiva. Ao longo de minha trajetória, desenvolvi experiência em Microbiologia, Biossegurança e Controle de Infecção Hospitalar, com uma linha de pesquisa focada em temas relacionados à Microbiologia Médica, práticas de biossegurança em instituições de saúde e estratégias para o controle de infecções hospitalares. Desde 2015, atuo como docente do magistério superior na Universidade Federal da Paraíba, atualmente ocupando o posto de Professor no Departamento de Ciências Biomédicas/CCS, onde ministro disciplinas fundamentais ao treinamento técnico e ético de futuros profissionais da área da saúde.

Desde o início de minha atuação docente, tenho me dedicado ao ensino de Microbiologia para cursos como Enfermagem, Odontologia, Biomedicina, Farmácia e Ciências Biológicas, além de ministrar disciplinas de Biossegurança e Controle de Infecção Hospitalar no curso de Medicina e componentes curriculares profissionalizantes no bacharelado em Biomedicina. Enxergo o ensino não apenas como transmissão de conhecimentos técnicos, mas como um espaço de troca reflexiva e crítica, essencial para a formação de profissionais preparados para enfrentar os desafios da saúde pública e da prática clínica. Acredito que os conteúdos das áreas de Microbiologia e Biossegurança vão além da sala de aula: estão diretamente ligados à segurança dos pacientes, à sustentabilidade nos sistemas de saúde e à redução de riscos em ambientes hospitalares. Por isso, faço do ensino uma extensão do meu compromisso com a ciência aplicada e o bem-estar coletivo, tendo como norte a ética, a inovação, e a aplicação prática do conhecimento.

Associado ao trabalho desenvolvido no ensino de graduação, tive a honra de presidir, a partir de 16 de abril de 2016, a comissão responsável pela criação do curso de bacharelado em Biomedicina da UFPB. Como presidente dessa comissão, trabalhei ao lado de nove colegas em um esforço coletivo para elaborar o projeto pedagógico do curso (PPC), com o objetivo de viabilizar o primeiro curso de Biomedicina em uma instituição pública no estado

da Paraíba. Após meses de intenso trabalho e debates, conseguimos a aprovação do PPC pelo colegiado do departamento em agosto de 2016, seguida pela chancela do Conselho do Centro de Ciências da Saúde e, em novembro do mesmo ano, pelo Conselho Universitário (CONSUNI). Posteriormente, o processo seguiu para avaliação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), que aprovou a proposta do PPC em abril de 2017. Esse marco não apenas representou uma conquista acadêmica coletiva, mas também reafirmou meu compromisso com a expansão e consolidação da formação em Biomedicina na região Nordeste, ampliando o acesso ao ensino superior público e de qualidade.

No que diz respeito ao ensino de pós-graduação na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tive a oportunidade de ser credenciado, de maio de 2018 a setembro de 2024, no Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO), vinculado ao Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN). Durante esse período, participei ativamente como membro do colegiado do curso, além de colaborar diretamente com o ensino e orientação. Ministrei disciplinas obrigatórias nos semestres 2018.2, 2019.2, 2020.1, 2021.1, 2022.2, 2023.1 e 2023.2, nas quais articulei os conteúdos da minha formação, especialmente em temas relacionados à microbiologia e biossegurança, com ênfase na aplicabilidade pedagógica no ensino de biologia. Ademais,

orientei três dissertações como orientador e participei como coorientador em outra, contribuindo para o desenvolvimento de trabalhos que dialogaram diretamente com a formação de professores e o aprimoramento do ensino de ciências biológicas. Essa experiência consolidou ainda mais minha trajetória acadêmica, unindo minha área de especialização à formação de educadores comprometidos com a qualidade da educação científica.

Ao longo dessa década, tive a satisfação de contribuir ativamente no campo da extensão universitária, atuando como coordenador de três projetos e colaborador em outros 14. Dentre as iniciativas de maior impacto, destaco minha atuação como coordenador adjunto da Liga Acadêmica de Micologia (LAMICO) por três anos consecutivos, quando promovemos o estudo dos fungos em uma perspectiva integrada de extensão, ensino e pesquisa com os ligantes dos cursos de Biomedicina e Farmácia. Sob essa ação, realizamos atividades significativas, como o Workshop de Micologia Médica, visitas técnicas a laboratórios especializados e ações de conscientização sobre a ocorrência de micoses na sociedade, reforçando a importância da prevenção dessas infecções.

Além disso, idealizei e coordenei a criação do Simpósio Paraibano de Biossegurança e Controle de Infecção Hospitalar, que contou com cinco edições realizadas entre 2016 e 2023. Esse evento, único em sua área na Paraíba,

reuniu docentes, discentes e profissionais da saúde, difundindo discussões indispensáveis sobre biossegurança e controle de infecções hospitalares. Essas experiências não apenas fortaleceram a conexão entre universidade e sociedade, mas também reafirmam meu compromisso com a formação acadêmica aplicada às demandas concretas da saúde pública.

Durante o mesmo período, atuei ativamente em projetos de ensino vinculados aos editais de monitoria da Pró-Reitoria de Graduação (PRG), participando do programa de monitoria na área de Microbiologia e disciplinas afins do Departamento de Ciências Biomédicas por nove anos. Nesse tempo, tive a oportunidade de orientar 16 alunos de diferentes cursos da área da saúde, proporcionando a eles uma vivência prática associada ao ensino e incentivando seu desenvolvimento acadêmico. Um marco importante dessa experiência foi a premiação no Encontro de Iniciação à Docência (ENID/UFPB) dentre os diversos trabalhos de monitoria da área da saúde, em 2017, com o trabalho “Material didático de baixo custo para o auxílio do ensino de microbiologia a portadores de déficit visual: na perspectiva de alunos e professores”, que reforçou minha crença na importância da acessibilidade educacional. Paralelamente, me dediquei à pesquisa, submetendo regularmente projetos aos editais do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) da Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq).

Ao longo da última década, orientei 26 alunos de iniciação científica, dos quais 12 foram bolsistas e 14 voluntários. Dentre essas orientações, destaco o projeto “Etiologia microbiana e avaliação da sensibilidade aos antimicrobianos nas infecções do trato urinário caracterizadas como infecção relacionada à assistência à saúde no internamento de clínica médica do Hospital Lauro Wanderley – UFPB” em 2017, premiado no Encontro de Iniciação Científica (ENIC/UFPB) em 2018. Esses resultados evidenciam o impacto do ensino e da pesquisa integrados na formação de futuros profissionais e na geração de conhecimento relevante para a saúde pública.

Na gestão acadêmica, tive a oportunidade de contribuir significativamente em diferentes funções, iniciando como vice-chefe do Departamento de Fisiologia e Patologia, cargo que ocupei de novembro de 2016 a outubro de 2018. Com o início da primeira turma do curso de Biomedicina da UFPB, fui designado coordenador *pro tempore* de setembro de 2018 a maio de 2019, sendo posteriormente eleito para o primeiro mandato como coordenador efetivo de maio de 2019 a maio de 2021, e reeleito para um segundo mandato de maio de 2021 a maio de 2023. Em continuidade à minha atuação administrativa, fui eleito vice-chefe do Departamento de Ciências Biomédicas em novembro de 2024, função que exerço até o presente momento, acumulando ainda a res-

ponsabilidade de vice-chefe do Laboratório Multiusuário de Bioanálises/DCB.

Destaco, entre as contribuições dessa trajetória, a proposição da primeira sala dedicada às metodologias ativas no Centro de Ciências da Saúde (CCS), uma iniciativa prontamente acatada pela direção do centro. Essa inovação permitiu não apenas avanços na infraestrutura do CCS, como também uma reorganização didático-pedagógica do curso. Esses esforços culminaram no ato regulatório de reconhecimento do curso de Biomedicina, realizado em abril de 2022 pela comissão do INEP/MEC, que avaliou o curso *in loco*. Com grande satisfação, recebemos o conceito máximo em todos os indicadores avaliados, sendo o único curso da história da universidade a alcançar a nota 5 em todos os indicadores do instrumento do INEP, um marco que reafirma a excelência acadêmica construída coletivamente.

Com minha experiência e paixão pela docência no ensino superior, aliadas à vivência na gestão acadêmica, em 2018 fui selecionado, por meio de edital, para integrar o Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASis). Desde então, venho desempenhando um papel ativo como avaliador em atos de autorização e reconhecimento de cursos de graduação, tanto em bacharelados quanto em tecnólogos, em diversas regiões do Brasil. Essa atividade tem sido uma oportunida-

de enriquecedora para compreender a heterogeneidade do ensino superior no país, identificar boas práticas pedagógicas, além de contribuir diretamente para a melhoria da qualidade dos cursos em diferentes contextos acadêmicos e geográficos. A experiência como avaliador não apenas amplia meu olhar crítico sobre os processos educacionais, mas também fortalece meu propósito em promover uma educação superior ética, inclusiva e de excelência.

Durante minha trajetória acadêmica, em 2020, fui desafiado a atuar na linha de frente no enfrentamento da pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2. Como membro da área da saúde da UFPB, contribuí na organização e readequação de dois laboratórios de pesquisa para transformá-los em centros de diagnóstico molecular, ampliando a capacidade de testagem da COVID-19 no estado da Paraíba. Por meio de recursos provenientes do setor público e da iniciativa privada, adaptamos o Laboratório de Endemias do Núcleo de Medicina Tropical/CCS e o Laboratório de Biologia Molecular/CCM para receber e analisar amostras biológicas de swabs nasofaríngeos de casos suspeitos da COVID-19, em parceria com o Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN/PB).

Apesar das incertezas e desafios impostos pela emergência sanitária, essa experiência revelou-se um período de intenso aprendizado e colaboração, que envolveu uma equipe multidisciplinar de servidores públicos federais tra-

balhando em prol da sociedade paraibana. A gestão central da UFPB prestou fundamental apoio à implementação das ações, formalizando a equipe de diagnóstico molecular da COVID-19 por meio das Portarias nº 153/2020, nº 230/2020 e nº 52/2022, as quais consolidaram um grupo qualificado para atender à essa necessidade emergencial. Além disso, criamos uma sala de coleta de amostras voltada à demanda da comunidade acadêmica, facilitando o diagnóstico precoce dentro da universidade. Como resultado desse esforço, os laboratórios realizaram aproximadamente 40 mil testes moleculares de RT-PCR para SARS-CoV-2, o que representou um marco histórico para a UFPB, reafirmando seu compromisso com as ações de enfrentamento à COVID-19 no estado da Paraíba.

Após toda a dedicação às ações de enfrentamento durante a pandemia da COVID-19, tive a imensa honra de ser indicado pelo Conselho Regional de Biomedicina da 2ª Região (CRBM-2) para receber a comenda de “Biomédico do Ano” 2021/2022, concedida pelo Conselho Federal de Biomedicina e pela Associação Brasileira de Biomedicina. Este reconhecimento, um dos mais importantes em minha trajetória profissional, simbolizou a valorização de esforços que transcenderam o âmbito individual, refletindo um compromisso coletivo com a Biomedicina e com a sociedade brasileira em um momento de profunda crise sanitária e social. Esta homenagem não apenas reforçou minha

paixão pela ciência e pela saúde pública, mas também renovou minha motivação em continuar contribuindo para o fortalecimento da Biomedicina como área essencial para a promoção e a proteção da saúde.

Ainda durante o período da pandemia, em 2021, recebi o honroso convite do professor Fábio Barbosa de Sousa, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para colaborar como autor de dois capítulos na primeira edição do livro *Biossegurança em Odontologia: O Essencial para Clínica*, uma obra organizada por ele e publicada nacionalmente pela Editora Manole. Este convite representou uma oportunidade significativa de contribuir para a disseminação do conhecimento em biossegurança, especialmente em um momento crítico para a saúde pública. Posteriormente, em 2023, tive a satisfação de ser convidado pela professora Sylvia Lemos Hinrichsen, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para colaborar como autor de cinco capítulos na quarta edição do livro *Biossegurança e Controle de Infecção Hospitalar - Risco Sanitário Hospitalar*. Esta obra, amplamente reconhecida como uma das mais relevantes e citadas no campo da biossegurança e do controle de infecções hospitalares no Brasil, consolidou-se como um importante recurso acadêmico e científico para profissionais e estudantes, destacando-se pela profundidade e relevância dos temas abordados. Estas experiências com publicações reforçaram meu compromisso com a

construção e a difusão de saberes em áreas tão cruciais para a prática da saúde e para a segurança da sociedade como um todo.

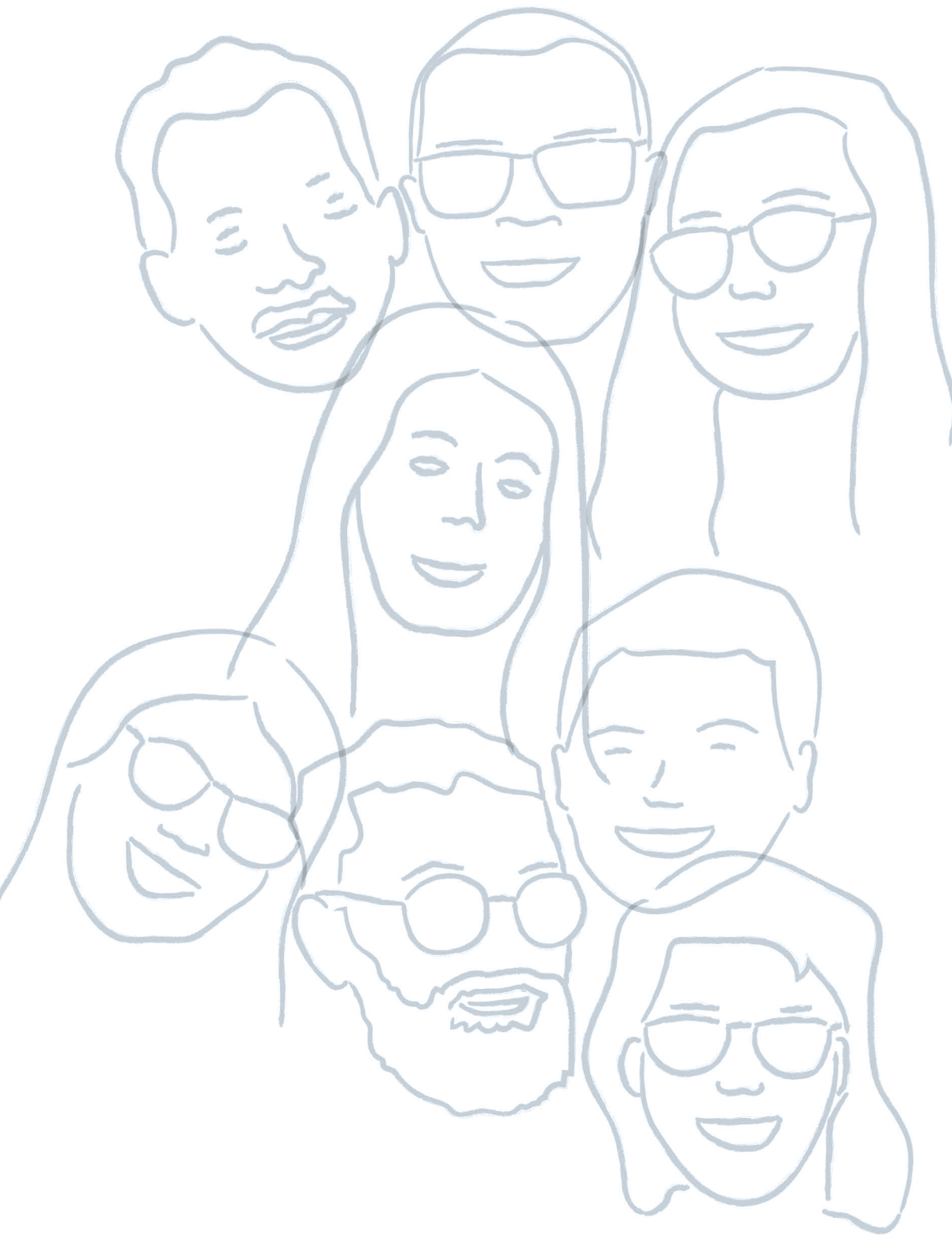
Mais recentemente, em 2024, tive a oportunidade de ser selecionado pelo governo de Portugal para integrar o Programa de Recepção de Professores Visitantes no Instituto Politécnico de Bragança. Durante o período de 17/02/2024 a 17/07/2024, colaborei no curso de Licenciatura em Ciências Biomédicas Laboratoriais, onde lecionei a disciplina de Higiene, Segurança e Qualidade Laboratorial. Paralelamente, contribuí no ensino de pós-graduação ministrando a disciplina de Inovação em Microbiologia Clínica no Mestrado em Ciências da Saúde, bem como a disciplina de Prevenção e Controle de Infecção Associada aos Cuidados de Saúde no Mestrado em Enfermagem Médico-Cirúrgica, com enfoque em Enfermagem à Pessoa em Situação Crítica. Esta experiência internacional foi enriquecedora, permitindo-me participar de eventos científicos, expandir conhecimentos e realizar um intercâmbio acadêmico em uma instituição de ensino superior de referência na Europa. Retornei ao Brasil trazendo comigo não apenas uma bagagem acadêmica ampliada, mas também novas perspectivas sobre os processos de trabalho e o desenvolvimento científico e tecnológico de uma instituição consolidada no norte de Portugal, contribuindo assim para o aprimoramento

das práticas acadêmicas e científicas em minha atuação na UFPB.

Após retornar da enriquecedora experiência como professor visitante em Portugal, ainda em 2024, recebi o convite honroso da Direção do Centro de Ciências Médicas/UFPB para integrar a comissão de acompanhamento do processo de avaliação de renovação de reconhecimento do curso de Medicina. Meses de trabalho intenso e colaborativo culminaram, em julho de 2025, na visita da comissão designada pelo INEP/MEC, que resultou na obtenção do conceito 5, um marco histórico para o curso médico da UFPB. Paralelamente, em fevereiro de 2025, a Pró-Reitoria de Graduação (PRG)/UFPB lançou a Chamada Interna PRG/UFPB Nº 01/2025, direcionada à submissão de projetos de ensino inovadores no âmbito do Programa QualiGrad. Movido pelo compromisso constante com a melhoria do ensino de graduação, submeti a proposta intitulada *“Sala de Metodologias Ativas – Um Espaço de Transformação Educacional em Saúde”*. Dentre as 177 propostas apresentadas, o projeto foi aprovado em primeiro lugar, recebendo nota máxima (10,0) e contemplação financeira de 25 mil reais para aplicação no Departamento de Ciências Biomédicas/CCS. Entre os 128 projetos aprovados, apenas 40 foram contemplados com financiamento, e a relevância dessa conquista não apenas reforçou minha convicção no potencial transformador da educação em

saúde, mas também renovou meu entusiasmo para os desafios futuros. Esta trajetória, marcada por tantas experiências inspiradoras e conquistas significativas, motivou-me a continuar dedicando meu trabalho acadêmico à UFPB nos próximos anos, ou talvez nas próximas décadas, com o mesmo vigor, paixão e compromisso que marcaram cada etapa da minha caminhada nessa tão respeitada instituição de ensino superior.





Entre a permanência e a esperança

Geórgia Dantas Macedo

Chegar à Universidade Federal da Paraíba foi a realização de um sonho e a confirmação de que a esperança que meus pais depositaram na educação se materializava em minha vida. Filha de trabalhadores simples e com pouca escolaridade, cresci ouvindo deles que a universidade era o lugar de oportunidades e de crescimento profissional, mesmo que não tenham conhecido uma sala de aula universitária.

Minha trajetória na UFPB se articula com a minha própria formação humana e profissional. Primeiro, como estudante e pesquisadora, quando passei a investigar as políticas de assistência estudantil e a relação destas com a permanência acadêmica. Depois, como trabalhadora, quando me tornei assistente social na Pró-Reitoria de Assistência e Promoção Estudantil (PRAPE). Foi neste espaço que verifiquei, de forma concreta, as expressões da questão social através das desigualdades materializadas na vida universitária e constatei que a assistência estudantil é um caminho para os(as) estudantes seguirem em frente.

A minha experiência na PRAPE proporcionou inúmeros aprendizados, a busca pela superação de desafios e a luta por oportunidades. Cada estudante tinha uma história perpassada por necessidades, sonhos e, muitas vezes, privações. Nos atendimentos, nas entrevistas, nas visitas domiciliares, nos acompanhamentos psicossociais, ouvi relatos de jovens que chegavam à UFPB com expectativas de mudança da sua realidade, mas esbarravam em dificuldades de transporte, na falta de moradia digna, na insegurança alimentar, na fragilidade emocional ou na ausência de apoio pedagógico. Na assistência estudantil, esses(as) estudantes buscavam o suporte para a realização do sonho de um diploma de curso superior, para a transformação da sua realidade e de suas famílias, e retribuir à sociedade o investimento público em sua formação.

Na UFPB, também tive a experiência de escrever uma tese de doutorado sobre a assistência estudantil, enquanto vivenciei a intensidade de ser mãe e pesquisadora. Conciliar os cuidados maternos e a dedicação às leituras, a execução da pesquisa e a escrita do texto foi um exercício diário para administrar as demandas com resistência e amor. Esta experiência também me ensinou os desafios enfrentados pelas estudantes-mães.

Além de espaço de trabalho e estudo, a UFPB tornou-se uma extensão da minha vida. Aqui aprendi que a universidade é feita de contradições e resistências. Vi de perto os

efeitos dos cortes orçamentários e as limitações impostas pelo modelo econômico capitalista que se traduziam em longas filas de espera de estudantes para acesso aos auxílios, nas inúmeras dificuldades para manutenção das residências e restaurantes universitários, ou seja, na luta constante da universidade para garantir o básico. E mesmo com as dificuldades, também vi estudantes se organizando coletivamente, movimentos estudantis reivindicando direitos, professores e técnicos defendendo uma educação pública, gratuita e de qualidade. Cada pequeno avanço conquistado demonstrou o peso da mobilização coletiva.

A vida universitária é marcada pela busca por permanência: a minha, como trabalhadora, estudante-mãe e pesquisadora; a dos(as) estudantes, como beneficiários da assistência estudantil; e a da própria universidade, como instituição pública que resiste em meio às crises políticas e econômicas. Permanecer, em todos esses sentidos, é um ato político. É dizer que, apesar das dificuldades, seguimos firmes, plantando esperança em um terreno que muitas vezes parece árido.

Ao mesmo tempo, a UFPB me ensinou que não basta apenas resistir: é preciso sonhar e propor novos caminhos. Durante a pesquisa, percebi a urgência de criar instrumentos de avaliação que não se limitassem a números e relatórios, mas que captassem a vida real dos(as) estudantes. Foi assim que construí um modelo de

avaliação da efetividade da assistência estudantil a partir da percepção discente (Macedo, 2025). Afinal, quem melhor do que os(as) próprios(as) estudantes para dizer se uma política está cumprindo seu papel? Essa escuta ativa é um compromisso ético e político que a universidade precisa assumir.

Celebrar os 70 anos da UFPB é, portanto, reescrever histórias que se encontram: a minha, a dos(as) estudantes e a da instituição. É reconhecer que, apesar dos desafios, a universidade é um espaço de sonhos possíveis. Na assistência aos(as) estudantes, a cada auxílio concedido, a cada refeição no restaurante universitário, cada vaga na residência universitária é um caminho para a democratização da educação superior.

Sigo descobrindo que a UFPB é um lugar de transformação, apesar de que ainda há muito a conquistar: ampliar os auxílios, fortalecer as residências e restaurantes universitários, garantir transporte digno e acessível, promover bem-estar e saúde mental, apoiar a parentalidade, investir em inclusão e acessibilidade. Mas também sei que, mesmo diante de tantos desafios, a universidade pulsa viva, sustentada pela energia dos(as) estudantes que insistem em permanecer.

Quando penso no futuro, imagino as próximas gerações vivendo também sua trajetória aqui. Gostaria que encontrassem uma UFPB ainda mais inclusiva, democrática

e acolhedora. Uma universidade que não apenas abre suas portas, mas que garante que todas as pessoas que nela ingressem possam permanecer e concluir sua formação.

Minha história na UFPB é uma história de permanência e esperança. Permanência porque resistimos, mesmo quando os ventos contrários tentam nos derrubar. Esperança para que a educação seja capaz de transformar vidas e de construir um futuro mais justo. Aos 70 anos de existência, a UFPB segue como um farol que ilumina caminhos e mostra que é possível sonhar com um amanhã melhor.

REFERÊNCIAS

MACEDO, Geórgia Dantas. **Avaliação da efetividade da política de assistência estudantil na perspectiva discente:** caminhos para a permanência na Universidade Federal da Paraíba. Orientadora: Edineide Jezine Mesquita de Araújo. 2025. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/36163> Acesso em: 10 out. 2025.



Entre placas e histórias

Everton Fernandes de Lima

Outrora, ao iniciar a tessitura da monografia intitulada *Bibliotecas privadas: cartografia da cidade de João Pessoa* (2020), bem como a dissertação *Geografia das placas: do mineral às práticas sócio-histórica e infomemoriais* (2024), percebi que a escolha de um objeto de pesquisa é, antes de tudo, um exercício de autoconhecimento. Procurar um objeto não foi fácil; compreender seu sentido foi uma tarefa ainda mais desafiadora. Afinal, escrever é um ato de partilha – entre o eu que escreve e o outro que lê. É, de certo modo, um gesto de mediação da memória, de registro daquilo que somos e daquilo que desejamos que permaneça.

Assim, ao me propor a narrar esta trajetória para a coletânea comemorativa dos 70 anos da Universidade Federal da Paraíba, reencontro-me com a pergunta que sempre me acompanhou: o que escrevo quando escrevo sobre mim? Talvez escreva sobre a informação que se faz memória, sobre a memória que se faz identidade e, sobretudo, sobre o patrimônio simbólico que a vida acadêmica nos permite constituir.

Foi na UFPB que aprendi que a informação é mais do que um dado organizado: é um elo entre sujeitos, tempos e espaços. É a argamassa que sustenta o edifício da memória social e universitária. Quando, na monografia, busquei compreender as bibliotecas privadas de intelectuais paraibanos, o fiz movido pelo desejo de perceber nelas não apenas acervos, mas extensões da subjetividade de seus donos. As estantes revelavam não só preferências de leitura, mas modos de ser e de pensar o mundo. Cada volume, cada anotação, cada dedicatória era uma peça de um mosaico que constituía identidades, revelando o livro como artefato de memória e como patrimônio intelectual.

O estudo das bibliotecas privadas foi, portanto, o primeiro exercício de aproximação entre informação e vida, entre o visível e o simbólico. Naquelas prateleiras repletas de histórias, percebi que a informação não é um fim, mas um meio de reconstituir percursos humanos. O livro, objeto aparentemente inerte, transforma-se em testemunha de um tempo, em vestígio de uma vida. Ali compreendi, talvez pela primeira vez, o valor daquilo que o bibliotecário preserva: não apenas o documento, mas o sentido do humano nele inscrito.

Anos mais tarde, já na pós-graduação, essa compreensão amadureceu. Passei a olhar para outros objetos igualmente cotidianos, mas carregados de potência simbólica: as placas de formatura. Diferentes das bibliotecas,

mas igualmente impregnadas de memória, as placas me convidaram a um outro tipo de escuta — uma escuta silenciosa, de superfícies que falam por inscrições, nomes e datas. Ao longo da pesquisa de mestrado, descobri que essas peças muitas vezes metálicas são muito mais do que ornamentos. São *médiums* de memória, no sentido atribuído por Assmann (2011), lugares onde o tempo se deposita e se torna acessível à lembrança.

As placas, dispostas nos corredores da UFPB, materializam a passagem de gerações e guardam, em cada nome gravado, uma história de pertencimento. Elas constituem um patrimônio informacional, não apenas porque armazenam dados – cursos, anos, turmas –, mas porque são depositárias de sentidos compartilhados. Representam o desejo de permanecer na Universidade, de ser lembrado, de fixar no tempo uma trajetória. Assim como as bibliotecas privadas revelavam a individualidade de seus colecionadores, as placas revelam a coletividade da experiência universitária.

O diálogo entre esses dois objetos – bibliotecas e placas – faz parte da minha própria busca por compreender a relação entre informação e memória. Ambos me ensinaram que o ato de registrar é também o ato de narrar, e que todo registro é uma tentativa de lutar contra o esquecimento. As placas e as bibliotecas são, cada uma a seu modo, expressões materiais de uma identidade individual e coletiva que

se constrói na relação com o conhecimento. São, portanto, patrimônios da memória informacional da UFPB.

Essas reflexões não nasceram isoladas. Têm origem no percurso pessoal que narrei no memorial *A etopoiética* como narrativa pessoal, atividade proposta na disciplina de Informação, Memória e Identidade, durante o mestrado em Ciência da Informação, no qual busquei entender como o “eu” se constrói a partir das experiências vividas e das memórias compartilhadas. Nesse exercício de escrita de si, como proposto por Foucault (1992), reconheci que o sujeito que pesquisa é também o sujeito que recorda e que se reinscreve no tempo por meio da linguagem. A *etopoiética*, enquanto prática de autoconstrução narrativa, revelou-se não apenas um método de rememorar, mas uma forma de reconhecer-se como parte de uma tradição intelectual e afetiva que a Universidade me ajudou a forjar.

Lembro-me que, ainda nas primeiras disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, a relação entre memória e identidade foi um tema recorrente. Compreendi, à luz de Ricoeur (2018) e Gondar (2016), que lembrar não é apenas reconstituir o passado, mas reconstruí-lo à luz do presente. Escrever sobre si é, portanto, um ato de reinterpretação: um constante equilibrar-se entre o que foi vivido e o que se quer significar. Talvez por isso, ao revisitar minhas próprias experiências acadêmicas, perceba que cada trabalho produzido é também uma tentativa de

compreender minha própria identidade enquanto pesquisador, bibliotecário e sujeito informacional.

No contexto da Ciência da Informação, estes temas se entrelaçam de modo singular. A informação é o ponto de partida; a memória, o caminho; e a identidade, o destino. O patrimônio, por sua vez, é o espaço simbólico que abriga estes elementos, conferindo-lhes materialidade e permanência. Assim, as bibliotecas e as placas, mas também as fotografias, os registros institucionais e as próprias narrativas de vida, formam um mosaico de documentos que compõem a memória institucional da UFPB. São fragmentos que, juntos, narram uma história de 70 anos de ensino, pesquisa e extensão.

Ao rememorar mais de uma década caminhando pelos corredores da UFPB, percebo que minha história é também uma história institucional. Os corredores que abrigam placas, livros e vozes são testemunhas do processo de formação de tantos sujeitos que, como eu, fizeram da Universidade seu lar simbólico. Cada pesquisa, cada orientação, cada grupo de estudo, cada amizade representam um fragmento de um patrimônio imaterial que resiste ao tempo.

Foi nestes espaços que aprendi a compreender a Universidade não apenas como instituição, mas como comunidade de memória. Os grupos de pesquisa, as bibliotecas, os laboratórios e os centros acadêmicos são

territórios de partilha onde o saber circula e se transforma em cultura. Neste sentido, a UFPB é, ao mesmo tempo, produtora e guardiã de memórias. Cada documento arquivado, cada placa exposta e cada história contada pelos que nela passaram compõem uma rede infomemorial que conecta o passado ao presente.

Ao escrever *Geografia das placas*, percebi que a pesquisa era também uma forma de agradecer. Cada placa observada carregava nomes de pessoas que, de algum modo, abriram caminhos para que outros, como eu, pudessem chegar. Era como se, ao investigar a memória das placas, eu também retribuísse à instituição parte do que dela recebi: a oportunidade de sonhar e de me tornar quem sou. Esse gesto de gratidão se traduz na certeza de que a Universidade é um espaço de permanências e transformações, de memórias compartilhadas e identidades em construção.

Relembrar, portanto, é uma forma de permanecer. As placas que analisei, os livros que cataloguei, os registros que produzi — todos falam de permanência. Falam da vontade humana de não se perder no tempo. E se há algo que aprendi ao longo desta trajetória é que a informação, quando mediada pela memória, adquire um poder de eternizar o efêmero. As palavras gravadas em metal, as anotações em margens de livros, as histórias contadas em voz baixa, todas estas manifestações são modos de resistência à impermanência.

Hoje, ao escrever este ensaio, compreendo que minha trajetória é uma tessitura entre o pessoal e o coletivo, entre a memória individual e a memória social. Sou parte da história que as placas de formatura narram, das bibliotecas que registrei, das vozes que ecoam na Ciência da Informação e das lembranças que guardo em mim. A UFPB é, neste sentido, o espaço onde o conhecimento se converteu em vida, e a vida, em narrativa.

Mais do que celebrar uma instituição septuagenária, este texto celebra o próprio ato de lembrar – lembrar para reconhecer, lembrar para resistir, lembrar para existir. Pois lembrar é, também, uma forma de permanecer – entre placas e histórias.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, p. 129-160, 1992.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social.

Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016.

LIMA, Everton Fernandes de. **Bibliotecas privadas:** cartografia da cidade de João Pessoa. João Pessoa: s.n, 2020. 130f. TCC (Graduação em Biblioteconomia) - UFPB-CCSA.,

Lima, Everton Fernandes de. **Geografia das placas:** do mineral às práticas sócio-histórica e infomemoriais. João Pessoa: s.n, 2024. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFPB-PPGCI.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história o esquecimento.** Campinas – SP: Editora Unicamp, 2018. 535 p



Entre a travessia pessoal e o mito da meritocracia

Patrícia Silva Rosas de Araújo

Era sexta-feira, uma manhã de sol, quando tomei posse como professora efetiva da Universidade Federal da Paraíba, em 2024. Vim do interior, saí de casa ainda de madrugada, por volta das cinco da manhã. No carro, tocava “Estrada”, de Cidade Negra:

Você não sabe o quanto eu caminhei / Pra chegar até aqui / Percorri milhas e milhas antes de dormir / Eu nem cochilei / Os mais belos montes escalei / Nas noites escuras de frio chorei. (...)

A música parecia feita para aquele momento. Eu deixava para trás quarenta anos vividos na Rainha da Borborema, cidade que me acolhera, mas onde eu já não cabia mais. Vivia um desassossego profundo, buscando um modo de recomeçar. A pandemia tinha me atravessado não só biologicamente – porque tive covid-19 –, mas simbolicamente: bagunçou minhas certezas, desfez o que eu entendia por identidade profissional. Pela primeira vez, eu não me via mais como professora.

Durante mais de duas décadas, lecionei Língua Portuguesa em escolas públicas da Paraíba – urbanas, rurais, de periferia, de tempo integral, EJA. Foram vinte e dois anos intensos. Quando a pandemia chegou, o caos tomou conta da profissão. Foi então que eu disse: não quero mais ser professora.

Em 2022, afastei-me da sala de aula para cuidar das minhas dores. Nada mais me encantava na escola, nem o barulho dos intervalos, nem a conversa na sala dos professores, nem a esperança que antes me movia. Eu, que por tantos anos ensinei a amar a palavra, não tinha mais palavras para ensinar.

Mas a vida, às vezes, arma reviravoltas silenciosas. Foi uma colega quem me enviou o edital do concurso da UFPB. Eu o vi sem interesse. Já havia decidido me reinventar fora da docência e fazia cursos de reorientação de carreira. Mesmo assim, aquele edital ficou latejando em mim. Alguns dias depois, precisei ir a João Pessoa visitar um parente doente. Era o último dia de inscrição do concurso. Entrei na universidade e, quase sem pensar, me inscrevi presencialmente.

Quando saíram as inscrições homologadas, eram 63 candidatos para duas vagas. “Não tenho chance”, pensei. A voz da autossabotagem falava alto. Minha psicóloga dizia que era síndrome da impostora. Mesmo assim, continuei estudando – sem acreditar muito, mas estudando. Passei

em primeiro lugar na prova escrita. Fiquei atônita. As etapas avançaram, e no fim, lá estava eu: aprovada.

No dia da posse, ao som de “Estrada”, eu ia costurando lembranças, medos e esperanças. Sentia que cada verso me empurrava em direção a um novo tempo – ao ponto mais oriental das Américas, à minha reinvenção.

No auditório onde ocorria a posse, cercado de gente de todos os cantos, senti o peso e a beleza daquele instante. Cada rosto ali trazia uma história, uma travessia, uma luta silenciosa. Quando chamaram meu nome, as pernas tremiam. As lágrimas vieram antes das palavras. Entendi, então, que aquele momento não era apenas meu. Era da minha família, dos que vieram antes de mim. Ali, tomavam posse comigo a minha história e os sonhos de uma geração.

Mais tarde, ao tentar traduzir o sentido daquele dia, percebi que não se tratava apenas de uma conquista, mas de uma espécie de restituição simbólica. Havia ali um encontro entre passado e presente – um símbolo do que pode nascer nas margens e alcançar o centro. A partir daí, a história daquela posse passou a circular para além do espaço íntimo. O que sempre fora uma travessia silenciosa tornou-se narrativa compartilhada, ganhando formas e sentidos que já não me pertenciam.

Senti, naquele momento, a necessidade de me recolher e revisitar o caminho percorrido. Naquele recolhimento,

revivi o sentido primeiro da docência – aquele que antecede os títulos, os cargos e as cerimônias. Num instante de déjà-vu, voltei aos meus sete anos, ao perfume da minha professora que, um dia, me fez querer ser professora.

Sou uma mulher parda de 42 anos, filha de uma trabalhadora doméstica negra e de um pedreiro branco, ambos com apenas um ano de escolaridade. Nasci em Campina Grande, a terceira de dez filhos. Aos seis anos, por falta de moradia, fomos morar num barracão erguido por meu pai no lixão no bairro do Mutirão – lona preta, papelão e lascas de madeira como abrigo. Vivíamos do que o lixo oferecia; eu e meus irmãos catávamos ossos para vender. Ainda assim, minha mãe matriculou todos na escola próxima. Simples, poeirenta, sem árvores nem brinquedos – mas para mim, era um paraíso: o único lugar que não cheirava a lixo.

Entrei na escola pela primeira vez com sete anos de idade. A primeira vez que vi a professora, algo em mim se iluminou. Ela era bonita, doce e seu perfume exalava pela sala. Recebia cada criança na porta com um abraço, como quem dizia silenciosamente: “você é bem-vindo aqui.” Eu, no entanto, desviava. Vinha do lixão, trazendo impregnado na pele o cheiro agri-doce da decomposição – uma mistura de azedo, fumaça e restos que parecia colar na alma. Por mais que tomasse banho, sentia que aquele odor estava entranhado na minha pele, cabelo, roupas. Fugir do abraço

era uma forma de me proteger – ou de proteger a professora de mim.

Até que um dia não consegui escapar. Quando seus braços me envolveram, senti o perfume dela. Demorei-me no abraço e naquele instante disse a mim mesma: “Quero ser professora. Quero ter esse perfume! Quero levar esse cheiro a outras pessoas.”

O abraço da professora não ensinou conteúdo, mas ensinou humanidade. Desde então, tracei meu caminho na docência. Nunca repeti de ano, nunca desisti. Meus irmãos foram trabalhar cedo, mas eu continuei estudando. Fiz o Magistério (Escola Normal) e comecei a lecionar aos 18 anos. Depois vieram o curso de Letras, Pedagogia, o Mestrado, o Doutorado. Passei por quatro concursos da educação básica até chegar ao ensino superior – na quarta tentativa.

Em meio à celebração da minha posse na universidade, uma pergunta não me saía da cabeça: seria isso apenas fruto do mérito individual? Ou minha história expõe as fissuras do próprio mito da meritocracia?

A meritocracia é apresentada como uma promessa de justiça: quem se esforça, vence. Essa ideia parece simples e reconfortante, mas desmorona quando confrontada com a realidade. O ponto cego da meritocracia está justamente em ignorar as condições de partida. Nem todos largam da

mesma linha, e fingir que sim é uma forma elegante de manter desigualdades intactas.

As fissuras desse mito aparecem quando olhamos para quem realmente tem acesso às oportunidades. A educação pública desigual, o racismo estrutural, o machismo, a concentração de renda e as redes de privilégio revelam que o mérito, sozinho, não explica o sucesso. O talento e o esforço contam, mas contam dentro de um sistema que privilegia alguns e impõe obstáculos a outros.

A narrativa meritocrática também serve a um propósito político: culpabilizar o indivíduo e esconder a estrutura. Se alguém não “chega lá”, o problema é sempre a falta de empenho – nunca o fato de que o “lá” é um espaço restrito, desenhado para poucos. Assim, o mito se mantém, alimentando a ilusão de um jogo justo que nunca existiu.

Reconhecer essas fissuras não é negar o valor do esforço, mas colocá-lo no seu devido contexto. O mérito só faz sentido quando há equidade de condições. Fora disso, ele vira apenas mais uma história bem contada – uma narrativa que legitima privilégios e mascara injustiças.

O Brasil é o retrato vivo de suas próprias contradições. Estudantes da rede pública enfrentam carências estruturais que tornam a competição desigual desde o ponto de partida. No meu caso, o esforço foi real – mas só ganhou força porque encontrou amparo em políticas públicas que

abriram pequenas brechas na estrutura excludente. Foi a merenda escolar que matou a fome, o livro didático gratuito que me ensinou a ler o mundo, o material escolar que me manteve na sala de aula. Foi na escola que fiz tratamento dentário durante a adolescência e na biblioteca que li meu primeiro livro literário. Na universidade, o Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da CAPES me levou até a Universidade de Buenos Aires – uma oportunidade que só existiu porque o Estado acreditou que conhecimento também nasce nas margens.

Hoje, como professora, sei que minha trajetória individual é exceção num sistema que ainda reproduz desigualdades. Segundo o Censo da Educação Superior 2024 (INEP), 60,3% dos docentes universitários se declararam brancos, enquanto apenas 25,2% se identificam como pretos, pardos ou indígenas. Esses números mostram que, embora tenhamos avançado, o espaço universitário ainda carrega marcas profundas de exclusão.

A minha trajetória rompeu barreiras, mas ainda é exceção, não regra. O que me trouxe até a docência no ensino superior não foi apenas esforço individual, mas o alcance de políticas públicas que abriram caminhos antes inacessíveis. É por meio delas que outras mulheres negras, como eu, podem vislumbrar um lugar na docência – não apenas para ocupar espaços, mas para transformar o modo como o país pensa educação e raça.

Talvez ainda não tenhamos escancarado as portas da universidade para mulheres negras e indígenas, especialmente no corpo docente. Mas já conseguimos deixá-las entreabertas. E é por essa fresta que a mudança continua entrando – silenciosa, persistente e transformadora.



70 anos de UFPB, 10 anos de mim

Kátia Santiago Ventura Lucena

Meu primeiro contato com a Universidade Federal da Paraíba não foi suave. Foi, na verdade, marcado por um desencontro que me feriu profundamente. Eu ainda estava no Ensino Médio, prestando o vestibular, que, naquela época, chamava-se de PSS – Processo Seletivo Seriado, e concorria a uma vaga no curso de Engenharia de Alimentos. Na prova do segundo ano, meu local de provas foi definido para o Campus I, em João Pessoa. Acordei ansiosa, me preparei. Mas, no meio do caminho, o relógio correu contra mim. Cheguei atrasada. Perdi a prova e, com ela, um ano inteiro de estudo. Saí dali com raiva, com um nó no peito, convencida de que a UFPB havia me negado um futuro. Fiquei com trauma, com um ressentimento que me acompanhou durante muito tempo.

No ano seguinte, ainda assustada com aquela memória, prestei vestibular para a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, e fui aprovada. Anos depois, passei em concurso para a Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, onde fiquei cinco anos. Mas a distância da minha

terra, mesmo não sendo tão grande, me pesava no coração. Foi então que surgiu a possibilidade de redistribuição para a UFPB. E assim, no ano em que a instituição celebrava seus 60 anos, cheguei para integrar seus quadros. Àquela época, eu não tinha a dimensão do que isso representava. Hoje, olhando em retrospecto, reconheço: foi o início de uma das etapas mais significativas da minha vida.

Este ano, a UFPB celebra 70 anos e eu completo 10 anos de instituição. Dez anos de aprendizados, desafios, encontros e amizades que se tornaram laços para a vida toda. Se antes a universidade me parecia distante e fria, hoje ela é casa, é chão fértil, é lugar de pertença.

Desde que cheguei à UFPB, mergulhei em uma das dimensões mais delicadas e belas da vida universitária: a assistência estudantil, campo sensível e, ao mesmo tempo, imprescindível para que a educação pública cumpra sua função transformadora. Trabalhar na assistência estudantil me permitiu enxergar a universidade para além dos livros e das salas de aula. Foi aqui que aprendi o verdadeiro sentido da permanência.

Participo da elaboração e da execução de editais que garantiram e garantem bolsas, auxílios e sonhos. Estive em reuniões com estudantes aflitos, em assembleias tensas, em visitas às residências universitárias, onde cada quarto guarda uma história de luta e resistência. Houve dias em que saí da Reitoria carregada de peso, levando comigo a

dor de histórias que não cabem em relatórios: estudantes sem onde morar, sem o que comer, ou enfrentando contextos de violência e abandono que ultrapassam a questão econômica. Vulnerabilidade, aprendi, não se mede apenas em números.

Vi lágrimas de quem não sabia se conseguiria permanecer mais um semestre. Vi olhos assustados, cheios de medo do futuro. Mas também vi sorrisos largos no dia da colação de grau, recebi abraços de gratidão inesperada nos corredores, ouvi notícias de antigos bolsistas que hoje são concursados, empregados, sustentando suas famílias com dignidade. E, nessas horas, percebi: nada supera o gosto de ver um estudante transformar sua vida pela educação. A alegria de acompanhar esse percurso é indescritível.

Digo, sem medo, que mudamos vidas. Levamos oportunidades para onde antes não havia sequer sonhos ou perspectivas. Plantamos horizontes em lugares de terra árida e vemos nascer ali esperança, coragem e futuro.

E nesse caminho, não estive só. Se há algo que guardo com carinho desses dez anos é também a rede de amizades e aprendizados construída aqui dentro. Colegas de trabalho que se tornaram companheiros de luta, parceiros de riso e de lágrimas. Pessoas que entendem, como eu, a grandeza e a dureza de atuar na assistência estudantil. Juntos, enfrentamos as pressões do cotidiano, dividimos o peso das responsabilidades e celebramos cada pequena

vitória conquistada. É com eles que partilho não apenas rotinas, mas também confiança, afeto e o sentimento de pertencimento.

Hoje, quando olho para trás, percebo como o tempo ressignifica a vida. A mesma instituição que um dia me fez chorar por perder uma prova tornou-se, mais tarde, o espaço onde encontrei propósito, amigos e uma missão maior. A UFPB me ensinou que reencontros são possíveis e que os caminhos, por mais tortuosos que pareçam, podem levar a destinos que valem a pena.

Ao celebrar seus 70 anos, a UFPB se mostra viva, pulsante, feita de histórias como a minha e de milhares de outras. Cada estudante que cruza seus portões, cada servidor que veste essa camisa, cada professor que semeia conhecimento, todos deixam marcas invisíveis que compõem a identidade desta universidade. E eu me sinto feliz por ser uma destas marcas.

Que a UFPB siga sendo esse espaço de ciência, cultura, inclusão e, sobretudo, humanidade. Que continue a abrir portas, mesmo para aqueles que, como eu um dia, chegaram atrasados, inseguros ou feridos. Porque, no fim, a universidade é feita disso: de portas que se abrem, de caminhos que se cruzam, de vidas que se transformam. E é nesse abraço entre saber e cuidado que mora a sua maior beleza.

Pontos luminosos de uma trajetória bufonesca

*Domingos Sávio Farias de Albuquerque Júnior
Nykaelle Aparecida Pereira de Barros*

Este ensaio traz numerosas narrativas compostas por lembranças coletivas do grupo Bufões de Olavo, formado em 2010 no âmbito do curso de Teatro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Para tanto, consideramos um amplo conjunto de ações acadêmicas, artísticas e pedagógicas desenvolvidas ao longo de nossa trajetória. Rememoradas para produção deste texto, cujo intuito é compor esta publicação tão celebrativa, chamamos elas de pontos luminosos que nos permitiram formar uma constelação da qual a estrela mais brilhante, aquela que habitamos e orbitamos, é, sem dúvidas, a UFPB.

Como estrelas que compõem uma constelação do céu, estes pontos revelam os (des)caminhos de nossa bufonesca trajetória que é complexa, dinâmica, divertida, imperfeita e, ao mesmo tempo, repleta de aprendizados tão significativos, componentes de nossa formação artística, acadêmica, profissional e, sobretudo, humana.

O primeiro ponto que damos a ver é a nossa fundação, inicialmente como Núcleo de Estudos e Experimentações do Cômico (NEECO). A semente germinadora dessa composição nuclear foi o componente curricular Interpretação I. Uma das unidades temáticas da disciplina foi dedicada ao estudo da figura do palhaço. Assim, foram criadas em sala de aula várias cenas de duplas para apresentação na mostra pública de final do semestre, a chamada *Semana Cênica*.

O interesse em amadurecer a construção de nossas palhaças e palhaços foi motivo para reunirmos aquele material cênico num espetáculo e apresentá-lo sob o título de *Clown Bar* no XIV Encontro Nacional de Estudantes de Arte (ENEARTE), realizado em Ouro Preto-MG, em 2010, onde reuniram-se inúmeros estudantes de cursos de Arte de todo o país. Às gargalhadas, lembramos das longas horas de viagem no ônibus institucional cheio de estudantes e sonhos nutridos nas alegres paradas e tensionados nas turbulentas curvas da estrada.

Após estreiar longe de casa, retornamos à UFPB, cujo chão se tornou laboratório, casulo e picadeiro. Foram numerosos ensaios na antiga Sala Verde do *Abacatão*, no palco do extinto Teatro Lampião ou mesmo na capela ecumênica, praças e coretos do *campus I*. Com um elenco fixo composto por Angélica Lemos, Flávio Lira, João Brandão, Nyka Barros e Sávio Farias, sob direção do professor José Tonezzi, uma

nova versão do espetáculo nasceu. Voamos e pousamos em inúmeras praças e palcos diversos.

Um mosaico cênico oferecendo ao mundo sua própria ingenuidade. Uma supernova. Uma estrela cujo brilho se expande em traços que mais lembram o estourar de um champanhe, mas com o forte ardor das cachaças brejeiras que levávamos nas malas, de João Pessoa até Salvador, da Bélgica à Colômbia, de Areia a Patos de Minas, de Monteiro para Caicó, dentre muitos outros destinos. Em cada cidade, levamos sempre conosco o nome da UFPB a festivais de teatro universitários e profissionais, e aprendemos que a máscara do palhaço é um verdadeiro espelho de nossas imperfeições e vulnerabilidades. Cada apresentação, um exercício de autoconhecimento, uma investigação do quão risíveis somos – nós, o mundo e todo mundo.

Seguimos aprofundando nossa pesquisa de modo encarnado, colocando em diálogo a figura do palhaço à poética da bufonaria, dançando nas fronteiras nebulosas do profano e do sagrado. O compartilhamento interno das oficinas com os mestres argentino Chacovachi e chileno Andrés del Bosque, que Flávio Lira e Nyka Barros participaram respectivamente, durante o 10º Anjos do Picadeiro na cidade do Rio de Janeiro, potencializou significativamente as nossas imersões no universo do bufão, e assim pudemos avançar mais e mais.

Dessa investigação nasceu *Oração do Santo Gozo*, uma performance que misturava erotismo e devoção, fé e paródia. A partir do poema homônimo de Flávio Lira, essa prece foi composta para o *Festival de Poesias Encenadas* realizado anualmente pelo SESC-PB. Ela coube perfeitamente em nossa bagagem e circulou junto ao *Clown Bar* por inúmeras paragens. O bufão nos ensinou a olhar para nossas feridas sociais com ironia, a rir das nossas dores por meio de gestos grotescamente sublimes, a aceitar melhor a nossa condição humana, com movimentos de crítica e cura.

Além dos espetáculos, na condição de bolsistas de iniciação científica, apresentamos comunicações acadêmicas em muitos eventos científicos, como na V Jornada Latino-Americana de Estudos Teatrais (Blumenau), no Seminário Dança, Teatro, Educação (Fortaleza) e em muitas edições da Jornada de Pesquisa em Artes Cênicas, da Mostra Universitária Artes em Cena (MUAC) dos Encontros de Iniciação Científica, sediadas na UFPB.

Com a conclusão de nossas graduações, seguimos expandindo nossas pesquisas sobre os temas caros ao grupo como estudantes de mestrado – Nyka Barros no PPGArC/UFRN e Sávio Farias no PPGAC/UFBA –, e paulatinamente ganhando mais autonomia e aperfeiçoamento acadêmico.

Ainda orbitando a UFPB, moramos juntos em nossa tão sonhada sede, a *Casa Bufo*, situada no bairro Castelo Branco, em João Pessoa. Nessa travessia, o espetáculo

Wenderer marcou um tempo de rupturas e novas aberturas. Projetos como *Abriu a palhaçada*, *Banquete de um só*, *KKKK – Cabaré de Palhaços* e *Bondaji* foram ações nascidas da urgência de manter o riso vivo, mesmo em tempos sombrios, entre 2016 e 2018. A comicidade, reafirmamos, é sempre um campo político: rir criticamente é também um ato de resistir frente a um cenário de instabilidade política e retrocesso. A bufonaria nos ensinou a rir *com* e não *de*; a rir *contra* quando é preciso; a rir para não sucumbir.

Àquela altura, como quem sai de casa mas continua morando perto, mantivemos diálogos com a Universidade: realizamos uma *Ceia Cênica*, reunindo coletivos teatrais surgidos na graduação em Teatro da UFPB, um encontro celebrativo! Em nossos processos criativos, aproximamos as máscaras do palhaço e do bufão à *drag queen* em trabalhos como *Comunhão Bufa*, *Xou da Xuca* e a *Desmontagem XX*, propondo mais diálogos entre riso, dissidência e iconografias. Além disso, realizamos uma série de atividades formativas, compartilhando as nossas experiências e inquietações poéticas com comunidades interessadas num riso mais crítico.

Na *Casa Bufa*, cozinhamos, ensaiamos, choramos e gargalhamos. Ela nos ensinou que o riso é também um gesto de afeto e que resistir exige respeito, tempo e abrigo. Ali, entendemos que ser grupo de teatro é um modo de

existir no mundo: compartilhar o pão, a cena e o caos. Naquela *Casa* confabulamos rir junto às crianças. *Bafo, o bode encantado*, uma criação coletiva e colaborativa, marcou o nosso retorno aos palcos com todo o elenco reunido e foi o nosso primeiro experimento bufonesco voltado para o público infantojuvenil. A comicidade reapareceu em forma de brincadeira: animais de criação, canções de roda e antigos segredos nos permitiram sonhar, mas sem perder a dimensão crítica.

Com o passar dos anos, o desejo de partilha se ampliou e as mudanças da vida nos fizeram aprender a ser grupo em rede. Criamos o *Cena Bufo Festival* e o *Colóquio Internacional de Estudos do Riso*, espaços de encontro entre artistas, cientistas e públicos que têm no riso fonte vital de pesquisa e criação. Em edições presenciais, virtuais e híbridas, pudemos debater a comicidade e suas implicações contemporâneas, bem como revisitar o nosso repertório cênico em um exercício sincero de reinvenção. Tais atividades nos mostraram que a nossa trajetória é parte de um conjunto maior, uma rede viva de afetos e saberes.

Neste sentido, durante sua atuação como professora substituta do Departamento de Artes Cênicas da UFPB, Nyka Barros pôde articular projetos de ensino, pesquisa e extensão voltados para a palhaçaria, em especial a palhaçaria de mulheres, fomentando formação e crítica, além de manter parceria institucional com a Universidade Regional

do Cariri, na qual Sávio Farias é professor. Ademais, a pesquisa de doutoramento de Nyka Barros, no PPGAC/UFBA, “Bufonar: uma poética do DEScontrole”, atualmente em fase de conclusão, firmou sua aproximação com os estudos feministas e tem fomentado uma rede significativa e fértil de mulheres bufonas, com crítica, análise, expressão e prazer!

O palhaço, as bufonas, a drag, o fazer arte, docência e pesquisa coexistem em nossa trajetória. Entre o cômico e o político, entre o sagrado e o profano, fomos compreendendo que o riso traz consigo uma pedagogia da escuta, da entrega e da tomada de ação e atitude. Nossa constelação bufonesca, sensível e risível, é uma história de amizade e de irmandade, cheia de aprendizados e resistências. Cada espetáculo, cada oficina, cada viagem e cada silêncio são como estrelas que seguem brilhando, algumas mais fortes, outras quase apagadas, mas todas parte do mesmo firmamento que chamamos de grupo. Tudo isso só foi possível porque nos encontramos e o território desse genuíno e fantástico encontro será sempre especial para nós: gratidão à nossa amada e saudosa Universidade Federal da Paraíba – UFPB! Que venham mais 70 anos!



Minha história na UFPB

Jamile Bezerra Cantalice

Minha trajetória acadêmica na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) é marcada por uma profunda construção pessoal e intelectual, consolidada pela integração entre teoria e prática social. Desde o ingresso na Pós-Graduação em Extensão Universitária e Desenvolvimento Sustentável, passando pela graduação em Direito, até a retomada dos estudos na Pós-Graduação em Direitos Humanos, meu percurso evidencia o papel transformador da educação pública e o compromisso ético com a sociedade. Este ensaio busca relatar as etapas dessa caminhada, ressaltando a importância das oportunidades oferecidas pela UFPB para o desenvolvimento acadêmico e social, além das experiências práticas que contribuíram para minha formação cidadã e profissional.

Em 2016, motivada pelo desejo de aprofundar meus conhecimentos e contribuir para o desenvolvimento social, iniciei meus estudos em João Pessoa, na Pós-Graduação em Extensão Universitária e Desenvolvimento Sustentável da UFPB. Essa experiência foi fundamental para compreender o papel da universidade como agente de transformação coletiva, ampliando minha visão sobre a importância da

extensão como instrumento de diálogo e inclusão social. A interação com a comunidade acadêmica e com a sociedade local fortaleceu meu vínculo com a universidade e impulsionou a busca por novos desafios.

Em 2018, concretizei o sonho de ingressar na graduação em Direito na UFPB, o que representou um importante avanço na minha formação acadêmica e profissional. Durante o curso, pude articular os conhecimentos teóricos com as práticas jurídicas e sociais, consolidando uma perspectiva crítica sobre o papel do Direito na promoção da justiça e da cidadania. Além disso, desenvolvi ações sociais, como a campanha de arrecadação para a Casa da Criança com Câncer, que ampliaram minha compreensão sobre a responsabilidade social do profissional do Direito.

Ao longo da graduação, participei ativamente de projetos voluntários, destacando-me pela participação em ações solidárias, como o apoio às vítimas das enchentes na Bahia. Em 2022, fui a única estudante da universidade a atuar voluntariamente na campanha promovida pela UFPB, o que evidenciou meu engajamento com causas humanitárias e a importância do voluntariado como exercício de cidadania e solidariedade. Essa atuação social foi reconhecida pela comunidade acadêmica e pela sociedade, reforçando o caráter interdisciplinar e integrado da minha formação.

O reconhecimento do trabalho voluntário e acadêmico ocorreu em 2023, quando recebi o título de cidadã pes-

soense concedido pela Câmara Municipal de João Pessoa. Essa honraria simboliza não apenas a valorização das ações sociais desenvolvidas, mas também o vínculo afetivo construído com a cidade que me acolheu e possibilitou minha realização pessoal e profissional. O gesto representa a superação de desafios e a materialização de um compromisso ético com a justiça social e o desenvolvimento regional.

Em julho de 2025, retornei à UFPB para cursar a Pós-Graduação em Direitos Humanos, reafirmando minha vocação acadêmica e meu compromisso com as causas sociais. Essa etapa marca a continuidade do processo de formação, com ênfase na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa aos direitos fundamentais. A busca pelo conhecimento e pela atuação crítica e reflexiva permanece como princípio orientador do meu percurso acadêmico e profissional.

A trajetória acadêmica que construí na Universidade Federal da Paraíba configura-se como uma experiência enriquecedora, marcada pela interseção entre conhecimento, compromisso social e desenvolvimento pessoal. A UFPB não foi apenas um espaço de aprendizado formal, mas um ambiente que promoveu minha transformação enquanto cidadã consciente e agente de mudança. Desde a pós-graduação inicial em Extensão Universitária e Desenvolvimento Sustentável, passando pela graduação

em Direito, até o retorno à pós-graduação em Direitos Humanos, cada etapa contribuiu para o fortalecimento de valores fundamentais como a solidariedade, a ética e a responsabilidade social.

Além da formação acadêmica, o envolvimento em ações voluntárias e campanhas solidárias reforçou minha compreensão do papel ativo que o indivíduo pode e deve exercer na sociedade. O reconhecimento recebido por meio da honraria de cidadã pessoense confirma que o esforço e a dedicação resultam em contribuições efetivas para a comunidade, reafirmando a importância do vínculo entre universidade e sociedade.

Assim, compreendo que minha trajetória acadêmica demonstra como a formação universitária, quando articulada à prática social, amplia de forma significativa os horizontes do conhecimento e me prepara para enfrentar os desafios contemporâneos com ética, sensibilidade e compromisso social. Ao celebrar os 70 anos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sinto-me profundamente honrada em fazer parte da história desta instituição, que se consolidou como referência em ensino, pesquisa e extensão, reafirmando o papel essencial da educação pública na transformação social. Minha experiência na UFPB representa, portanto, a prova concreta do poder emancipador da universidade, evidenciando sua impor-

tância na promoção da cidadania ativa e na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 25 jul. 2025.

JOÃO PESSOA (PB). Câmara Municipal de João Pessoa. **Decreto Legislativo nº XXX/2023**. Concede o Título de Cidadão Pessoaense à Sra. Jamile Bezerra Cantalice. João Pessoa, PB, 16 ago. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **UFPB prorroga até este domingo (2) arrecadação de donativos para famílias desabrigadas na Bahia**. 2022. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/ufpb-prorroga-ate-este-domingo-2-arrecadacao-de-donativos-para-familias-desabrigadas-na-bahia>. Acesso em: 30 jul. 2025.



Entre experiências andragógicas e saberes produzidos

Edileuda Soares Diniz

Biblicamente falando, até a criança se dá a conhecer pelas suas ações. Para alguns, é na infância que os sinais de uma vocação começam a despontar. Comigo não foi diferente. O imenso gosto pela leitura, que eu já demonstrava em tenra idade, era evidente. Comecei a ganhar coleções em miniatura de dicionários inglês-português, francês-português, inúmeras revistas em quadrinhos, a Bíblia em quadrinhos, entre outros. Aos poucos, passei a preferir leituras com mais texto e menos ilustrações. Esse hábito perdurou durante a adolescência e a vida adulta. E foi na juventude, diante das incertezas típicas dessa fase, que a busca por uma ocupação deixou de ser uma dúvida ao me deparar com uma revista que apresentava os cursos de graduação disponíveis. Ao folheá-la, encontrei, logo no início, o curso de Bacharelado em Biblioteconomia, com suas respectivas disciplinas, duração e informações sobre o mercado de trabalho. O encantamento foi imediato.

Assim sendo, me submeti ao vestibular em 1987 e fui aprovada para o curso de Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I. A partir de então, percebi que minha escolha havia sido acertada. Esse sentimento me acompanhou ao longo de toda a graduação na UFPB.

É importante destacar que, salvo algumas exceções, os discentes de Biblioteconomia geralmente provêm de famílias com menor poder aquisitivo. Essa era a minha realidade, mas isso não impediu a minha permanência na universidade por estar convicta de que a UFPB era o meu lugar.

Por outro lado, foram as dificuldades que encontrei em sala de aula, como a falta de incentivo e o descompromisso por parte de alguns docentes com o ensino superior, que chamaram minha atenção enquanto graduanda. A cada semestre que cursava, somavam-se outras inquietações relacionadas ao comportamento dos professores quanto às suas escolhas pela docência na IES federal. Era nítido o antagonismo entre o que diziam em sala de aula com o fato de já serem servidores públicos federais na mesma área em que, ocasionalmente, a rechaçavam.

Eu me indagava continuamente: por que escolheram essa área específica do saber para ensinar, se questionavam minha escolha de curso na UFPB, sugerindo outras opções, como a Administração, por exemplo? Essa atitude atçou

minha curiosidade, porém, sem me deixar influenciar. Tais vivências, portanto, constituíram a semente da minha carreira profissional a ser delineada após a conclusão do bacharelado.

Um dos frutos dessa trajetória na academia foi o ingresso na docência universitária na UFPB, Campus I, culminando com o Mestrado em Biblioteconomia, concluído em 1998. Enquanto cursava disciplinas da pós-graduação *stricto sensu*, foi lançado um edital para o processo seletivo de professor substituto. Candidatei-me e, ao ser aprovada, passei a exercer a docência, mesmo sem experiência prévia em sala de aula no magistério superior. Para não dizer que era totalmente leiga quanto à atividade docente universitária, havia atuado como monitora durante a graduação. É relevante frisar que, naquela época, não existiam no Brasil cursos *stricto sensu* voltados exclusivamente à formação docente. O que se oferecia eram o mestrado acadêmico, o mestrado profissional (MP) e o doutorado, regulamentados pela Portaria nº 80/1998, com foco exclusivo na formação para a pesquisa, sem contemplar a formação pedagógica e/ou andragógica.

O fato de não ter tido experiência anterior no exercício da docência universitária, ao ingressar como professora temporária na UFPB, fez com que eu sentisse o peso da responsabilidade na busca por uma qualificação nos saberes da docência no ensino superior público federal. Isso

porque as referências que tive de professores do Ensino Básico e do Ensino Universitário não foram expressivas o suficiente para que eu pudesse me espelhar nelas. Os docentes das escolas públicas no período do Ensino Básico onde estudei, em sua maioria, não tinham preparo adequado para ensinar. Muitos agiam como se fosse tedioso dar aula, pois chegavam a cochilar em sala. Além disso, não demonstravam interesse no aprendizado dos estudantes, tendo em vista o pouco conteúdo ministrado das matérias e a falta de clareza na explicação.

Quanto a mim, eu não possuía as fontes e os aprendizados formativos a contento para subsidiar o exercício docente na Biblioteconomia. Recorria, muitas vezes, ao apoio de colegas do curso que emprestavam seus materiais e planos de curso para que eu tomasse como modelo e, assim, pudesse utilizá-los no preparo das minhas aulas. Foi esse o contexto com o qual me deparei ao ingressar como professora substituta na UFPB: nenhuma orientação quanto a planejamento, métodos ou processos avaliativos. Tal prática levou-me a refletir intensamente sobre a minha atividade docente, sobretudo por se tratar de ensino para adultos, o que exige apropriação concreta dos saberes relacionados ao processo de ensino-aprendizagem.

Essa situação corrobora pesquisas desenvolvidas na área da educação, que apontam que professores, ao ingressarem no magistério superior, frequentemente

desconhecem tanto a teoria do ensino quanto sua relação com a aprendizagem. Ao atuarem na docência, eles trazem apenas o conhecimento específico de sua área, mas sem o domínio das metodologias didáticas. Esse cenário se agrava no caso de graduados em cursos de bacharelado cuja matriz curricular não inclui disciplinas voltadas à Metodologia e Didática do Ensino Superior.

Após minha atuação inicial na UFPB como professora substituta, lecionei em outros Estados: em Alagoas, como professora visitante entre 2000 e 2001, e no Centro-Oeste, na UFMT – Campus Rondonópolis, onde permaneci por cerca de nove anos e meio como professora efetiva. Retornei à UFPB em 2013, por meio de redistribuição, trazendo uma visão mais amadurecida da docência universitária, enriquecida pelas leituras e formações cursadas ao longo do tempo, como a especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior (2007/2008, no Mato Grosso) e o Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB, Campus I.

Saliento que as fontes principais utilizadas nesse doutoramento foram os estudos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e Rede Universitas/Br, as quais auxiliaram na compreensão da diferença entre o ensino de adultos e o ato de lecionar para o público infantil.

Reforço que a UFPB foi e continua sendo fundamental para que eu vislumbre a profissão docente em Biblioteconomia com mais acuidade. Por tratar-se de uma área tradicionalmente marcada pelo tecnicismo, e hoje impactada pelas novas tecnologias da informação, exige, por isso mesmo, uma prática docente que vá além da simples transmissão de conteúdo específico.

Por esse motivo, entendo que é imprescindível que a prática andragógica não seja apreendida a partir das referências adquiridas em exemplos de colegas do curso em que trabalham e com o empréstimo de seus materiais e aulas prontas de semestres anteriores, bem como dos professores que tiveram na graduação e mesmo da pós-graduação, como comumente ocorre. Dentro dessa perspectiva, me vem à mente a seguinte indagação: o que fazer para que o docente da Biblioteconomia na UFPB seja capaz de refletir sobre sua própria prática? É um questionamento que tende a se perpetuar diante das demandas por competências e habilidades diferenciadas para atender a discentes oriundos de uma geração que, muitas vezes, não demonstra interesse pelo que faz na Universidade, especialmente quando se trata de estudar, escrever e pensar sem o auxílio da Inteligência Artificial (IA).

Ademais, estudos apontam para o alto índice de jovens no Brasil com baixo nível de leitura, ao ponto de não conseguirem interpretar o que leem. Os chamados analfabetos

funcionais. Aliado a isso, pesquisas atuais indicam a capital paraibana com o maior índice de analfabetos na região e a terceira no país. É sob esse panorama que a UFPB recebe os seus estudantes.

É de pressupor, diante disso, que os professores dessa IES tenham o domínio de metodologias estratégicas com base na andragogia, cuja abordagem difere substancialmente da pedagogia.

Historicamente, e em conformidade com a literatura da área da educação, a pedagogia trata do ensino voltado para crianças. Por não ser o fundamento da minha atuação docente, dou ênfase à andragogia, pois ela se refere ao processo de aprendizagem do adulto – público com o qual desenvolvo minha atividade profissional, no magistério superior.

Compreender essa distinção foi crucial para que eu buscasse desenvolver práticas andragógicas que auxiliassem o graduando na construção do próprio conhecimento a partir da práxis. Só assim é possível contribuir para um processo de aprendizagem mais autônomo e crítico no ambiente acadêmico universitário.

Essa é uma discussão vigente e relevante, pois evidencia a importância do trabalho docente no ensino superior e a necessidade de uma formação acadêmica adequada para promover a aprendizagem significativa. Não se pode alcan-

çar a estrutura cognitiva do estudante universitário – a fim de que ele compreenda o conteúdo – sem um investimento contínuo na formação teórico-metodológica do professor.

Nessa perspectiva, a UFPB é a IES pública onde desenvolvi uma visão da docência universitária com mais discernimento. Em seus 70 anos de existência, sinto orgulho em afirmar que faço parte da sua história.

Metamorfoses, vivências e descobertas

Anaíza Durval da Silva

Gostaria de deixar registrados, neste e-book comemorativo, o desespero e a alegria que significam fazer parte da história dos 70 anos da Universidade Federal da Paraíba. Foram quatro anos de graduação, e a universidade tornou-se praticamente uma segunda casa para mim. Não me bastou e decidi voltar, agora como mestranda.

Mais de uma vez, entretanto, ouvi tentativas de desmerecer essa escolha. Recordo-me de quando mencionei minha gratidão à universidade pública, explicando que, se fosse de outro modo, talvez eu nunca tivesse conseguido me formar. Recebi, em resposta, um “Que lindo” carregado de ironia. Quando as pessoas menosprezam isso, acredito que não compreendem verdadeiramente o privilégio que é estudar sem se preocupar com mensalidades ou empréstimos estudantis. Reconheço que a pós-graduação enfrenta sérios problemas, como o número insuficiente de bolsas, mas, apesar das dificuldades, nunca deixarei de valorizar o fato de fazer parte desse espaço.

Durante a graduação, vivi intensamente minha trajetória acadêmica: participei de projetos e eventos, tive trabalhos premiados, aprendi a tocar violão, desenvolvi minha escrita acadêmica e, com o incentivo da minha orientadora, escrevi meu TCC em primeira pessoa. Senti-me à frente do meu tempo. Minha voz autoral foi encontrada e acolhida pela banca, composta por mulheres admiráveis. Recebi uma moção de aplauso, fiz amigos e me apaixonei. Tudo isso aconteceu aqui. A UFPB faz parte da minha história, e sinto que também faço parte dela.

Já na pós-graduação, conheci colegas de outros estados, que frequentemente elogiam o trabalho da UFPB na oferta de editais de auxílio para estudantes de graduação. A própria paisagem do campus é reconfortante: verde, cuidada, com espaços de convivência que vão da Biblioteca Central, um acervo potente, palco de tantos eventos e partidas de xadrez, até áreas abertas que convidam ao encontro e à troca.

Ao refletir sobre o que vivencio aqui, penso na observação de Rookmaaker (2010):

A comunicação e a forma são as duas facetas, as duas qualidades da arte. A comunicação acontece sempre por meio da forma, e a forma sempre comunica valores e significados. Ela pode retratar a realidade fora de nós mesmos, como entendida e vista por nós. Tal realidade pode ser as coisas que

vemos, mas também as coisas que experimentamos – amor, fé, afeto, justiça e todos os seus respectivos antônimos. A realidade existe fora de nós. É um potencial a ser descoberto e percebido (Rookmaaker, 2010, p. 29).

Sinto que minha experiência na UFPB foi justamente um processo de dar forma a esse “potencial a ser descoberto”: o potencial que existia em mim como estudante e pesquisadora, mas que só pôde ser percebido, cultivado e comunicado no ambiente fértil da universidade pública. Ainda segundo o autor:

Nossa visão da realidade não é apenas conhecimento, no sentido de conhecer o que existe. É também criação, já que as pessoas querem ter a sua própria percepção da mesma realidade. A qualidade dessa visão é importante. Ela pode ser edificante, esclarecedora, positiva, bela e boa; ou pode ser negativa, destrutiva, feia e pobre. Geralmente, ela é uma mistura desses dois extremos. A realidade é o presente e também engloba o passado. São as coisas vistas e as coisas não vistas que, ainda assim, são muito reais (...). Assim, ao pintar, os pintores sempre vão escolher o que acham relevante, importante para eles e para nós. Se pintarem o passado, o farão porque julgam que ele é significativo para nós agora. E ao fazê-lo, demonstrarão seu entendimento dele (Rookmaaker, 2010, p. 30).

Embora Rookmaaker estivesse falando sobre a arte da pintura, sinto que, ao narrar minha vivência, essa ideia também se aplica. De certo modo, “pinto” o que julgo significativo, compondo um retrato que mistura o que vi e o que senti, aquilo que é visível e aquilo que só se reconhece com o tempo. Os setenta anos da UFPB estão sendo pintados e narrados porque são significativos no presente, e, porque acredito que seja importante que quem está ingressando agora conheça um pouco dessa história.

A literatura foi meu refúgio na graduação e continua sendo nesta fase do mestrado. Muitos colegas dizem que ingressaram no curso porque gostam de ler, mas, saturados pelas leituras acadêmicas, acabam deixando o mundo literário de lado. Eu não consegui fazer isso, e acredito que não teria suportado a graduação sem esses momentos de respiro em meio ao sufoco de demandas, prazos, lágrimas e cobranças.

Todorov (2009) descreve bem esse papel da literatura:

Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. (...) Ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (Todorov, 2009, p. 76).

Esse potencial transformador da literatura se amplia quando pensamos na leitura como exercício de empatia. Todorov (2009) afirma: “Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias, é o único meio de tender à universalidade e nos permite cumprir nossa vocação, por isso que devemos encorajar a leitura por todos os meios” (Todorov, 2009, p. 82).

A literatura me fez criar laços e me conectou com muita gente. Entre páginas e conversas, aprendi a olhar o mundo por múltiplas perspectivas, desde as obras clássicas até os romances populares que, como Todorov destaca, iniciam tantos adolescentes na construção de uma primeira visão de mundo. A universidade, nesse aspecto, foi minha “grande biblioteca viva”, onde teoria e experiência, vida e pensamento, literatura e convivência se condensaram, me desmontando e me refazendo tantas vezes que perdi a conta.

Também compreendi que “a narrativa está necessariamente inserida num diálogo do qual os homens não são apenas o objeto, mas também os protagonistas” (Todorov, 2009, p. 86). Foi na pós-graduação que reacendi meu desejo pela escrita, graças a uma disciplina ministrada por um professor que, ao me provocar, me lembrou daquele sonho de infância, dos textos que nunca mostrei a ninguém e que só depois ganhei coragem de expor ao mundo. Não estou aqui apenas para fazer papel secundário: estou

envolvida nesse diálogo, então decidi não me esconder mais. Pergunto-me: isso teria acontecido se eu não estivesse na UFPB? Honestamente, acho que não. Afinal, não teria encontrado esse professor nem tantas pessoas que foram importantes no meu percurso.

Todorov (2009) lembra que “todos os métodos são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos” (Todorov, 2009, p. 90). O que quero dizer é que, em vez de esperar a fórmula pronta para a sua metamorfose ou se prender a um único método, experimente, teste tudo o que estiver ao seu alcance e não tenha medo de viver. Cada pessoa vai afinar seu instrumento para uma zona confortável, mas eu precisei desafiar a mim mesma para chegar a um crescimento maior.

Assim, quando olho para trás, vejo que minha trajetória na UFPB não foi apenas a de uma estudante buscando um diploma. Foi a de alguém que encontrou na universidade um espaço para construir e compartilhar sentidos, um lugar onde caos e alegria coexistiram, e onde aprendi que formar-se é, sobretudo, transformar-se e seguir transformando o mundo ao redor.

Referências

ROOKMAAKER, H. R. **A arte não precisa de justificativa.**
Viçosa: Ultimato, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.



Do sonho à celebração

Jailton Macena de Araújo

Celebrar os 70 anos da Universidade Federal da Paraíba é celebrar também um pouco da minha própria trajetória. Reconhecer a importância de uma história muito maior que a minha, mas que abriga sonhos e vivências e que se entrelaçam a cada lição, a cada saber compartilhado em suas salas de aula e a cada experiência vivida nos seus corredores.

Relembrar os enlaces dessas trajetórias é assim, refletir sobre as minhas próprias experiências de vida e, assim, buscar inspiração na minha própria história, pretendendo homenagear esta instituição que me acolhe, como um segundo lar, há exatos 10 anos.

A minha história pessoal se inicia em Piancó, cidade localizada no alto sertão paraibano, quando, ainda criança, tive que responder à clássica pergunta: “– o que você quer ser quando crescer?”. Enfático, mas sem saber bem o que dizia, respondi: “– Advogado!”. Para um menino de origem humilde, filho de pai marceneiro/sanfoneiro e mãe dona de casa, a firmeza da resposta mais parecia mero palpite sobre o futuro, algo como observar o céu e imaginar-se entre as estrelas... e sonhar!

Era o sonho de um menino estudioso, reputado inteligente pelos professores, cujo desejo era muito auspicioso para as condições materiais daquela época. Já adulto, percebo que aquela resposta foi dada por pura intuição. Mas a valentia que me impulsionou a seguir em frente nos anos seguintes da etapa escolar entre as cidades de Piancó e Patos – conhecida como a metrópole do sertão – permitiu que eu pudesse cursar o ensino médio numa escola pública a 84 quilômetros da minha casa, para onde me deslocava todos os fins de tarde, pegando carona no ônibus da prefeitura destinado ao transporte de universitários.

Antes disso, ainda no ensino fundamental, o meu desempenho escolar garantiu a manutenção da bolsa de estudos que consegui. Os professores, há época, conhecendo os limites econômicos da minha família, nunca deixaram de me estimular a sonhar com a faculdade e o curso de direito. Talvez por identificarem, no aluno inquieto e questionador, características que me fariam um dia a pessoa e o profissional que me tornei.

Em 2003, aos 17 anos, iniciava os estudos na Faculdade de Direito de Sousa, um ano após o desmembramento da Universidade Federal de Campina Grande – instituição coirmã da UFPB, nossa homenageada. Ao longo do curso, múltiplos aprendizados... e uma descoberta: o sonho de me tornar advogado cederia lugar ao brilho nos olhos da

docência, quando entrei na sala de aula pela primeira vez como monitor da disciplina de Introdução ao Direito. Desde então, surgiu o encantamento pelo ofício de professor e a possibilidade de construir novos magníficos sonhos.

No mesmo período, morando na Residência Universitária, percebi que a luta seria bastante árdua, mas que não era só minha. Trajetórias como a que estava construindo também estavam ali comigo, dividindo espaços, arrumação da casa e silêncios, após cada jornada de intensa – e diária – dedicação aos estudos para a faculdade e os concursos. Mirando estar entre as estrelas em meio ao luar do sertão, rodava a chave da ignição preliminar para minha liberdade, já em 2005, com a notícia por que tanto ansiava: fui aprovado no concurso da Caixa Econômica Federal. Era o primeiro grande sonho a se tornar real!

Até a conclusão do curso de direito, a inquietação, a ansiedade e as incertezas em razão do futuro me atravessavam, mas a certeza de que os sonhos sempre são possíveis me manteve firme no meu propósito. Pouco tempo depois de concluir o curso, experimentei a felicidade pela aprovação no concurso para a vaga de professor de direito naquela instituição que me formara: a Faculdade de Direito de Sousa, no CCJS/UFCG. Em 2009, a nomeação tornou concreto mais este sonho e me fez encontrar a minha verdadeira vocação profissional.

Assim, aos 24 anos de idade, tive a oportunidade de reconhecer a minha verdadeira vocação, coroada no mesmo ano com a aprovação em primeiro lugar no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas (PPGCJ) da UFPB em João Pessoa. Este momento da minha vida me possibilitou recalibrar as energias em torno de novos objetivos e de novos sonhos.

Foi a partir deste encontro com a pós-graduação no Centro de Ciências Jurídicas da UFPB que, mais uma vez, se reafirmou a minha vocação docente e novos horizontes e sonhos se estabeleciam no meu coração. Vir para o ambiente acadêmico do CCJ da UFPB foi o pontapé inicial para a redefinição de rotas e o estabelecimento de novos objetivos...

Meu caminho agora enxergava no horizonte acadêmico da pós-graduação algumas lutas: era preciso contribuir para a melhoria no acesso a direitos das pessoas mais vulneráveis. Ao longo do processo de escrita da dissertação e das vivências no mestrado, o substrato social das dificuldades vividas pelas pessoas mais pobres conectou-se às discussões teóricas sobre o direito ao desenvolvimento, vislumbrando a perspectiva inclusiva e solidária do texto constitucional. Até que, no ano de 2011, defendi minha dissertação intitulada “Políticas sociais e desenvolvimento: impactos da atuação estatal no desenvolvimento socioeconômico da população carente brasileira – análise

do Programa Bolsa Família”. Isto representou verdadeira reverência a minha própria história e aos desafios que encontrei ao longo do caminho.

Depois de estabelecer as correlações entre o PBF e a retirada de milhares de pessoas da linha da extrema pobreza no nosso país, aprofundi minha inquietação quanto à densidade normativa real do solidarismo de Estado e de que maneira as bases constitucionais já conhecidas e consagradas poderiam elevar a classe trabalhadora ao patamar de emancipação propugnado via trabalho digno, não apenas através da assistência social, mas principalmente reconhecendo a conexão das ações assistenciais de Estado com o valor social do trabalho.

Esta inquietação me levou a colocar em prática o desejo de cursar o doutorado também aqui no Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba. Até que, então, em 2013, aprovado em primeiro lugar, reingressei no mesmo Programa para o doutoramento, articulando agora elementos teórico-conceituais com novos dados produzidos e levantados considerando a implementação das políticas públicas assistenciais no Brasil.

Ao longo da pesquisa, observou-se a melhoria nas condições de vida dos cidadãos brasileiros mais pobres, com resultados socioeconômicos de elevado impacto. As ações sustentadas de inclusão social confirmaram a ideia

de que a efetivação dos direitos sociais por meio de ações do Estado promove o desenvolvimento de maneira a nos permitir construir seguramente a tese de que o solidarismo ostenta maior densidade normativa e, portanto, impacto objetivo, no direcionamento do agir estatal do que antes se imaginara quando a dicotomia *regra e princípio* ainda ocupava, de maneira inflacionada, o debate sobre a solidariedade. Era a era de ouro da Assistência Social no Brasil, uma revolução socioeconômica implementada desde os primeiros governos do presidente Lula e ampliada nos governos da presidenta Dilma Rousseff.

Todavia, vivenciamos ainda o contexto neoliberal de reveses jurídicos, sociais, econômicos e políticos que levaram ao golpe constitucional ao mandato da presidenta eleita. Foi um período de muitas instabilidades econômicas e sociais no contexto das políticas assistenciais.

Era um momento difícil para se discutir as ações do Bolsa Família, mas, ainda assim, segui com a finalização do trabalho da tese doutoral, apesar de todos os percalços e incertezas. Consegui ao final, conquanto tenha enfrentado inúmeras dificuldades, ainda no ano de 2016, defender a tese intitulada “Função emancipadora das políticas sociais do estado brasileiro: conformação das ações assistenciais do Programa Bolsa Família ao valor social do trabalho”.

Vivenciando todas essas angústias e incertezas, paralela e simultaneamente ao processo de escrita da tese, ou-

tra questão se tornava latente, com a necessidade de alcançar novos voos, diante dos novos sonhos que se afiguravam: contribuir com o processo de formação de novos campos de pesquisa e discussões que favorecessem, no campo das ciências jurídicas, o reconhecimento da centralidade humana nos processos sociais de desenvolvimento, dentro desta que era a minha segunda *alma mater*.

Desta maneira, ao tempo que desenvolvia a escrita da tese, também lutava pela minha redistribuição, de modo a poder me dedicar de maneira definitiva a esta casa profissional que passou a me abrigar. Assim, em 2015, ainda antes de concluir meus estudos no doutorado, despedi-me da UFCG e do CCJS, depois de colecionar tantas boas memórias.

Uma nova fase da minha vida se colocava, vir para esta casa foi a realização de um grande sonho. Viver tantas novas possibilidades na Universidade Federal da Paraíba, de maneira a contribuir com a produção acadêmica através dos projetos de iniciação científica e extensão, estar em sala de aula e me permitir aprofundar cada vez mais a minha vocação docente.

O ingresso no corpo docente do curso de Direito do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB em João Pessoa trouxe consigo novos desafios e a realização de mais um sonho: ocupar, no Departamento de Direito Processual e Prática Jurídica, a condição de Docente na disciplina

de Processo do Trabalho e, a partir do ano de 2018, ser integrado como Professor Permanente do PPGCJ/UFPB, ambiente que outrora me acolhera como aluno. Iniciava-se aí uma nova trilha de dedicação ao Centro de Ciências Jurídicas e, principalmente, a esta instituição que desde então me acolhe.

Agora, a arquitetura dos projetos que não concebi sozinho tem sido integralmente executada e eu posso me compreender no exercício pleno da vocação docente. Tenho certeza que a Universidade Federal da Paraíba será o campo de novas experiências e novos sonhos para todo o seu corpo docente, servidores técnicos e, principalmente, para os seus alunos...

Por fim, posso afirmar que celebrar esta história de 70 – coincidentemente no ano em que celebro meus 10 anos de casa e também meus 40 anos de idade – faz parte de um processo de arremate intermédio da minha trajetória de vida. Com gratidão – e enternecido –, posso perceber que minha valentia, mais do que me permitir sobreviver, me permite sonhar!

E que sejam assim os próximos capítulos, todos envolvidos pelo entusiasmo daquela criança que sonhou e ainda sonha.

À Universidade Federal da Paraíba, muito obrigado!

Feliz 70 anos!

Ancoragens

Marcio Sá

Antes da ancoragem em um porto, é crucial verificar as condições do local, planejar a aproximação, preparar o equipamento de ancoragem e comunicar-se com a estação do porto. É fundamental escolher um lugar seguro, avaliar a profundidade e as condições do fundo, e garantir que a embarcação tem espaço suficiente para manobrar. A comunicação com a estação do porto é essencial para confirmar a permissão de ancoragem e receber orientações adicionais. (Gemini, assistente de IA do Google)

Quando uma instituição celebra sete décadas, o aniversário também é composto de vários presentes ou, então, de passados ainda próximos que seguem deixando de ser o que foram ontem. Ancoragem é a metáfora de um presente, de um passado próximo ao meu ancoramento na UFPB e dos horizontes que vislumbro.

Quem se chega vem de algures. Cheguei em novembro de 2019. Vinha de mais de uma década de experiências em solo agrestino¹ pesquisando os feirantes de Caruaru, os

¹ No Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde atuei de 2006 até então.

filhos das feiras (proprietários de negócios de confecções agrestinos) e a comunidade artesã do Alto do Moura, a terra do mestre Vitalino. Com tais iniciativas, ambicionava contribuir com o entendimento de aspectos da história sociocultural e econômica contemporânea de condições de vidas agrestinas, em particular, sobre a relação entre aquela gente e suas tensões, seus negócios e trabalhos. Ao longo daqueles anos, procurei aprimorar progressivamente um modo próprio de produção de conhecimento que, de uns tempos pra cá, passei a chamar de pesquisa social periférica².

Todavia, para ancorar-se, além de ter vindo de algum lugar, é preciso reconhecer outro no qual se deseja baixar velas e encontrar espaço para atracar. A UFPB foi o porto escolhido com convicção pela vinculação afetiva que já nutria por João Pessoa e por me permitir concluir a travessia de outra área para o seu Departamento de Ciências Sociais (DCS), algo que almejava.

Saído de Recife, trouxe comigo, do Agreste do estado vizinho, um ponto de vista para levar adiante meu desafio ampliado enquanto pesquisador em Humanidades: estudar os dramas e as tramas de diversas condições humanas em uma sociedade como a brasileira agora também em termos regionais e nacionais.

2 Cf. SÁ (2018, 2019, 2023, 2024).

Depois dos anos de pandemia e da adaptação ao modo de funcionamento do cais do porto, a ideia do grupo *agreste-pb*³ começou a ser gestada como uma necessidade de significar minha condição e localização – professor-pesquisador praticante de um tipo de pesquisa diverso do cânone da disciplina, nordestino, egresso de outra área e sem vínculos profissionais ou pessoais com os principais centros, grupos e nomes nacionais do campo – na geopolítica da produção de conhecimento em Ciências Sociais no Brasil e no mundo.

Enfim, *agreste-pb* foi o modo que encontrei para denominar, considerando a trajetória pregressa, um grupo de pesquisa e extensão com foco em literaturas e pesquisas sociais periféricas capaz de se constituir como um ponto de observação, estudo e intervenção em temas como as condições de produção de literaturas e os diferentes modos de escrita sobre o mundo social no Brasil do século 21, ou seja, sua constituição consolida uma travessia presente ancorada na UFPB.

Isso somente foi possível porque a Universidade permite que nós, docentes-pesquisadores, circunscrevamos nossos interesses e perspectivas de pesquisa conforme nossas convicções, isto é, nos proporciona liberdade e viabiliza autonomia profissional quando apoia e estimula

3 Cf. *agreste-pb.org*.

a criação de unidades que abrigam e institucionalizam nossas atividades.

Um grupo pode nos conferir um horizonte ampliado de atuação, de formação das próximas gerações, de identidade profissional e de escopo, de propósito e sentido do trabalho para além de cada um de nós. O *agreste-pb* serve de ancoradouro do passado próximo, presente e horizonte nos 70 anos da UFPB. E quais ancoragens ele hoje acolhe?

Recentemente, tive a oportunidade de concluir a organização do livro *Do Alto do Moura ao Nordeste: condições artesãs e seus espaços*. O volume reúne estudos realizados por uma equipe de pesquisadores sobre as parecenças, as tensões e os dilemas vivenciados por milhares de pessoas que se ocupam e/ou se identificam com o ofício na região⁴. Este trabalho demarca, ao mesmo tempo, a conclusão de dez anos de estudos relacionados ao tema do artesanato e a ampliação dos campos da minha atuação e do grupo para o âmbito regional.

4 A pesquisa “Artesanato no Nordeste hoje: Políticas públicas, gestão e condição artesã”, sob minha coordenação, contou com financiamento do Edital Universal de 2021 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e, com a co-coordenação de Diogo Helal, foi devidamente registrada na UFPB e aprovada pelo Conselho Diretor da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), assim também contando com financiamento desta última instituição (SÁ, 2025).

Uma segunda ancoragem é o projeto continuado de extensão *Jovens escritoras periféricas*⁵. O seu horizonte segue sendo promover duas edições anuais de oficinas de produção literária para jovens oriundas de lugares sociais periféricos e integrantes das camadas populares de nossa sociedade.

A riqueza da experiência com as jovens nas oficinas e o anseio de partilhar suas produções com a sociedade motivou a criação de um projeto editorial independente. *As Edições Agrestinas têm como foco publicar tanto produções literárias (em especial das jovens egressas das oficinas) quanto estudos sociais periféricos.*

Aqui, é válido mencionar que já houve, em dezembro de 2024, a publicação de sua primeira edição: o livro *Agruras & Venturas: uma trajetória de pesquisa social periférica*, e que já está em fase final de editoração o primeiro volume da coleção, homônima ao projeto de extensão, intitulado *Mundos sociais que nos habitam*.

Como consta no site agreste-pb.org:

[O grupo] direciona seu interesse para os modos de dizer e escrever literaturas, dentre elas a

5 Projeto registrado na Proex que conta, desde sua edição piloto, com a facilitação de Ana Carolina Lemos e, na atual edição (2025.2), com a monitoria das estudantes da UFPB Dayanne Costa Fideles (graduada em Ciências Sociais) e Marcela Ellen Penna Fernandes (graduada e mestranda em Letras), ambas egressas da turma de 2025.1.

sociológica, que emergem do (e se referem ao) mundo social e versam sobre fenômenos que nele se dão. [...] Seu subtítulo procura registrar o horizonte dos principais interesses investigativos que o grupo pretende acolher e estimular: o estudo das mais diversas literaturas em suas condições de produção, os textos por elas produzidos e/ou suas formas de recepção, com o foco tanto em tais modos de escritura quanto nas visões sobre o mundo social que se constroem e se disseminam por meio deles, bem como práticas de pesquisas sociais periféricas.

Por fim, gostaria de partilhar duas últimas âncoras. Uma primeira, apresentada recentemente no 22º *Congresso Brasileiro de Sociologia* da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), realizado em julho de 2025, em São Paulo, sob o título de “A escrita na sociologia brasileira hoje: pistas para uma problematização”. A comunicação tomou a seguinte questão como ponto de partida: quais aprofundamentos compreensivos podem servir de referência inicial para a pesquisa sobre a escrita na sociologia brasileira mais contemporânea? Em longo prazo, essa iniciativa pretende investigar a lacuna de reflexão (auto) crítica sobre a escrita em nossas Ciências Sociais.

E uma segunda voltada ao tema da pesquisa “A literatura periférica como fenômeno sociocultural no Brasil de hoje (2001-2025)”, aprovada pelo edital institucional Pibic

2025-2026 e que pretende avançar a partir de questões como as seguintes: o que de mais significativo caracteriza tal produção literária como fenômeno sociocultural no Brasil de hoje? Quais publicações (livros e coletâneas) podem ser reconhecidas como mais marcantes ao fenômeno neste período de 2001 a 2025? Quais pistas e perspectivas de pesquisa podem ser esboçadas a partir de tais esforços?

Enfim, o *agreste-pb*, a conclusão da pesquisa sobre o artesanato no Nordeste, o projeto de extensão *Jovens escritoras periféricas*, as *Edições Agrestinas* – em especial a edição do primeiro volume da coleção homônima ao projeto –, bem como os avanços mais recentes acerca da problematização da (auto)crítica da escrita profissional-acadêmica sobre o mundo social no Brasil do século 21 e a pesquisa sobre a literatura periférica como fenômeno sociocultural funcionam, para mim, como ancoradouro e ancoragens na UFPB de ontem, de hoje e de amanhã.

Referências

SÁ, Marcio. **Filhos das feiras:** uma composição do campo de negócios agreste. Recife: Editora Massangana-Fundaj, 2018.

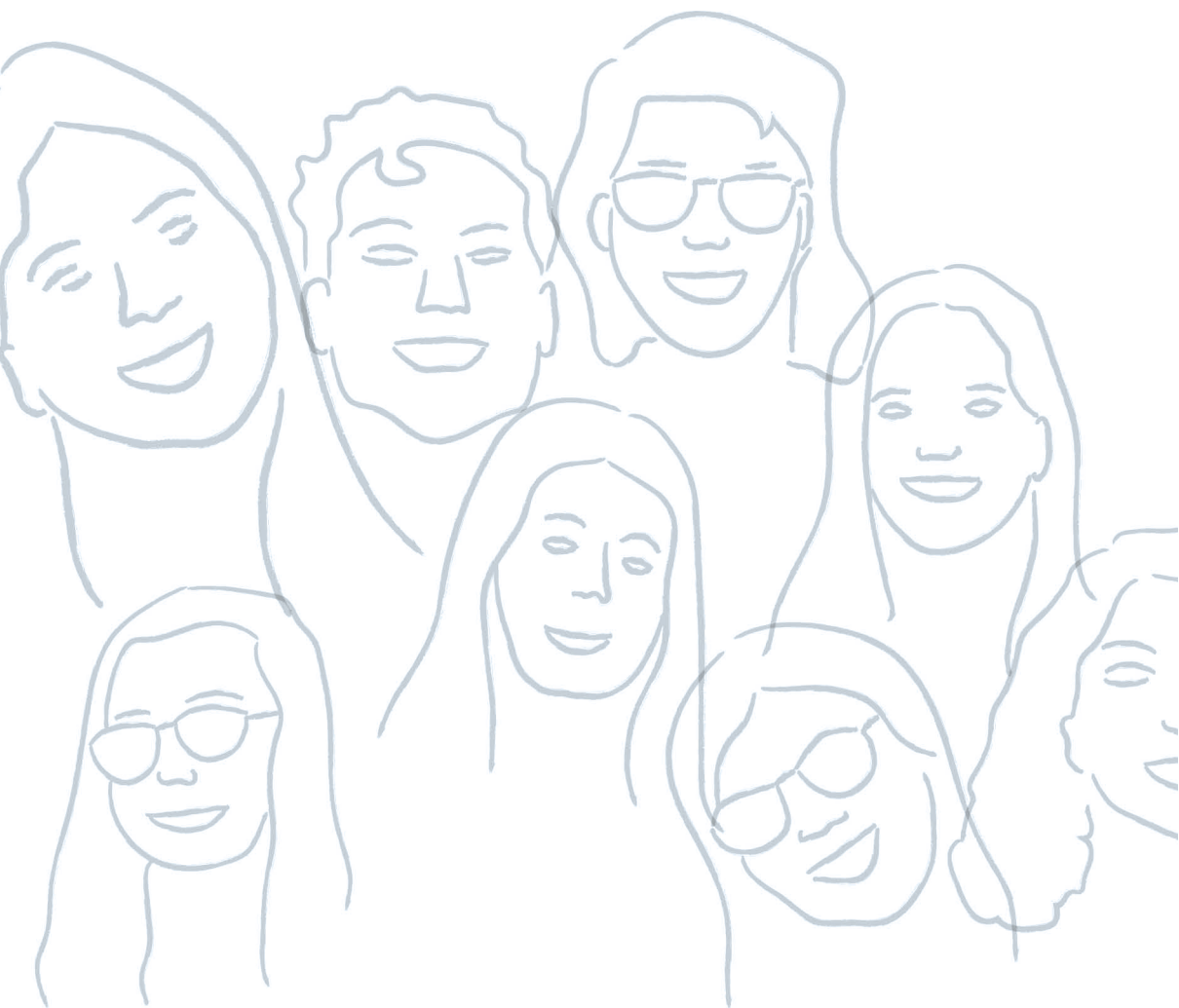
SÁ, Marcio. **Feirantes:** quem são e como administram seus negócios. 3ª ed. Recife: Editora UFPE, 2019.

SÁ, Marcio. **Além do barro:** heranças de Vitalino no Alto do Moura do século XXI. Recife: Cepe Editora, 2023.

SÁ, Marcio. **Agruras & Venturas:** uma trajetória de pesquisa social periférica. João Pessoa: Edições Agrestinas, 2024.

SÁ, Marcio. (org.) **Do Alto do Moura ao Nordeste:** condições artesãs e seus espaços. Cachoeirinha, RS: Editora Fi, 2025.

E-book.



Da estudante à servidora: a universidade que me atravessou

Marcella Silva Mousinho Machado

– Seu avô trabalhou na construção da UFPB. Nós ficamos morando no terreno da universidade durante a obra. Não me recordo o lugar exato.

Eu já era servidora técnica-administrativa e já se haviam passado mais de dez anos desde a primeira vez que entrei na UFPB como estudante, quando meu pai contou que o meu avô paterno faz parte de algum capítulo dessa história de setenta anos. Ele não estudou na universidade que meu avô ajudou a levantar; seus filhos, sim.

Na UFPB eu já estava, mas não sabia. O cursinho pré-vestibular que fiz em 2013, por exemplo, foi na Academia de Comércio Epitácio Pessoa, na Rua das Trincheiras. O prédio é um dos patrimônios da instituição espalhados por João Pessoa. Também já assisti a apresentações culturais no Teatro Lima Penante, na Avenida João Machado. É outro equipamento da UFPB, mais especificamente do Núcleo de Teatro Universitário (NTU). Sentada numa das poltronas

da plateia naquela época, eu não poderia imaginar essa conexão.

A minha relação com a UFPB começou a se afinar por aí. A estreia foi marcada pelo anúncio do fim do Processo Seletivo Seriado (PSS), organizado pela Comissão Permanente do Concurso Vestibular (Coperve), enquanto já me preparava para as provas. Entrei na instituição sob o novo sistema que aceitava apenas a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), adotado pela instituição de forma exclusiva naquele ano.

O início das aulas da graduação em 2014 coincidiu com o meu aniversário, em abril. Por saber desde cedo que queria ser jornalista, ainda na escola alimentei em mim a arte da antecedência. Assim, já conhecia alguns veteranos e reconhecia os nomes de um docente ou outro.

A professora Joana Belarmino foi de longe a mais aguardada para as aulas. Nunca tive uma educadora cega, mas o que mais me impressionava nela era sua sensibilidade como escritora. Entretanto, nosso encontro só viria a acontecer semestres depois. Foi dela que ouvi a frase que me apavorou: “Só há dois tipos de jornalistas: os medíocres e os bons”. O meu maior pesadelo era cair na primeira categoria.

No entanto, a primeira professora que tive no curso foi Sandra Moura. Na aula de abertura do semestre,

ela contou que sua tese de doutorado havia abordado o trabalho do jornalista Caco Barcellos. Tratava-se de uma análise do método de investigação de um dos livros do autor, o qual, por coincidência, eu acabara de ler e pelo qual estava fascinada. De todas as universidades do mundo, a docente que tinha as respostas para a minha curiosidade sobre aquela construção literária-jornalística havia pesquisado justamente essa obra e estava diante de mim.

Assim, no seu ato de entrada na minha trajetória acadêmica, a professora Sandra Moura me apresentou ao jornalismo investigativo e ao jornalismo literário, delineando, assim, o meu perfil profissional. O nome dela figura no meu primeiro artigo acadêmico, na orientação do meu Trabalho de Conclusão de Curso e na dissertação do Mestrado Profissional em Jornalismo, assim como o meu também está em livros e projetos aos quais ela me convidou a integrar.

O jornalismo também me aproximou mais intimamente da UFPB. Enquanto meus colegas reclamavam da teoria das aulas, eu já vivenciava a prática como repórter no portal Universidade em Movimento. O site foi criado no período de pré-campanha da Consulta Pública para a Reitoria da UFPB, em 2016. Durante vários meses, percorri todo o Campus I, no Castelo Branco, conhecendo centros e unidades e entrevistando servidores e estudantes. Passear

pelas calçadas e corredores da universidade se tornou uma das minhas atividades preferidas desde então.

A graduação também me permitiu inaugurar o meu primeiro “cargo de gestão”. Fui editora-geral do jornal-laboratório Questão de Ordem (QO), da disciplina de Jornalismo Impresso. Ter a oportunidade de descobrir no texto dos colegas o talento de uma nova geração de jornalistas foi um lugar de observação privilegiado.

Antes de graduar-me, ainda registrei minha passagem pela extensão. No edital, concorria com o nome de Alumiar – Agência de Produção Cultural da UFPB, mas, na verdade, estávamos ingressando mesmo no Paraíba Criativa. O projeto de extensão liderado pelos professores André Piva e Zulmira Nóbrega abriga aquele que é considerado o maior inventário cultural paraibano. Foi nele que me encaixei e comecei a escrever verbetes de personalidades locais. Após ter me treinado, a jornalista editora do inventário saiu do projeto. Assumi, então, a função até o término da bolsa.

Minha participação na extensão foi simultânea à minha entrada no estágio. Eu já conhecia a Defensoria Pública da União na Paraíba (DPU-PB) pela atuação da defensora pública federal Diana Andrade na defesa e garantia de direitos dos estudantes da UFPB, ao lado do procurador federal José Godoy. Ela já havia ministrado uma aula em um projeto sobre violência na mídia com o professor Carmélio

Reynaldo, da disciplina de Radiojornalismo. À frente do Ofício de Direitos Humanos, a defensora Diana Andrade tornou-se a minha primeira chefe e me deu passagem para a Assessoria de Comunicação de um órgão público como estagiária.

A UFPB também permitiu que transformasse as minhas referências e personagens da história da Comunicação em objetos de pesquisa acadêmica. Meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em 2018, foi um livro-perfil de cinco mulheres radialistas pioneiras no rádio de João Pessoa. Minha dissertação de mestrado, defendida em 2021, analisou a carreira de jornalistas veteranos que atuavam na capital.

Se medir o tempo, será fácil perceber que não houve intervalo entre o bacharelado e a pós-graduação. Eu não queria me desconectar da instituição. Criado em 2013, o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB é o primeiro Mestrado Profissional da área no Brasil. Naquele mesmo ano, me submeti ao meu primeiro concurso. Era um certame da própria universidade e concorri ao cargo de produtora cultural. Não fiquei nem perto de ocupar a única vaga ofertada.

O intervalo de dois anos sem vínculo institucional com a UFPB foi gasto aplicando aquilo para o qual ela me preparou. Mas, em pouco tempo, eu estaria de volta para escrever um novo capítulo com ela.

Em setembro de 2023, tomei posse como assistente em administração. Eram os últimos dois anos de uma gestão intervencionista à frente da Reitoria e o clima era instável.

A minha primeira lotação foi exatamente no Gabinete da Reitoria. A função que me foi atribuída consistia em fazer a promoção institucional da UFPB. Como não havia estação de trabalho para mais uma servidora, fui transferida para a Assessoria Técnica e de Planejamento (Atplan) da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep). Lá fiquei mais perto do Auditório Milton Paiva, espaço que já frequentava como estudante.

Estive em todos os eventos de comunicação e de outras temáticas que poderiam me interessar em todo e qualquer auditório do campus. Como servidora, tinha agora passe livre para exercer a minha curiosidade em entender o que estava por trás deles.

– *Vem, eu mostro a você* – se ofereceu a cerimonialista da Reitoria quando me encontrou pela primeira vez no hall ocupado por um evento desses.

Mostrar a UFPB por meio do seu olhar foi o que ela fez durante o tempo em que estive naquele prédio. Com mais de quatro décadas na instituição, Elenice Monteiro foi secretária dos reitores Neroaldo Pontes (1992-1996) e Jader Nunes (1996-2004) e a chefe do Setor de Cerimonial e Protocolo (SCP) da Reitoria em outras gestões.

Suas memórias e repertório conduziram-me pelos bastidores das solenidades, das histórias dos reitorados e pelos corredores-labirintos daquele edifício habitado por lembranças e trajetórias. Ninguém vive para a UFPB ou conhece mais de cerimonial universitário que Elenice Monteiro. Ela é, de longe, a minha principal referência de servidora.

Com apenas quatro meses de UFPB, a necessidade de atender à solicitação de outro setor fez com que o reitorado à época solicitasse a minha remoção para o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), órgão suplementar vinculado ao Gabinete da Reitoria. Entretanto, a inquietação para atuar em um campo mais próximo da minha formação me levou a fazer outra escolha.

Entre o final de 2024 e o início de 2025, a universidade realizou um novo concurso público. Fiz a prova para concorrer novamente ao cargo de produtora cultural. Dois meses de muito estudo garantiram a aprovação em primeiro lugar. Nestes setenta anos, escrevo de um novo e continuado vínculo.



Minhas vivências na graduação em biblioteconomia

Rúbia Marinho Melo da Silva

Ingressei na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no período letivo 2018.1, recém-egressa do Ensino Médio. Naquele momento não tinha perspectivas de vida, temia sofrer exclusão na universidade e não sabia ao menos o que era o curso de Graduação em Biblioteconomia, no qual fui aprovada.

Quando as aulas iniciaram, a ansiedade estava presente e cogitei desistir. Contudo, a turma era acolhedora, o que dissipou um dos medos, e algumas professoras nos estimulavam a não desistir; e por isso continuei.

No período 2018.2 conheci a docente Isa Maria Freire (in memoriam), do Departamento de Ciência da Informação, na disciplina de Ética da Informação, que me aconselhou e, logo, começou uma relação de orientação, pois, me tornei sua monitora.

A monitoria foi a primeira atividade que participei, nela passei a gostar do curso e ter esperanças de um futuro

melhor. A tarefa não era fácil à primeira vista: não sabia utilizar com eficiência as ferramentas necessárias para efetivar as atividades, mas me esforcei e sempre cumpri as demandas. Neste processo, passei a me reconhecer como uma pessoa que no futuro poderia ser até uma professora universitária e tinha capacidade de melhorar.

Com a chegada da pandemia da covid-19, que remodelou o formato de ensino, parecia que naquele momento tudo era novo e, em meio as descobertas, continuei atuando como monitora de forma síncrona e assíncrona, mas sentia que estava perdendo as interações sociais com a docente, com a minha turma e a turma que fui monitora.

Logo após a vigência da monitoria, meus dispositivos eletrônicos estavam com problema, o celular avariado e o computador sem funcionar e naquele momento, de atividades remotas síncronas, esses equipamentos faziam a diferença. Tudo parecia perdido e tive medo de ser excluída das aulas remotas e oportunidades.

Porém, em meio à pandemia, a universidade adaptou não só as atividades de ensino, como também de extensão. E é neste contexto que me arrisquei: fiz a seleção para o projeto de extensão “Descomplica TCC: normas, estratégias e dicas para elaboração de trabalhos de conclusão de curso”, sendo aprovada em segundo lugar. Para a minha surpresa fui logo chamada e iniciei um processo de capacitação e outra relação de orientação, desta vez com a

professora dra. Alzira Karla, do Departamento de Ciência da Informação, que ainda perdura. Além disso, agora como bolsista, consegui adquirir computador e celular.

A jornada na extensão começou on-line. Era preciso se capacitar para saber usar e ensinar as Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas e utilizar plataformas de edição de imagens e vídeos como o Canva. Esse processo educativo foi desafiador e recompensador, visto que eu não dominava as ferramentas. Durante a execução do projeto, interagi com uma orientadora que entendeu minhas dificuldades e me apoiou.

A partir destas vivências eu já não era somente uma discente que não sabia o que o curso significava, tinha me tornado uma pessoa que sabia um pouco mais e tinha estabelecido um objetivo: participar de todas as atividades que a universidade promove em prol do meu desenvolvimento pessoal e profissional, pois, agora tinha um sonho: serei a primeira mulher da minha família a me formar em curso superior e terei sucesso na profissão que escolhi.

Com o fim do isolamento social, precisei participar de atividades presenciais e vi a necessidade de estagiar. Após algumas seleções obtive êxito e iniciei outras vivências proporcionadas pela UFPB: o estágio na USE Administradora de condomínios e na Secretária Executiva do Empreendedorismo – Empreender PB. Nos dois locais, aprendi ações práticas da gestão e organização de docu-

mentos. Além disso, conheci pessoas que me ensinaram e me aconselharam, inclusive, a não desistir dos meus sonhos.

Durante os estágios, precisei me mudar para João Pessoa, pois residio em outro estado e, como sou uma estudante de baixa renda, tive que, inicialmente, investir as bolsas dos estágios em alimentação e transporte. Naquele tempo, não parecia recompensador, mas, pelas amizades feitas e pelo aprendizado, confiei que daria tudo certo. Então, apareceu uma oportunidade: o auxílio-moradia. Agarrei esta chance e me mudei para João Pessoa. No começo, não sabia pegar ônibus e tampouco como chegar aos lugares, era tudo novo e tinha medo e sentia falta especialmente da minha mãe.

Diante dos desafios, comecei a me sentir cansada, mas nunca desisti, perseverei até o fim e continuei participando das atividades de ensino, desta vez como voluntária do projeto de monitoria “Metodologia do Trabalho Científico: teoria e prática e o uso de metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem” e continuei no projeto de extensão Descomplica TCC, ambos coordenados pela profa. Alzira Karla. Defrontei-me com a pesquisa científica de 2023 a 2024, ao ingressar no projeto “Estudo de caso sobre a gestão da informação e do conhecimento na Clínica-Escola de Fonoaudiologia”, coordenado pela profa. dra. Sabrina Melo, do Departamento de Gestão

Pública. A experiência na iniciação científica revitalizou minhas esperanças e sonhos.

As vivências nos pilares acadêmicos e nos estágios e disciplinas, com destaque nos que fui protagonista entre 2018 a 2024, mudaram quem sou, especialmente a perspectiva filosófica que adoto quando enfrento qualquer barreira e o principal: me deram caminhos, aprendi a ser uma cidadã ativa e uma profissional qualificada.

Em face do exposto, os professores da Graduação em Biblioteconomia também impactaram meu percurso acadêmico e profissional, e alguns relembram de como eu era e como sou hoje, uma pessoa dedicada e com objetivos e que se identifica com a Biblioteconomia.

Em 18 de dezembro 2024 foi a minha colação de grau, um momento repleto de orgulho e memórias. Guardo no coração este dia, pois, todos que estavam ali passaram por vivências distintas e cada pessoa é merecedora do seu diploma, que representa não somente sua luta pessoal e sim de sua família, como a minha: a mãe não concluiu o Ensino Médio e o pai de criação não terminou o Ensino Fundamental. E os avôs e avós nunca tiveram oportunidades.

Segundo “mainha” este foi o dia mais feliz da vida dela. Ela nunca pensou que um dia poderia pisar na universidade, pois sentia-se humilde e não terminou os estudos.

Guardo com carinho, orgulho e não tenho palavras para agradecer o quanto a universidade promoveu mudanças positivas em minha vida.

Quando lembro dos anseios e medos que tinha antes de ingressar na universidade, e como os desafios foram transformados em conquistas, percebo o papel significativo que a UFPB tem na minha vida pessoal e profissional, pois, se não fossem as oportunidades que surgiram mediadas pelos professores, colegas e orientadoras, jamais teria realizado as conquistas e não seria possível alcançar outras metas, como ingressar no mestrado e, posteriormente, no doutorado, posto que essas são outras vivências que a universidade pode me proporcionar.

Sei que cada etapa do processo educativo que protagonizei são marcadas por lágrimas e sorrisos, mas percebo que tudo compensou, pois a educação é um processo contínuo, gradual e cada conquista deve ser comemorada.

Atualmente, decidi ingressar no Curso de Arquivologia, pois estagiei organizando documentos, e a UFPB me deu a oportunidade de entrar como graduada em 2025.1. Já passei por novas experiências positivas. Espero concluir com sucesso essa Graduação e também experienciar novas relações, projetos e conquistas.

Este percurso tem contribuído para minha formação profissional e crescimento humano, consolidando a UFPB

como um espaço transformador de saberes, oportunidades e vidas.

Oriunda de uma trajetória marcada por superação, encontrei na UFPB o espaço para transformar minha realidade e sigo reafirmando o poder da educação pública como instrumento de emancipação pessoal e social.





Psoríase e UFPB: uma história de cuidado, inclusão e afeto

Esther Bastos Palitot de Brito

Ao celebrar os 70 anos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vejo minha própria trajetória entrelaçada com a história desta instituição. Minha vocação sempre foi guiada pelo cuidado humano e pela busca do conhecimento. Desde cedo, sensibilizei-me com a situação das pessoas com psoríase (PSO), uma doença crônica cercada de preconceitos históricos no qual ainda hoje muitos pacientes enfrentam estigma, vergonha e exclusão. Essa realidade tocou meu coração e o desejo de transformar vidas tendo como alicerces o ensino, a pesquisa e a extensão.

Encontrei na UFPB o solo fértil para semear esse sonho. Em 2 de junho de 2008, dei o primeiro passo ao criar o ambulatório de PSO no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW). Inicialmente, como prática da disciplina que eu ministrava. Foi uma iniciativa modesta, mas cheia de paixão: eu e os discentes. Logo percebi que a demanda era grande e ia muito além do aspecto assistencial. Os pacientes traziam histórias de dor física e emocional, haviam passado anos sem diagnóstico correto,

com tratamento inadequado ou sofrendo preconceitos. Senti que era necessário formar uma equipe multiprofissional para oferecer um cuidado integral.

Desta forma, além do ensino, projetos de extensão FLUEX, e de pesquisas com a colaboração de outros professores foram integrados. Em 01/03/2010, o ambulatório deu um importante salto, oficialmente se tornando Especializado em Clínica e Pesquisa em PSO. Acolhimento humanizado, triagem, educação continuada, visitas domiciliares, entre outras, faziam parte das ações.

Recordo-me de um dos nossos primeiros pacientes, um senhor que chegara usando mangas longas mesmo sob o sol escaldante, tentando esconder as lesões pelo corpo. Aos poucos, com tratamento e apoio, ele recuperou a autoestima. Meses depois, vi esse mesmo senhor vestindo uma camiseta, de braços abertos, falando sobre PSO sem medo ou vergonha. Foi emocionante testemunhar essa transformação – é por histórias como essa que todo esforço valeu a pena.

Em 27/10/2011, conquistamos um importante marco legal: foi criada a Lei Estadual nº 9.490/2011, instituindo o Programa de PSO no âmbito da Paraíba (PB). Essa lei reconhecia oficialmente a necessidade do cuidado, de ações de suporte e tratamento. Foi um sinal de que não estávamos sozinhos – o poder público também via a importância do nosso trabalho.

No ano seguinte, vivenciei um dos momentos mais marcantes da minha carreira. Em outubro, a Secretaria de Estado da Saúde publicou a Portaria nº 515/GS, reconhecendo nosso campo de prática do HULW como Centro de Referência em Pesquisa, Apoio e Tratamento de Psoríase do Estado da Paraíba (CRPATP-PB). Esse reconhecimento oficial me fez sentir uma mistura de orgulho e responsabilidade. A portaria enfatizava as razões desta conquista: ações de assistência especializada, ensino, pesquisas, apoio psicológico e campanhas educativas. Era a UFPB indo além dos seus muros.

A cerimônia de inauguração do CRPATP-PB, em 17/12/2012, foi inesquecível. Lembro que um dos representantes do Conselho Regional de Medicina discursou dizendo que estávamos suprimindo uma lacuna histórica no atendimento à PSO, tornando-nos referência não só para João Pessoa (JP), mas para toda a PB. O superintendente do HULW, Prof. João Batista, emocionou a todos ao afirmar que o CRPATP-PB resgatava uma dívida com a sociedade.

Os projetos de pesquisas na UFPB abrangeram, além dos Programas Institucional de Bolsas e Voluntários de Iniciação Científica (PIBIC/PIVIC), os Programas de pós-graduação e trabalhos de conclusão de cursos da graduação e Residências Médicas. A parceria com professores de outras áreas me fez ver a importância da integração à nível acadêmico, humano e na relação profissional.

Essas parcerias também foram no âmbito internacional. A interdisciplinaridade ao logo da minha caminhada se tornou uma marca.

Uma das ações com a Terapia Ocupacional foi o “Café da manhã com prosa”. Pacientes trocavam experiências e tinham espaço para esclarecimento de temas que eles próprios demandavam, com docentes e discentes. Fruto dessa ação foi a publicação de um livro em 2025, “Psoríase além da pele: o que eu preciso saber”, escrito com linguagem para o paciente, tendo em cada capítulo a colaboração de docentes, discentes da graduação e da pós-graduação de diversas áreas.

Articulamos com êxito a criação de uma data dedicada à PSO na cidade de JP. Em 2014, foi sancionada a Lei Municipal nº 12.790/2014, que instituiu o Dia Municipal de Combate à PSO em 29 de outubro, coincidindo com o Dia Mundial. A lei determinou que, a cada ano, nesta data, fossem incluídas no calendário oficial do município ações de conscientização, envolvendo a Secretaria Municipal de Saúde e a população. Essa lei significava que uma das atividades da Extensão teria amparo oficial e um alcance maior.

De 2015 aos dias atuais, houve aprovação, pelo edital PROBEX/UFPB, do projeto de extensão intitulado “XXX”. Passamos a promover de forma mais sólida o engajamento comunitário e como fruto tivemos a criação da Associação

dos Amigos e Portadores de PSO da PB. Ver os próprios pacientes se tornando protagonistas foi emocionante para nós.

Anualmente, participamos de audiências públicas na Câmara Municipal de JP ocupando a tribuna no exercício de cidadania. Perceber os pacientes relatarem o quanto eles se sentiam invisíveis e, depois do projeto da UFPB, recuperaram a confiança para viver plenamente me fez ver o quanto nosso alcance foi além da assistência e da academia.

Outras instituições voluntariamente se fizeram presente, a exemplo da Faculdade Internacional da Paraíba, com os cursos de pedagogia e gastronomia, abrindo espaços para debates, palestras e a oficina “Gastronomia e psoríase: abrindo horizontes”. Agregar valiosos profissionais foi uma grande realização.

Ao longo do meu magistério, colecionei conquistas significativas que reforçaram o impacto do nosso trabalho. Uma delas foi em 2016, quando recebi a Medalha Cidade de JP, honraria concedida pela Câmara Municipal em reconhecimento aos serviços prestados. Lembro vividamente da cerimônia solene, em 15/06. Subi ao plenário com nossa equipe, alguns discentes e pacientes. Senti meu coração aquecido não pelo prêmio em si, mas por ver reunidas ali tantas pessoas. Ao ouvir o proponente da homenagem dizer, em seu discurso, que “a doutora... além de profissional

competente, é uma figura humana singular, cuja atuação faz diferença na vida dos pacientes”, me fez ter a certeza da importância do trabalho coletivo. Foi um dos maiores reconhecimentos: saber que, para além dos resultados clínicos, a UFPB nos proporcionou meios de tocamos vidas de forma humana.

Por mais de dez anos engajei-me, representando o CRPATP-PB e a UFPB, na luta por melhoria de políticas públicas, participando de consultas públicas, reuniões técnicas e mobilizações. Em 06/09/2019, o Ministério da Saúde aprovou a incorporação de biólogos para casos de PSO no Sistema Único de Saúde. Ter contribuído para essa vitória me deu a certeza de que todo esforço valeu a pena.

Relembrando essa jornada, percebo o quanto os pilares da UFPB transformaram vidas. Cada paciente nos ensinou algo sobre resiliência e coragem. Em cada abraço de agradecimento que recebemos, fomos nós quem nos sentimos agradecidos por ter tido a oportunidade de exercer nossa profissão de maneira plena de significado.

Do ponto de vista institucional, orgulho-me de ver o CRPATP-PB hoje consolidado como um espaço que integra ensino, pesquisa e extensão de forma indivisível. Nossos dados e estudos contribuindo para o avanço científico; nossos discentes mais preparados e humanos; e nossa extensão promovendo cidadania e saúde. O Centro tornou-se um lugar de acolhimento e afetos, onde quebramos

barreiras entre profissionais de saúde e paciente, professor e aluno, todos aprendem e crescem juntos. Quando vejo um ambiente de troca, de sorrisos, de confiança, sinto que semeamos uma cultura de empatia que irá perdurar.

No campo pessoal, aprendi a importância de que a ciência e sensibilidade devem andar de mãos dadas: através de evidências científicas melhoramos tratamentos, mas através do amor e do respeito curamos feridas invisíveis. Aprendi, sobretudo, que uma universidade pública como a UFPB tem o poder de transformar realidades quando conectada com a comunidade.

Hoje, ao escrever em primeira pessoa esta história de vida e universidade, sinto uma profunda gratidão. Gratidão à UFPB, que há décadas vem formando profissionais e permitindo que projetos como o nosso florescerem. Gratidão aos colegas, discentes e funcionários que caminharam ao meu lado, ao HULW e à Rede EBSEH que permitiram que as ações fossem executadas e nos deram todo apoio necessário. E gratidão imensa aos pacientes, verdadeiros mestres de perseverança. Se a UFPB celebra 70 anos de existência, eu celebro a honra de ter dedicado boa parte da minha vida a esta instituição, unindo ciência e humanismo.



Impressões de uma vida: paixão, trajetória e o sentido de um ofício

Jerfson Oliveira de Souza

Minha história começa quando eu ainda era apenas um menino de dez anos, cheio de perguntas e de curiosidades que a infância desperta. Lembro-me bem do dia em que um casal de idosos bateu à porta da nossa casa. Eles vinham com a Bíblia nas mãos e uma disposição tranquila de conversar com a minha mãe. Entre tantas palavras que poderiam ter dito, algumas me tocaram de forma especial: eles falavam sobre um paraíso. Aquela ideia, tão diferente e tão bonita, passou a morar na minha imaginação de criança, como um horizonte que eu ainda não sabia nomear, mas que me fascinava.

Pouco tempo depois, passei a estudar a Bíblia com aquela senhora. Ela tinha a idade de uma avó e me tratava com a mesma paciência e ternura de quem se dedica a um neto. O que mais me impressionava era a forma como ela trazia postais da gráfica onde eram produzidas as publicações. Eu via aquelas imagens e ficava maravilhado. Não era apenas o conteúdo da mensagem que me cativava,

mas também a materialidade dos livros, o cuidado com que eram feitos para chegar até as pessoas. Eu pensava: como pode algo tão bonito nascer do trabalho humano e, ao mesmo tempo, tocar corações?

Foi ali que algo despertou em mim: o desejo de um dia aprender aquele ofício. Não apenas para ganhar a vida, mas para colaborar com algo maior – a produção de livros e revistas que ajudassem pessoas a se tornarem melhores. Esse sonho, ainda ingênuo e infantil, começou a se transformar em um norte para minha vida.

Quando descobri que o SENAI, em João Pessoa, oferecia o curso de artes gráficas, decidi que precisava estar lá. Fiz a seleção e consegui a vaga. Aquilo foi um divisor de águas. No SENAI, aprendi muito mais do que técnicas e ferramentas: aprendi disciplina, metodologia e que ser um bom profissional não se separa de ser uma boa pessoa. O SENAI, percebi cedo, não forma apenas para o mercado, mas para a vida.

Com o tempo, fui me tornando um profissional respeitado. Ainda nos anos 90, comecei a trabalhar em uma copiadora e, ali, descobri um novo universo: os softwares de programação visual. O que hoje se chama design gráfico, naquela época ainda carregava o nome de “programação visual”. Lembro-me da sensação de abrir o Photoshop pela primeira vez, de explorar o Corel, de me aventurar até no AutoCAD quando era preciso. Cada ferramenta era uma

nova porta para a criatividade, e eu sentia que meu sonho de menino estava se transformando em uma profissão sólida.

Já nos anos 2000, percebi que a empresa em que eu estava caminhava para a falência. Essa percepção me forçou a olhar além e buscar outras oportunidades. Foi então que entrei na Gráfica Santa Marta, ainda chamada apenas de gráfica, antes de se tornar indústria. A Santa Marta ficava em um distrito, numa região que começava a crescer. Ali, aprendi uma lição que carrego até hoje: a excelência não admite atalhos. Cada trabalho precisava ser perfeito, 100% impecável. Naquele lugar, não havia espaço para o erro ou para o imprevisto.

Esse período foi essencial para mim, porque consolidou não apenas minha técnica, mas também meu caráter profissional. Aprendi a entregar sempre o melhor de mim. Aprendi que o cliente, o leitor, a pessoa que recebe o impresso, merece respeito absoluto. Foi assim que comecei a me tornar, de fato, um gráfico de excelência.

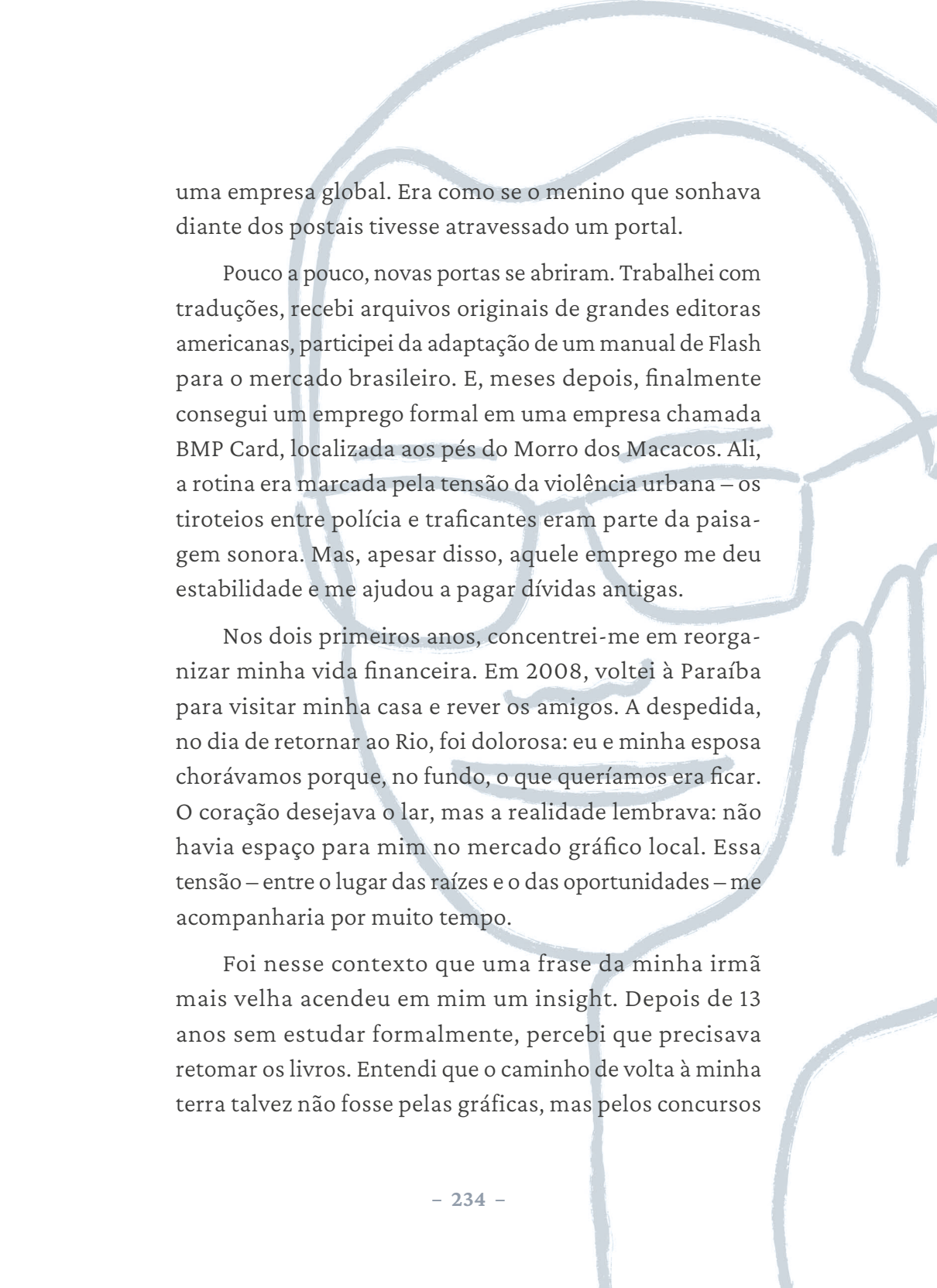
O ano de 2003 marcou uma virada difícil na minha vida. A gráfica Santa Marta, onde havia aprendido tanto sobre excelência, encerrou meu contrato. De repente, o caminho que parecia sólido se desfez diante de mim. Tentei me encaixar novamente no mercado paraibano, especialmente em João Pessoa, mas encontrei portas fechadas. O motivo? Meu salário estava cerca de 20% acima do que as

outras gráficas locais podiam pagar. Eu não cabia mais ali, e isso me doía.

Na tentativa de encontrar um rumo, fui até Campina Grande e conversei com o dono da Epigraf. Seu conselho foi direto, quase como uma ordem paternal: “Filho, vá embora. Aqui não há espaço para o profissional que você se tornou. No Sudeste, sim, você encontrará gráficas no padrão da Santa Marta e até salários melhores.” Naquele momento, senti uma mistura de medo e de esperança. Era como se me dissessem: “O seu lugar está além da linha do horizonte”.

Foi assim que, em fevereiro de 2006, juntei 150 quilos de bagagem, abracei minha esposa e partimos rumo ao Rio de Janeiro. Levava apenas R\$ 150 no bolso, dos quais R\$ 50 foram gastos logo na chegada, para pagar o táxi da rodoviária até a casa da minha tia. Por dentro, eu me perguntava: e se não der certo? E se tudo isso for um salto no vazio? O coração estava dividido entre a coragem da decisão e o peso da incerteza.

Os primeiros quinze dias foram de pura tensão. Mas, como tantas vezes na vida, as pequenas oportunidades apareceram. Um bico aqui, outro ali, e de repente eu estava prestando serviços para uma gráfica que tinha negócios em 68 países do mundo, a R.R. Donnelley Moore, cuja sede ficava em Barueri, São Paulo. Aquilo me encheu de ânimo: eu, vindo de João Pessoa, agora colaborava com



uma empresa global. Era como se o menino que sonhava diante dos postais tivesse atravessado um portal.

Pouco a pouco, novas portas se abriram. Trabalhei com traduções, recebi arquivos originais de grandes editoras americanas, participei da adaptação de um manual de Flash para o mercado brasileiro. E, meses depois, finalmente consegui um emprego formal em uma empresa chamada BMP Card, localizada aos pés do Morro dos Macacos. Ali, a rotina era marcada pela tensão da violência urbana – os tiroteios entre polícia e traficantes eram parte da paisagem sonora. Mas, apesar disso, aquele emprego me deu estabilidade e me ajudou a pagar dívidas antigas.

Nos dois primeiros anos, concentrei-me em reorganizar minha vida financeira. Em 2008, voltei à Paraíba para visitar minha casa e rever os amigos. A despedida, no dia de retornar ao Rio, foi dolorosa: eu e minha esposa chorávamos porque, no fundo, o que queríamos era ficar. O coração desejava o lar, mas a realidade lembrava: não havia espaço para mim no mercado gráfico local. Essa tensão – entre o lugar das raízes e o das oportunidades – me acompanharia por muito tempo.

Foi nesse contexto que uma frase da minha irmã mais velha acendeu em mim um insight. Depois de 13 anos sem estudar formalmente, percebi que precisava retomar os livros. Entendi que o caminho de volta à minha terra talvez não fosse pelas gráficas, mas pelos concursos

públicos federais, que permitiam transferências entre estados.

Minha esposa saiu na frente: fez uma seleção pública para a área de odontologia e conquistou uma das cinco vagas disponíveis. No início, confesso, aquilo me incomodou. Eu era o chefe da família e sentia que deveria ser o primeiro a conquistar algo estável. Mas logo percebi que, na verdade, Deus usava aquela situação para me motivar a lutar ainda mais.

Foi então que surgiu o concurso da UFRJ, justamente para a área de pré-impressão gráfica. Eles estavam implantando um novo sistema de gravação direta em chapas offset, o famoso CTP, e precisavam de alguém com experiência. Aquele alguém era eu.

Fiz a prova objetiva e fiquei em sexto lugar. Mas a prova prática, que tinha peso maior, foi o meu diferencial. Lembro da examinadora me perguntando há quanto tempo eu trabalhava com gráfica, e de sua reação quando respondi: “Desde os 15 anos, quando entrei no SENAI”. Era como se minha vida inteira convergissem para aquele momento.

No fim, gabaritei a prova prática e saltei para o primeiro lugar, com cem pontos de diferença para o segundo colocado. Em 18 de setembro de 2012, entrei no serviço público federal como técnico em artes gráficas na UFRJ.

Ali eu sabia: estava no meio do caminho para realizar o sonho de voltar para casa, mas agora com a segurança de um cargo estável, que me permitiria pedir transferência.

Quatro anos depois, de fato, entrei com o pedido de redistribuição para João Pessoa. Ainda não sabia, mas esse seria o início de um novo capítulo, cheio de desafios inesperados.

A redistribuição que me trouxe de volta ao Nordeste foi, em muitos aspectos, um acontecimento inusitado. Em 2012, logo após passar no concurso da UFRJ, comecei a sondar possibilidades de voltar à Paraíba. Foi então que descobri que um velho amigo de profissão, Alexandre Câmara, com quem havia trabalhado cerca de vinte anos antes, também tinha passado no mesmo concurso, mas para João Pessoa.

Busquei seu contato, mandei um e-mail, e a nossa conversa foi uma grata surpresa. Primeiro, ele quis confirmar se eu era realmente aquele mesmo colega de duas décadas atrás, o jovem gráfico com quem havia dividido tantas experiências. Quando ficou convencido, a alegria foi mútua. Retomamos a amizade como se o tempo não tivesse passado.

Em meio às conversas, perguntei de forma direta:

– Alexandre, será que não há uma vaga para mim aí na pré-impressão?

Ele, sempre humano e organizado, pediu meu currículo e prometeu conversar com a diretora da editora da UFPB. Confiei nele e deixei o assunto nas mãos de quem sabia encaminhar.

Duas semanas depois, a surpresa: ao falar com a diretora, descobri que ela já havia iniciado o processo de me requisitar. A razão era clara. Havia uma demanda urgente por alguém com meu perfil técnico – alguém capaz de revisar os livros antes de irem para a gráfica, corrigindo erros que vinham se repetindo, e também de dar suporte na diagramação, já que havia 150 títulos em andamento e uma equipe sobrecarregada.

O processo, no entanto, não foi rápido. Foi e voltou inúmeras vezes, arrastando-se por dois anos e meio. Até que, finalmente, em 21 de março de 2016, saiu a redistribuição. Recebi o prazo de dez dias para organizar tudo no Rio e assumir meu novo posto em João Pessoa.

A ansiedade foi tanta que desembarquei na madrugada do dia 31. Já em 1º de abril, ainda cansado da correria, estava na PROGEP da UFPB, tomando posse oficialmente na editora. Era como se um ciclo se fechasse e outro se abrisse diante de mim.

Os primeiros tempos foram de adaptação, de conhecer colegas, fazer amizades, criar laços. O ambiente reunia profissionais de diferentes áreas, cada um com sua exper-

tise, todos voltados para um objetivo maior: dar forma, corpo e qualidade à produção acadêmica e científica que circulava pela universidade. Eu sentia, enfim, que estava no lugar certo, usando minha experiência para contribuir em algo maior.

Havia desafios, claro. A rotatividade dos diretores, por se tratar de cargos comissionados, sempre trazia incertezas. Uma editora, por vezes desorganizada, exigia de nós paciência e resiliência. Mas, apesar disso, minha convicção permanecia firme: eu estava onde deveria estar, fazendo o que sempre amei – trabalhar com o processo gráfico, dar vida a livros, revistas e impressos que ajudassem a formar pessoas.

Hoje, olhando para trás, vejo que sou gráfico por escolha, por paixão. Mais de três décadas dedicadas a esse ofício me ensinaram disciplina, resiliência e a busca constante pela excelência. Amo o que faço e gosto de compartilhar, de revisitar memórias do que já mudou no mercado gráfico, de refletir sobre como a tecnologia transformou nossa prática.

E sei também que não parei. O mundo já aponta para um novo nível: a inteligência artificial aplicada ao design e à produção gráfica. Vejo nesse horizonte não uma ameaça, mas uma oportunidade. Quero aprender, quero entender como essa nova ferramenta pode servir ao meu ofício. Quero usá-la não para substituir o humano, mas

para acelerar processos, sem perder o cuidado, a beleza e a excelência que sempre foram a alma da gráfica.

Porque, no fim, o que me move é isso: a paixão pelo livro, pelo impresso, pela obra que chega às mãos de alguém e pode transformar sua vida – assim como um dia, lá atrás, ainda criança, eu fui tocado por aqueles primeiros postais que me mostraram o poder de um impresso bem feito.

Minha história com a Editora Universitária da UFPB começou num 1º de abril de 2016. Não foi mentira, nem acaso: foi um encontro que mudaria minha trajetória. Dias antes, eu já havia atravessado aquele espaço para sentir o ar da casa, rever pessoas queridas e encontrar Alexandre Câmara, companheiro de outras jornadas na Copiadora Paraibana. Lá, ele desenhava o mundo com seus traços; eu, entre plantas e clientes, organizava o fluxo da impressão.

Ao chegar, estranhei. Todos juntos numa mesma sala, dividindo uma mesa redonda, vozes cruzando-se como fios soltos. Eu, habituado ao silêncio quase solene da pré-impressão, precisei domar o pensamento, aprender a concentrar-me em meio ao ruído. Logo percebi, porém, que ali nascia algo maior: livros que não eram apenas isso, mas obras cuidadas, moldadas com esmero, verdadeiros objetos de arte.

Foi a gestão de Isabel França que deu esse salto. A editora, antes voltada a publicar por publicar, começava a

cultivar a qualidade como valor. E nesse terreno floresceu um jardim de talentos: Alexandre, com suas ilustrações; Rildo, preciso e metódico; Mônica, com o olhar jornalístico de sua lente; Alice, inventiva e refinada; Wellington, o gráfico de carreira; Michele, com a experiência da publicidade; Emmanuel, herdeiro das máquinas e da datilografia; e Gabi, a mais jovem, a quem dávamos a missão, entre risos, de cuidar de nós na velhice.

Diversos, mas unidos. Diferentes, mas coesos. O que nos sustentava era o respeito mútuo, a vontade de ouvir e de criar juntos. Ali aprendi que o trabalho pode ser diálogo, que a criação se fortalece quando se deixa atravessar pelo olhar do outro.

A editora também me abriu portas para outras paixões: a tecnologia, o hardware, os softwares inquietos que exigem paciência. Conheci a mesa digitalizadora pelas mãos de Michele; com Rildo, aprendi a disciplina; e com todos compartilhei a experiência de chão de fábrica, acumulada em anos de pré-impressão. Era uma dança constante de ensinar e aprender.

Lembro ainda de Geisa Fabiane, tão jovem e já tão firme, garantindo a sustentação administrativa, e da maratona da pandemia, quando finalizamos cerca de 150 livros. Não eram meros exemplares, mas vozes impressas, pesquisas tornadas palpáveis, sonhos de autores transformados em páginas vivas.

Entre tantas parcerias, destaco Alice Brito. Precisa, criativa, incansável em sua busca pelo novo. “Nunca mais do mesmo” – dizia ela ao criar capas. Essa frase se tornou também um norte para mim.

Com o tempo, fui me tornando um profissional de múltiplos ofícios dentro da editora: diagramador, solucionador de redes, companheiro de softwares caprichosos. Mas, acima de tudo, fui sendo amigo. Não colegas – amigos. E nessa amizade feita de trocas, cresci.

Hoje, olhando para trás, percebo que, desde 2016, a Editora Universitária da UFPB não foi apenas um lugar de trabalho. Foi um lar. Ali encontrei um capítulo luminoso da minha vida, repleto de aprendizado e convivência.

O futuro, como lembra a atual diretora, professora Geysa Flávia, aponta para horizontes ambiciosos: prêmios, reconhecimento, Jabutis. Mas isso é outra história.

A que me cabe hoje é a de sentir que pertenço. Que faço parte de algo maior. Que, como tantas vezes disse à professora Izabel França, ali estou em casa.

Um sonho ao alcance de todos: o projeto Intensivo Pré-Vestibular

*Sabrina Grisi Pinho de Alencar
Jivago Correia Barbosa*

Para Luiz de Sousa Jr.

In Memoriam

Em 2008, de maneira inovadora, foi lançado o Intensivo Pré-Vestibular UFPB, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEC/PB), com o objetivo de ofertar aos alunos e alunas do Ensino Médio, egressos da rede pública de João Pessoa, uma revisão dos conhecimentos das disciplinas Português, Literatura, Redação, Línguas Estrangeiras (Inglês e espanhol), História, Geografia, Biologia, Física, Matemática e Química, visando uma melhor preparação para as provas de ingresso na universidade – pelo Processo Seletivo Seriado (PSS) 1, 2 e 3 e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Foi justamente a partir desta perspectiva – de inclusão social e educacional – que o projeto de extensão foi

idealizado pelo prof. dr. Luiz de Sousa Jr (DHP/UFPB). Em 2009, fomos convidados a assumir respectivamente a coordenação e assessoria pedagógica da iniciativa, quando éramos ainda alunos do Mestrado (sendo Jivago aluno em História e Sabrina em Educação).

Sabendo que o acesso ao Ensino Superior público havia sido dificultado aos alunos e alunas da rede pública por conta tanto da escassez de vagas quanto da deficiência na formação deles, nós do Intensivo Pré-Vestibular UFPB buscamos criar condições mais equitativas para o ingresso desses discentes na UFPB, como também em outras instituições de nível superior da região (IFPB, UEPB, dentre outras).

Em nossa compreensão, a extensão não se trata de uma atividade de cunho assistencialista, mas de uma ação educativa, científica e cultural, que gera a articulação entre os conhecimentos desenvolvidos pela pesquisa, atrelados às atividades de ensino. Tudo isso em prol das demandas – problemas, direitos, deveres, dentre outros – que partem diretamente da sociedade.

É importante frisar que, dentro desta perspectiva, os projetos de extensão deveriam ser criados justamente a partir dessas demandas sociais, numa construção coletiva que articule os saberes locais e a pesquisa acadêmica desenvolvida nas instituições de ensino superior. Assim, a extensão se torna uma construção social de conhecimento,

ao lado da pesquisa, além de ser considerada uma forma eficaz de aprendizagem, assim como as atividades de ensino (teoria + prática = sociedade mais justa).

Dessa forma, no início de cada ano de trabalho, convidávamos todos os diretores e diretoras das escolas parceiras, que eram entre 15 e 20 , para uma reunião coletiva com a coordenação pedagógica e os coordenadores de área (Matemática e Física; Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola; História e Geografia; Química e Biologia). Nessas reuniões iniciais apresentávamos os objetivos, as metodologias, o cronograma de ação e o material didático ofertados, bem como ficava esclarecida a contrapartida das escolas, ou seja, a oferta dos espaços apropriados para a realização das aulas, além das matrículas dos alunos e alunas.

As aulas eram ministradas por alunos e alunas bolsistas da UFPB selecionados de acordo com critérios acadêmicos de rendimento escolar e experiência em atividades de ensino na educação básica. Essa também era outra característica inovadora e importante deste projeto: possibilitava, aos alunos e alunas da licenciatura dos cursos de graduação e pós-graduação da UFPB, a oportunidade de iniciarem a carreira docente; proporcionava uma espécie de retorno social, a partir do momento que estes alunos/ bolsistas voltavam aos bairros onde moravam, buscando compartilhar o conhecimento aprendido na Universidade;

além de receberem uma bolsa auxílio para o custeio do transporte e de outras demandas pertinentes a área de atuação, a exemplo da aquisição de livros.

O acompanhamento das atividades se dava de forma contínua com as seguintes atividades: acompanhamento dos bolsistas com reuniões mensais e diários de classe; produção de relatórios mensais pelos bolsistas, sob supervisão dos coordenadores/as de área, da assessora pedagógica e do coordenador pedagógico; e relatório anual de atividades, elaborado pelos bolsistas, coordenadores/as de área, assessora pedagógica e coordenador pedagógico.

Os candidatos e candidatas às vagas disponibilizadas eram selecionados/as pela gestão das escolas participantes. De 2011 a 2012, com a ampliação da procura por vagas, ocorreu uma mudança no processo de seleção a partir da criação do site do projeto, lançado em 2010 (atualmente fora do ar). A partir de então, os discentes preenchiam uma ficha de cadastro disponível em nossa página e os pré-requisitos para se candidatar a uma das 1.300 vagas eram: 1. Ser aluno/a do 3º ano do Ensino Médio de escolas da rede pública de ensino (estadual ou federal, a exemplo do IFPB); 2. Ou ter concluído o Ensino Médio em alguma escola pública (estadual ou federal). Os primeiros candidatos e candidatas inscritos/as eram convocados/as, através de relações publicadas no site, e durante as duas primeiras semanas de aula o coordenador pedagógico

e os/as coordenadores/as de área visitavam as escolas solicitando documentação necessária para a comprovação dos pré-requisitos.

Dessa forma, o Intensivo UFPB passou a ser distribuído em diversas turmas de vestibulandos em bairros populares de João Pessoa com capacidade de 50 a 150 alunos matriculados cada, em média, totalizando cerca de 1.300 estudantes por ano. Em algumas escolas, atuávamos em auditórios e anfiteatros, o que permitia turmas ainda maiores

O projeto funcionava de abril a dezembro com aulas de segunda a sexta-feira, nos turnos tarde e noite, além dos “aulões” de revisão dos conteúdos para as provas do PSS e ENEM, que sempre ocorriam nos sábados que antecediam estas provas. Os “aulões” também proporcionavam a interação/integração entre os alunos e alunas das 16 escolas atendidas.

De 2009-2012, o projeto vivenciou, paulatinamente, uma efetiva expansão em relação ao número de escolas atendidas, ampliando também o número de bolsistas, além do incremento significativo da quantidade de alunos e alunas. Em cinco anos de existência, o Intensivo UFPB tornou-se referência entre os cursinhos pré-vestibulares de João Pessoa, sendo o primeiro do estado paraibano a ter uma turma voltada exclusivamente para estudantes portadores de deficiência auditiva que utilizavam a Linguagem

Brasileira de Sinais (LIBRAS). Esta turma era composta pelos professores e professoras do projeto e por mais três intérpretes de LIBRAS que se revezavam transmitindo os conhecimentos das nove disciplinas ofertadas.

O Intensivo Pré-Vestibular UFPB experimentou uma evolução positiva , levando à ampliação no número de aprovações na Universidade Federal da Paraíba (UFPB): em 2009, cerca de 185 discentes no PSS 1 e 2 e 69 discentes no PSS 3; em 2010, 482 discentes no PSS 1 e 2 e 196 discentes no PSS 3; em 2011, 724 discentes no PSS 1 e 2 e 308 discentes no PSS 3; em 2012, ampliamos o número para 806 discentes aprovados no PSS 1 e 2 e 371 discentes no PSS 3.

Por fim, com base na avaliação dos resultados obtidos pelos participantes, podemos afirmar que o projeto de extensão alcançou o seu objetivo principal, que era propiciar, prioritariamente, aos discentes egressos da rede pública do Ensino Médio no município de João Pessoa, uma revisão dos conhecimentos exigidos no PSS da UFPB e no ENEM. Entretanto, também precisamos frisar a importância qualitativa deste projeto. A maioria desses mais de 900 discentes aprovados (jovens e adultos) foram os primeiros, entre os seus familiares, a ingressar em instituições de Ensino Superior, os pioneiros a romper com um ciclo de desigualdade imposto pela sociedade.

REFERÊNCIAS

INTENSIVO PRÉ-VESTIBULAR UFPB. JOÃO PESSOA, 2012.

Disponível em: <http://www.ufpb.br/intensivo/site/>

ALENCAR, Sabrina Grisi Pinho de. **A REPERCUSSÃO SOCIAL**

DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O caso do Intensivo Pré-Vestibular da UFPB. 191f. Tese (Doutorado em Educação).

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGÉ,

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.





Na trama da vida: tecendo os fios da memória

Ana Cláudia Cruz Córdula

Escrever sobre a própria trajetória é revisitar o passado com os olhos do presente, é refazer o caminho com o fio da memória, tecido pelas experiências, afetos e aprendizados. Como nos lembra Foucault (1992), a escrita de si é um exercício de liberdade e autoconhecimento, e foi nesse gesto que encontrei sentido: transformar lembranças em narrativa, emoções em reflexão e vida em palavras.

Nasci em João Pessoa, numa madrugada marcada pela delicadeza e pelo susto. Cheguei antes do tempo, frágil, mas envolta pelo amor da família que me esperava. Cresci no bairro de Jaguaribe, entre ruas simples, brincadeiras de criança e o aconchego de uma casa cheia de histórias. A infância foi o tempo da descoberta do mundo e da ternura dos laços. A religiosidade de minha avó materna, Severina Pereira, e o olhar sensível do meu avô paterno, João Córdula, fotógrafo, marcaram profundamente a minha formação. Foi com ele que aprendi a enxergar a beleza dos instantes e o poder das lembranças. Cada fotografia guardava um pedaço da vida, um gesto, uma emoção. Talvez ali tenha

nascido meu apreço pela memória e pela preservação do vivido.

O colégio das Lourdinhas foi o cenário de parte importante dessa fase. Entre professoras severas e outras inspiradoras, encontrei o prazer de aprender e o valor das amizades sinceras. O ambiente escolar se misturava à vida familiar e comunitária, compondo um tecido de experiências que me ensinaram a ser quem sou: curiosa, sensível e determinada.

A adolescência chegou como um vento de mudança, tempo de inquietações, descobertas e sonhos. As festas juninas, os ensaios de quadrilha, as conversas no portão e os primeiros amores coloriram essa fase da vida. Mas foi aos 17 anos que vivi minha maior transformação: a maternidade. Descobrir que seria mãe tão jovem foi um susto e, ao mesmo tempo, um chamado à maturidade. O medo inicial deu lugar a uma força nova, nascida do amor incondicional por meu filho, Matheus Córdula. Ele se tornou minha razão e meu norte, a prova de que os recomeços podem florescer mesmo nas horas mais desafiadoras.

A maternidade me ensinou a ser forte, a enfrentar o mundo e a construir caminhos com coragem. Foi nesse período que compreendi que as mudanças são necessárias e, muitas vezes, libertadoras. Trabalhei no comércio, equilibrei o cuidado com o filho e a vontade de crescer. Decidi retomar os estudos e sonhar novamente. Com o

apoio dos meus pais, enfrentei o cursinho e conquistei uma vaga no curso de Fisioterapia. Foram anos de luta, de privações e superações, mas também de descobertas e amadurecimento.

Durante o curso de Fisioterapia, aprendi sobre o cuidado com o outro, a importância do toque, da escuta e da empatia. A formação me permitiu compreender o corpo humano não apenas como estrutura biológica, mas como morada de histórias, dores e afetos. No entanto, com o tempo, percebi que minha vocação se expandia para além do campo da saúde física. Havia em mim um desejo crescente de compreender as memórias, os registros e as narrativas que formam o tecido social. Foi assim que, quase naturalmente, surgiu a Arquivologia em meu caminho. Descobri nela uma nova forma de cuidar: não mais de corpos, mas de documentos, histórias e identidades. Entendi que preservar arquivos é também preservar vidas, é garantir o direito à memória e à informação. A Arquivologia despertou em mim o encantamento pelo registro e pela permanência, unindo o rigor técnico à sensibilidade humana.

Aliado ao desejo de cursar Arquivologia, após 12 anos atuando ativamente como fisioterapeuta, tinha em mim o desejo de ser aluna da UFPB. Estar nesta universidade e viver o cotidiano acadêmico de uma universidade pública era um desejo latente, pois havia cursado fisioterapia

em uma universidade particular. Foi então que em 2010 ingressei no curso de Arquivologia.

As aulas iniciaram no semestre de 2010.1. Logo, deparei-me com uma turma bem mista entre homens e mulheres, mais velhos, mais novos, todos à procura de conhecimento e em busca de um sonho. Aquela atmosfera de sala de aula era o meu combustível.

Um marco para mim logo no primeiro período foi a visita ao Arquivo Privado Pessoal Afonso Pereira. Esta visita com toda a turma foi organizada pela professora dra. Geysa Flávia Câmara, que nos levou até o arquivo que nos foi apresentado pela professora Dra. Bernardina Freire. Aquele lugar me enfeitiçou, levando-se em consideração a propriedade e o domínio com que foi apresentado à nossa turma, as entrelinhas do arquivo entre o meio material, e as histórias da vida do professor Afonso Pereira.

No decorrer do curso essa minha relação de identidade com os arquivos pessoais foi se estreitando. No quarto período tive a oportunidade de passar para a seleção de monitoria na disciplina Fundamentos da Arquivística, na ocasião ministrada pela professora dra. Bernardina Freire. Esta oportunidade me trouxe mais conhecimento, mais experiência e possibilitou a minha aproximação com a docência. Balizada pela orientação dela, após dois semestres na monitoria, ingressei na iniciação científica como aluna voluntária.

Neste período passei a fazer parte do Grupo de Estudo e Pesquisa em Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), passando a alimentar em mim o desejo de seguir para o mestrado. Fui amadurecendo a ideia e me submeti a uma seleção junto ao PPGCI-UFPB em 2012, mas, em uma fase em que acumulava estudos da graduação em Arquivologia e a minha atuação como Fisioterapeuta em três empregos, não consegui passar na primeira tentativa.

Refleti sobre essa falta de êxito e entendi que para ganhar, às vezes temos que perder... Foi então que pedi demissão de dois empregos, ficando apenas com um sustento mínimo. Eu tinha duas missões: passar na seleção de mestrado e concluir minha graduação. Organizei-me, estudei com afinco e, na seleção de 2013, passei em segundo lugar geral, alcançando uma bolsa de estudos que me possibilitou fazer o desligamento total com a Fisioterapia e mergulhar definitivamente neste universo da Ciência da Informação e da Arquivologia.

A UFPB, tornara-se a minha segunda casa, passava mais tempo na universidade do que em casa... Foi um tempo de muitos esforços, mas também de muita colheita. Concluí a graduação em 2014 e o mestrado em 2015. A esta altura da vida, a única certeza que eu tinha era que eu queria estar ali, na UFPB, para sempre... ou digamos por toda a minha vida produtiva. Apaixonei-me pela Arquivologia, pela docência e pela UFPB.

Assim que concluí o mestrado, tive a oportunidade de participar de uma seleção para professora substituta, e foi nesse momento que iniciei minha relação docente com a UFPB, em 2016. Foi também neste ano que ingressei como doutoranda junto ao PPGCI-UFPB, concluindo o doutorado em 2019.

Minha trajetória como professora substituta junto ao Departamento de Ciência da Informação me fez ter a certeza de que estava no caminho certo. A docência era uma vocação que me fazia ter a vontade todos os dias de ensinar e também de aprender com os alunos. Ao final de 2016, já com uma experiência de dois semestres como substituta, tive o prazer de ter o meu contrato renovado por mais um ano, e também a possibilidade de me submeter a uma seleção para professora efetiva. Esta chance eu tomei como a chance da minha vida, estudei dia e noite incessantemente, obtendo o primeiro lugar na seleção.

Neste contexto, meu vínculo efetivo com a UFPB foi concretizado em janeiro de 2017. Foi a realização de um sonho, uma conquista marcante e a imensa alegria de integrar um time forte, essencial e comprometido com a transformação de vidas.

Lecionar na UFPB é um privilégio que vai muito além da transmissão de conhecimentos: é semear ideias, acender curiosidades e acompanhar o florescer de cada aluno. É

guiar olhares curiosos pelos caminhos do saber, orientando pesquisas que desvendam horizontes, despertando paixões pelo aprender e pelo investigar.

Dar aula é mais do que falar; é ouvir, compartilhar experiências, provocar reflexões e criar pontes entre teoria e prática. É ver a faísca do entendimento nos olhos de cada estudante e sentir, no silêncio do olhar atento, que aquele momento é eterno.

Nesta jornada de quase nove anos, tive a experiência de coordenar por quatro anos o curso de Arquivologia, e nesta caminhada entendi que coordenar um curso de graduação é dançar entre planejamento e cuidado, estruturar caminhos acadêmicos, apoiar colegas docentes, estimular a criatividade e garantir que cada estudante encontre seu lugar no mundo do conhecimento. Coordenar projetos de pesquisa, de monitoria e de extensão é testemunhar o poder transformador da educação, é multiplicar oportunidades e construir legados que reverberam muito além das salas de aula.

E então, chega o instante mais sublime: ver seus alunos conquistando espaços. Tornando-se professores, arquivistas de tribunais, das câmaras municipais, das instituições de ensino superior. É vê-los desbravar o mercado privado, empreender, inovar, levar o nome da UFPB para todos os cantos, fazendo da profissão um caminho de realização e propósito.

Ser docente na UFPB é viver a alegria de cultivar talentos, de celebrar conquistas e de sentir, a cada dia, que ensinar é semear futuros e colher histórias que transformam vidas. A UFPB é mais do que um espaço de trabalho ou uma instituição de ensino: é uma segunda casa, um lar que acolhe, desafia e devolve, a cada dia, a satisfação de ver frutos concretos do esforço coletivo. Lecionar, orientar alunos, coordenar cursos e projetos é construir pontes que conectam conhecimento e vida, é perceber que cada desafio enfrentado retorna em forma de crescimento, aprendizado e realização.

Para além deste cotidiano acadêmico repleto de atividades e realizações, gostaria de destacar três momentos únicos, quando fui escolhida paraninfa de turmas de Arquivologia. Ser escolhida estas três vezes foi um presente que transcende qualquer reconhecimento formal, é o testemunho de uma trajetória marcada pelo cuidado, pela dedicação e pelo compromisso com cada estudante que cruzou meu caminho. Cada escolha foi uma declaração silenciosa, mas poderosa, a confiança de que minha presença, minhas palavras e meus gestos puderam inspirar, orientar e acolher. Foi sentir, na essência da celebração, que a relação professor-aluno é feita de vínculos que vão além da sala de aula, que ecoam na memória e na vida de cada um.

Não há sensação mais gratificante do que participar das colações de grau dos alunos e ver concretizadas

as conquistas que acompanharam de perto. Cada formatura é um momento único, carregado de esforço, dedicação e sonhos realizados. Estar presente, de forma ativa, compartilhando essa vitória, é testemunhar a transformação da trajetória acadêmica em conquista pessoal e profissional.

Ver os alunos celebrarem a conclusão de cursos, sentirem orgulho de suas escolhas e olhar para o futuro com confiança é um retorno silencioso, mas profundo, de todo o trabalho, orientação e dedicação investidos ao longo do caminho. É uma experiência que mistura emoção e realização, lembrando que ensinar não é apenas transmitir conhecimento, mas também acompanhar, apoiar e celebrar cada passo dos que confiam em nosso trabalho.

Participar dessas conquistas é, portanto, mais do que um momento protocolar, é fazer parte de histórias que se completam, é compartilhar o brilho da vitória e sentir, com intensidade, que a educação transforma vidas, incluindo a nossa, que cresce junto com cada aluno.

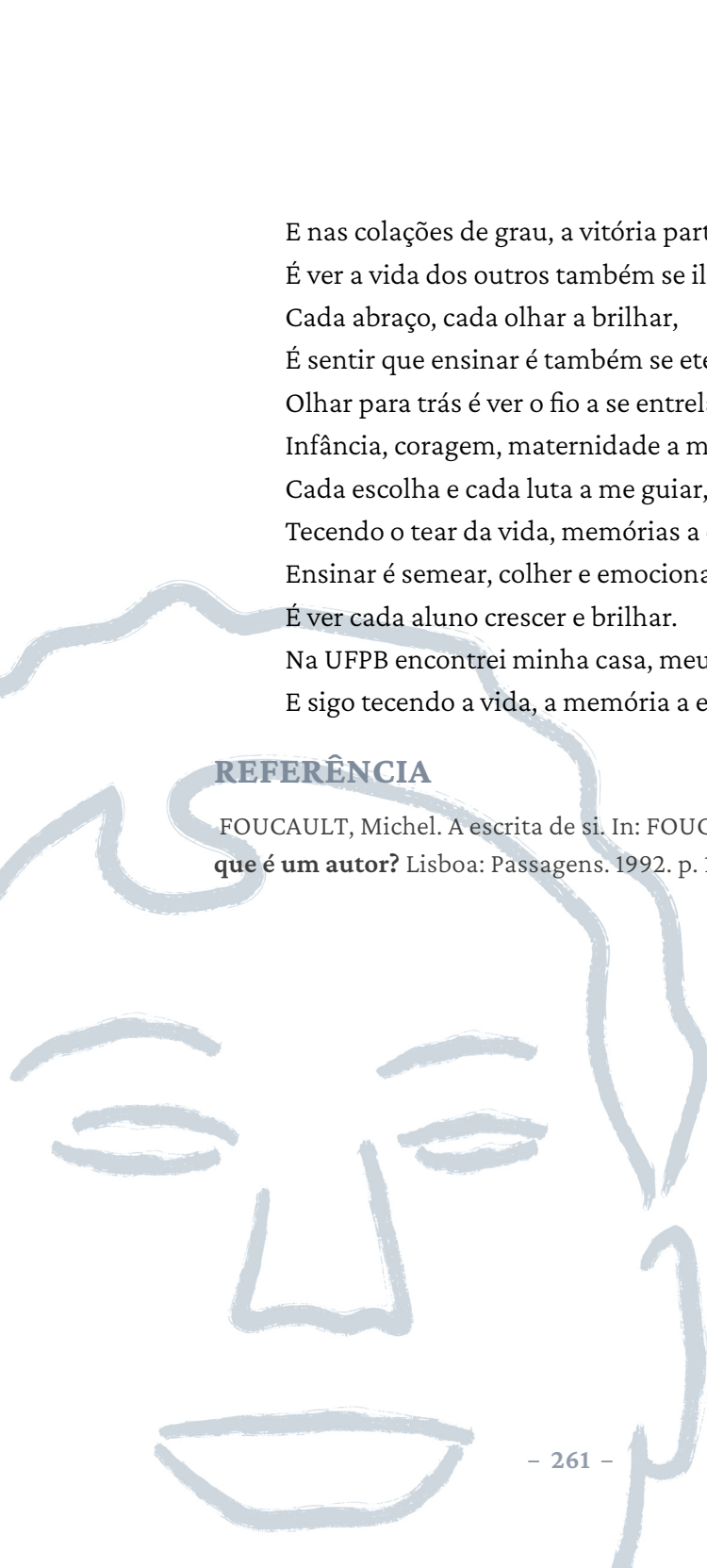
Olhar para trás é perceber que cada etapa foi essencial: a infância me ensinou o afeto, a adolescência me revelou a coragem, a maternidade me deu propósito, e a vida adulta me mostrou o valor da persistência. Entre lembranças, lágrimas e conquistas, aprendi que viver é tecer continuamente o próprio tear, com fios de memória, fé e esperança.

Hoje, ao transformar minha história em palavras, percebo que não escrevo apenas sobre o que vivi, mas sobre o que me constitui. Sou o resultado de cada encontro, de cada escolha e de cada superação. E, ao seguir tecendo esse caminho, levo comigo a certeza de que recordar é também continuar vivendo, com amor, com gratidão e com sentido. Concluo o texto, com um cordel de minha autoria, inspirado neste relato.

Trama da Vida

Nasci em João Pessoa, de madrugada a brilhar,
Cheguei antes do tempo, mas pude amar.
No bairro do Jaguaribe cresci a sonhar,
Entre ruas simples, afetos a me formar.
Minha avó Nina com fé a me guiar,
Meu avô João, fotógrafo a me ensinar
Que cada instante, se bem a guardar,
É memória viva que vamos preservar.
O colégio das Lourdinhas me fez aprender,
Entre regras e carinho, a vida a crescer.
Na infância e adolescência, a me conhecer,
Festas, quadrilhas e amores a florescer.
Aos dezessete anos a vida me chamou,
Ser mãe jovem foi susto, mas o amor me firmou.
Matheus, meu filho, meu norte, meu chão,
Foi força e coragem a me guiar na mão.
Trabalhei e estudei, lutei sem parar,

Fisioterapia abracei, mas quis mais sonhar.
Foi na Arquivologia que encontrei meu lugar,
Cuidar de memórias, histórias a guardar.
Na UFPB entrei, o sonho a pulsar,
Em 2010 a graduação a iniciar.
Turma mista, curiosos a buscar,
O saber me fez voar e o coração a palpar.
Visita a Afonso Pereira me fez encantar,
O arquivo pessoal a me fascinar.
Entre material e histórias a brilhar,
Meu amor pelos registros começou a brotar.
Monitora me tornei, fundando saber,
Iniciação científica para crescer.
O caminho me guiou a mestrado escolher,
Mesmo com desafios, consegui vencer.
A UFPB virou lar, segunda morada,
Mais tempo na universidade que em casa dedicada.
Graduação, mestrado e doutorado, alegria alcançada,
E a docência nasceu, paixão consolidada.
Professora substituta, em dois mil e dezesseis a atuar,
Doutorado também, a vida a transformar.
No ano seguinte, um sonho a realizar:
Em dois mil e dezessete, efetiva a ingressar!
Coordenar curso e projetos a acompanhar,
Ver alunos desbravarem o mundo, orgulho a brotar.
Ser paraninfa me fez emocionar,
A confiança dos alunos a me celebrar.



E nas refeições de grau, a vitória partilhar,
É ver a vida dos outros também se iluminar.
Cada abraço, cada olhar a brilhar,
É sentir que ensinar é também se eternizar.
Olhar para trás é ver o fio a se entrelaçar,
Infância, coragem, maternidade a me formar.
Cada escolha e cada luta a me guiar,
Tecendo o tear da vida, memórias a espalhar.
Ensinar é semear, colher e emocionar,
É ver cada aluno crescer e brilhar.
Na UFPB encontrei minha casa, meu lugar,
E sigo tecendo a vida, a memória a eternizar.

REFERÊNCIA

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

Podcast ‘em pauta’: uma nova era com práticas pedagógicas digitais

*Allan Soares Nascimento
Cibelle da Silva Santiago*

Nós, aqui, nos reunimos em uma só voz, situando o gênero mídia podcast dentro do gênero ensaístico, o qual expressa e valoriza a nossa experiência. Não se trata apenas de gravar áudios, mas de dar corpo à palavra falada como um ato político, cultural e democrático. A voz, aqui, é a da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em diálogo com o mundo, para iniciar uma era por meio de novas mídias, as digitais.

A cada episódio publicado, descobrimos que falar é, também, escutar, e que a extensão universitária nos convoca a sermos mais que transmissores de informações: mediadores de encontros. O projeto de extensão Podcast em Pauta nasceu durante a pandemia como uma forma de continuar a formação profissional dos discentes, mas sem perder a conexão com a sociedade. O projeto tem a intenção de despertar no estudante o interesse pela leitura, além de estimular o pensamento crítico e analítico.

Até o setembro/2025, foram publicados 97 episódios, sendo ouvidos por diversos Estados brasileiros e países como Estados Unidos, Alemanha, França, Portugal, Espanha, entre outros.

O objetivo deste ensaio é mostrar como a UFPB, no auge dos seus 70 anos, vem se reinventando no tempo, e se reposicionando por meio da adoção de práticas pedagógicas inovadoras que englobam o ensino, a pesquisa e a extensão no contexto da inovação tecnológica e digital.

Essa prática pedagógica nos transformou em uma sala de aula viva de conversas e de formação cidadã, durante e após o isolamento social. As vozes que se encontraram por meio das ondas sonoras digitais mostram a comunicação com algo necessário para manter a sociedade viva, a partir de uma grande experiência de aprendizagem, sobre como viver, como falar e como ouvir de forma mútua.

Antes de ligar os microfones, abrimos os livros, os artigos científicos, as notícias jornalísticas, os poemas etc. O roteiro não é uma mera formalidade, mas um espaço coletivo ou individual de criação, de formação de opinião crítica e análise do contexto, já que nós líamos, discutíamos e refletíamos. Depois, escrevíamos sistematizando as ideias como quem prepara um mosaico de sentidos, o qual só se completaria quando a voz fosse posta em movimento, ou melhor dizendo: posta e repostada em processo de atenção, silêncios, manejo e reescritas.

Escrever um roteiro de podcast nos permitiu aprender a ordenar o pensamento e a organizar os argumentos de forma clara, coesa e envolvente, para despertar no ouvinte o interesse em permanecer conectado.

Entrar na sala de gravação com convidados ou de forma individual, fosse ela presencial ou virtual, era sempre uma travessia. O coração acelera, a respiração precisa ser controlada e a voz, nossa principal ferramenta, exigia cuidado e preparação antecipadamente. Muitas vezes, a gravação é improvisada com o uso de microfones simples, conexões instáveis, ruídos inesperados. Ainda assim, cada obstáculo se transformava em aprendizado de adaptabilidade e um terreno fértil para o desenvolvimento de uma série de competências e habilidades socioemocionais — ou, dito de outra forma, as *soft* e *hard* skills.

Ali, percebemos que comunicar é um ato de coragem: lida com o factual e com o racional em seu grau máximo. Isso se dá entre o engajamento, os métodos e as letras críticas da realidade, por meio de uma postura ativa de quem está gravando. Convidados, professores, estudantes e profissionais compartilhavam suas histórias, num processo mútuo que nos permitia aprender a ouvir, enquanto também era necessário falar (Adler, 2014). A mediação das gravações, protagonizada pelo estudante-bolsista, orientava sobre o uso necessário de uma comunicação não-violenta (Rosenberg, 2021) e da linguagem simples

(Roedel, 2024) para ser mais do que um diálogo técnico e, sim, um exercício de alteridade.

Nesse processo, descobrimos que a escrita não morria no papel, já que renascia no som, e que cada palavra escolhida carregava o peso da responsabilidade de informar, de emocionar e de formar. Ou, como assevera João Cabral de Melo Neto (2015): “Acho que tanto o poeta como o prosador são responsáveis diante do resto da humanidade, compreende?, pelo que dizem. [...]”.

Terminada a gravação, iniciamos o ritual da edição para publicação. Cortar silêncios, ajustar ruídos, escolher trilhas sonoras eram detalhes escolhidos para um cuidado estético e pedagógico. Ou, a edição da gravação do podcast tratava-se de uma espécie de jogo de quebra-cabeça, em que cada parte, transições sonoras, fundos musicais reconhecia cada unidade e sua importância. Assim, percebíamos o todo, ou seja, a voz em unidade temática e em alta qualidade do produto digital gerado para ser ouvido e compreendido por qualquer indivíduo. Queríamos que cada ouvinte tivesse a sensação de estar presente na conversa. Não buscávamos perfeição no manejo tecnológico, mas a clareza e didática na exposição do conteúdo, assim como desenvolver e aprimorar habilidades de comunicação escrita e oral no agente ativo da gravação.

A edição nos ensinou paciência, a artesanania do trabalho intelectual e, acima de tudo, o exercício pleno da atenção.

Descobrimos que a comunicação não é imediata: exige tempo, revisão e atenção. No fundo, editar era também reescrever: dar nova forma à palavra já dita. Esse processo nos fez compreender a importância do rigor técnico aliado ao compromisso ético com quem escuta e com quem nos confiou suas palavras, seu tempo e sua vida, articulados pelo argumento e pelas mídias digitais.

Sendo assim, recai sobre nós, autores, ouvintes, escritores e editores, o dever ético de lidar com as verdades do discurso científico, promover uma educação comprometida com os bens públicos e com a formação de qualidade, eticamente responsável. Esse compromisso também implica enfrentar os desafios impostos pela desinformação, que compromete o debate público e enfraquece a confiança social no conhecimento. Ao mesmo tempo, é fundamental reafirmar a defesa da liberdade de expressão como princípio democrático e essencial, assegurando que o diálogo se mantenha aberto, plural e fundamentado em evidências.

Chegamos ao fim na narração das vivências em torno do projeto de Extensão “Podcast em Pauta” com a sensação de que nada termina. Os episódios gravados permanecem como acervo, ecoando vozes que falam de saúde mental, direito animal, inclusão, inteligência artificial, literatura, questões étnico-raciais, administração, psicologia, secretariado executivo, direito e tantos outros temas que atravessam nosso tempo.

Com isso, a UFPB vai se perpetuando na vida dos produtores e ouvintes do podcast, pois não construímos somente um podcast: construímos memórias.

As métricas de alcance das reproduções no Spotify em diversos países, as visualizações no Instagram, bem como as interações nas redes são importantes. Mas o que mais nos marca são as vozes que se reconhecem e se identificam nesses diálogos. Nos marca os desafios superados por cada convidado e a disposição em levar o conhecimento produzido para várias partes do mundo. Nos marca perceber a oportunidade concomitante que concedemos aos nossos convidados: ora são produtores do podcast, ora são consumidores.

Defendemos, assim, que a extensão universitária não é algo separado do mundo, mas um elo vital. A experiência do “Podcast em Pauta” nos mostrou que a UFPB vai além de um espaço físico de corredores, salas e pátios, se eternizando por meio de ondas sonoras, de plataformas digitais, de redes que conectam diversos saberes de forma regional, nacional e internacional.

Para celebrar os 70 anos da UFPB, este ensaio conclui dizendo:

- i. Professores passaram a usar os episódios em sala de aula como recurso de ensino-aprendizagem;

- ii. Reconhecimento do projeto com o recebimento do Prêmio Elo-Cidadão em 2025;
- iii. Participação e justiça ao falar e escutar em que a educação deve formar cidadãos críticos que contribuam para sociedades mais justas, inclusivas e democráticas (ODS 16);
- iv. Tecnologia, cultura e arte como pontes que interligam o digital, a cultura e a estética, ampliando o alcance da universidade e aproximando-a da sociedade, valorizando a diversidade de expressões;

Portanto, em uma quase despedida, preserva-se a memória institucional da UFPB com o acervo digital que fica: episódios gravados, diálogos tecidos, vozes que não se apagam. Que continuem a ecoar como testemunho de que a Universidade Federal da Paraíba fala, escuta e aprende com a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ADLER, M. J. **Como falar, como ouvir**. São Paulo: É Realizações, 2014.
- ROEDEL, P. **Manual de linguagem simples**: como planejar, desenvolver e testar textos que funcionam. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2024.
- ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2021.



Memória viva

Chegamos ao termo destas páginas, mas não ao fim da história. A UFPB, como toda instituição feita de gente, continua viva nos passos de quem por ela transitou: professores que ensinaram, estudantes que aprenderam (e ensinaram também), servidores que sustentaram a rotina administrativa, amigos e famílias que lhe deram calor humano.

Aqui, caro leitor, a pena passa para a sua mão. Estas páginas em branco não são descuido, são desígnio. Foram deixadas para que você as preencha com lembranças, confissões, anotações ou mesmo silêncios que falam. Pode escrever, colar fotografias, traçar desenhos...tudo vale, contanto que seja seu. Assim, este volume se torna mais do que livro: converte-se em memória única, feita à sua medida.

Não se acanhe. Quem escreve, dá forma ao tempo; quem dedica, prolonga a vida; quem guarda no papel, oferece ao futuro um presente. Que estas folhas brancas se transformem, pela sua mão, em mais um capítulo da universidade que ora festejamos.

Um convite da Editora Universitária da UFPB.



Aqui começa a minha lembrança...



Um encontro que marcou a minha vida na UFPB



Uma memória para o futuro



Pessoas que marcaram a minha trajetória



O que quero guardar deste tempo

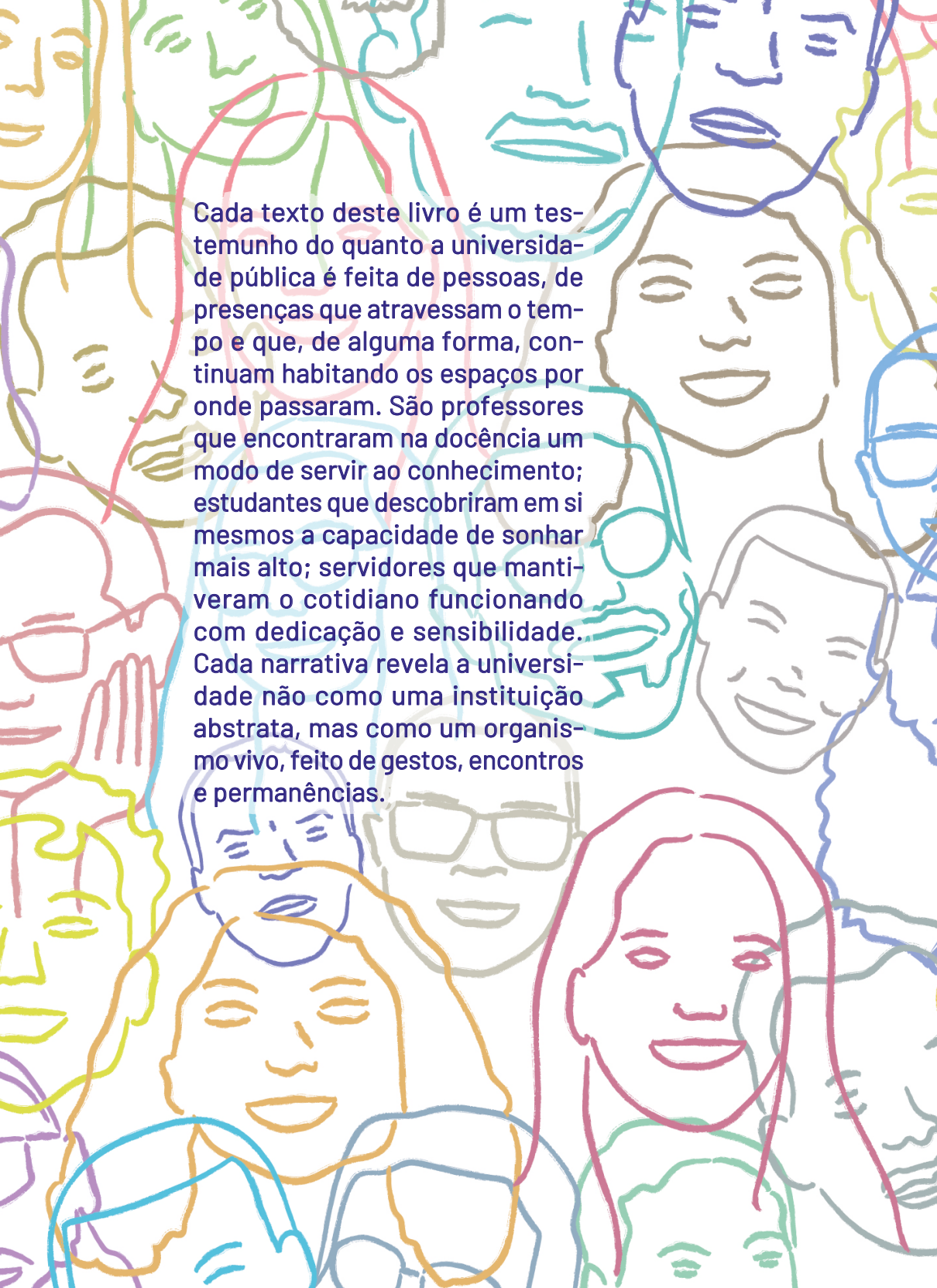


Dedico este livro a...



Minha UFPB em desenho, imagem ou palavra





Cada texto deste livro é um testemunho do quanto a universidade pública é feita de pessoas, de presenças que atravessam o tempo e que, de alguma forma, continuam habitando os espaços por onde passaram. São professores que encontraram na docência um modo de servir ao conhecimento; estudantes que descobriram em si mesmos a capacidade de sonhar mais alto; servidores que mantiveram o cotidiano funcionando com dedicação e sensibilidade. Cada narrativa revela a universidade não como uma instituição abstrata, mas como um organismo vivo, feito de gestos, encontros e permanências.